



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

---

**MÍRIA IZABEL CAMPOS**

**TEMPOS DE ESCRITAS: MEMORIAIS DE INFÂNCIA, DOCÊNCIA E  
GÊNERO**

**DOURADOS-MS  
2018**

**MÍRIA IZABEL CAMPOS**

**TEMPOS DE ESCRITAS: MEMORIAIS DE INFÂNCIA, DOCÊNCIA E  
GÊNERO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Grande Dourados como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação. Linha de Pesquisa: História da Educação, Memória e Sociedade.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Magda Sarat.

**DOURADOS-MS  
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

C198t Campos, Miria Izabel  
TEMPOS DE ESCRITAS: MEMORIAIS DE INFÂNCIA, DOCÊNCIA E GÊNERO  
/ Miria Izabel Campos – Dourados: UFGD, 2018.  
188f. : il. ; 30 cm.  
  
Orientadora: Magda Sarat  
  
Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Grande Dourados.  
Inclui bibliografia  
  
1. História da Educação. 2. Abordagens (auto)biográficas. 3. Histórias de mulheres. 4. Educação no M.S. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



**UFGD**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ATA DA DEFESA DE TESE DE DOUTORADO APRESENTADA PELA CANDIDATA **MÍRIA IZABEL CAMPOS**, ALUNA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO, ÁREA DE CONCENTRAÇÃO "HISTÓRIA, POLÍTICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO".

Aos nove dias do mês de março de dois mil e dezoito, às oito horas da manhã, em sessão pública, realizou-se, na sala 10, da Faculdade de Educação, Unidade da Universidade Federal da Grande Dourados, a Defesa de Tese de Doutorado intitulada "TEMPOS DE ESCRITAS: MEMORIAIS DE INFÂNCIA, DOCÊNCIA E GÊNERO", apresentada pela doutoranda **MÍRIA IZABEL CAMPOS**, do Programa de Pós-Graduação Doutorado em Educação, à Banca Examinadora constituída pelos membros Dra. Magda C. Sarat Oliveira /UFGD (presidente/orientador), Dra. Maria Teresa Santos Cunha /UDESC (membro titular), Dr. Tony Honorato /UEI (membro titular), Dra. Alessandra Cristina Furtado /UFGD (membro titular) e Dra. Morgana de Fátima Agostini Martins /UFGD (membro titular). Iniciados os trabalhos, a presidência deu a conhecer a candidata e aos integrantes da Banca as normas a serem observadas na apresentação da Tese. Após a candidata ter apresentado a sua Tese, os componentes da Banca Examinadora fizeram suas arguições, que foram intercaladas pela defesa do candidato. Terminadas as arguições, a Banca Examinadora, em sessão secreta, passou aos trabalhos de julgamento, tendo sido a candidata considerada APROVADA, fazendo jus ao título de DOUTORA EM EDUCAÇÃO. Nada mais havendo a tratar, lavrou-se a presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

Dourados, 10 de abril de 2018.

Dra. Magda C. Sarat Oliveira

Dra. Maria Teresa Santos Cunha

Dr. Tony Honorato

Dra. Alessandra Cristina Furtado

Dra. Morgana de Fátima Agostini Martins

Esta ata, para produzir os efeitos que lhes são próprios, necessita ser homologada pela Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa da UFGD.

ATA HOMOLOGADA EM: \_\_/\_\_/\_\_, PELA PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA / UFGD.

Profª Kely de Picoli Souza  
Pró-Reitora de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa  
Matrícula SIAPE nº 1641876

*Dedico este trabalho a todas as  
mulheres/acadêmicas, cujos Memoriais  
de infância me possibilitaram viver a  
aventura de escrever uma Tese.*

*E aprendi que se depende sempre  
De tanta, muita, diferente gente  
Toda pessoa sempre é as marcas  
Das lições diárias de outras tantas pessoas  
E é tão bonito quando a gente entende  
Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá  
E é tão bonito quando a gente sente  
Que nunca está sozinho por mais que pense estar*

Gonzaguinha<sup>1</sup>

Escrever é experiência solitária. Escrever uma tese, não é diferente, em muitos sentidos. Mas, obviamente, como escreveu o poeta somos as marcas “de tanta, muita, diferente gente”. Sendo assim, quero agradecer às pessoas que não me deixaram sozinha nestes *Tempos de escritas*. Dentre tantas outras com as quais aprendi,

Professora Doutora Magda Sarat, orientadora, afetosamente eu agradeço, por ter aceitado estar comigo em mais este desafio, mesmo sabendo dos meus entraves. Doe, mas cresci. Até porque, crescer dói.

Professoras/es do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Faculdade de Educação (FAED), da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), obrigada por todos os ensinamentos imprescindíveis à minha formação de pesquisadora.

Professoras Doutora Alessandra Cristina Furtado, Doutora Maria Teresa Santos Cunha, Doutora Marisa de Fátima Lomba de Farias, Doutora Morgana de Fátima Agostini Martins e ao Professor Doutor Tony Honorato, agradeço por aceitarem participar da Banca Examinadora e por se ocuparem com a leitura do Relatório de Qualificação e pelo encaminhamento de sugestões relevantes e significativas para a (re)construção da tese.

Larissa, presença amiga, constante, incentivadora, a quem especialmente agradeço e repito, como na trajetória para o Mestrado em Educação, não consigo imaginar estes *Tempos* sem nossos diálogos e partilhas. É muito bom ter você por perto, sempre.

Colegas e parceiras/os do Grupo de Pesquisa Educação e Processo Civilizador (GPEPC), agradeço pelas oportunidades de estudos, discussões e debates tão importantes para a (re)elaboração de conceitos.

Colegas da primeira turma de doutorado em Educação da UFGD, Giovani, Grazielly, Márcia, Marianne, Nubea, Simone e Washington, obrigada pela companhia e colaboração na construção do conhecimento.

Alzira, Giana, Jane, Juliane, Marisa e Paula, pois juntas formamos o “Grupo das Sete” amigas, parceiras, mulheres de/na luta cotidiana por respeito, dignidade, igualdade, liberdade. Obrigada por me acolherem e repartirem comigo a força e a garra de vocês.

---

<sup>1</sup> GONZAGUINHA. Caminhos Do Coração. In: **Álbum Caminhos Do Coração**. Disponível em: <https://www.letras.com.br/gonzaguinha/caminhos-do-coracao>. Acesso em: 8 fev. 2018.

Fernanda Santos Lima, Kleber Ferreira da Silva e Valquiria Lopes Martinez, funcionárias/o do PPGEduc, agradeço pelas informações, orientações e apoio nos expedientes administrativos.

Minha família, que lá das “montanhas”, comanda e emana tudo de melhor para minha vida.

*Às mulheres, presentes...Sempre!*

*Menina, mulher, morte*

*Assombro*

*Ritos*

*Igualdade*

*Encantos*

*Liberdade*

*Lutas*

*Encontros*

*Fazer, fiar, fatal*

*Ranger*

*Afetar*

*Negar*

*Calar*

*Ontem*

*Para a História não apagar...Nunca!*

CAMPOS, Míria Izabel. **Tempos de escrita:** Memoriais de infância, docência e gênero. 188f. Tese (Doutorado em Educação – Linha de Pesquisa: História da Educação, Memória e Sociedade). Universidade Federal da Grande Dourados. Programa de Pós-Graduação em Educação. Dourados/MS, 2018.

## RESUMO

A pesquisa teve como objetivo inventariar um arquivo pessoal para conhecer, descrever e apreender as marcas da educação feminina escritas em memoriais de infância (auto)biográficos, por mulheres/acadêmicas do curso de Pedagogia, problematizando questões de gênero. Foram utilizados, para as análises, os conceitos de figuração, interdependência e poder desenvolvidos por Norbert Elias, sociólogo alemão (1897 - 1990), bem como a abordagem (auto)biográfica em suas interfaces com o campo educativo. O *corpus* documental da investigação ficou constituído por histórias de 20 mulheres/acadêmicas nascidas nas décadas de 1980 e 1990, nas cidades de Amambai, Caarapó, Dourados, Fátima do Sul, Glória de Dourados e Rio Brillhante do estado de Mato Grosso do Sul, estudantes do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, tendo elas cursado disciplinas relativas à infância e educação infantil nos anos de 2013, 2014, 2016 e 2017. O estudo pretendeu somar-se ao grande número de trabalhos que vêm sendo desenvolvidos, a partir da abordagem (auto)biográfica nos últimos anos, no Brasil, porém construindo um viés diferenciado, a partir do momento em que utilizou memoriais de infância e história de mulheres ainda em processo de formação inicial. A tese defendida vem ao encontro da perspectiva de que a consciência que o indivíduo tem de si está em interdependência com a dinâmica relacional de funcionamento das figurações sociais, que são permeadas pelo poder em uma perspectiva de longa duração do/no processo civilizador. Por esse enquadramento, os memoriais de infância das mulheres/acadêmicas revelaram tensões e, conseqüentemente, a busca de um equilíbrio de forças nas diferentes figurações das/nas quais elas viveram, constituíram e foram constituídas. Em suas histórias, as marcas das infâncias ora foram lembradas, ora esquecidas, pois a memória cuidou de abrir e/ou fechar as lacunas, reverberando um movimento que pode ser entendido como busca para sobreviver e continuar. Muitas recriaram infâncias repletas de cuidados, afetos, quando estiveram bem próximas das mães, pais, irmãs e irmãos, avós, amigos, professoras, colegas, o que repercutiu em segurança e autoestima positiva. Em contrapartida, algumas delas escreveram que, por vezes, foram renegadas, negligenciadas, agredidas, esquecidas; experienciaram desigualdades de geração e gênero, indicando um grande desequilíbrio de poder entre crianças e adultos e entre meninas e meninos. À guisa de conclusão, aponta-se que escrever memoriais de infância constituiu-se em um caminho para contornar o silêncio das mulheres/acadêmicas, o que possibilitou compreender a educação feminina, bem como pensar a docência na Pedagogia ressignificando o lugar da mulher na profissão, na perspectiva de ser alguém que possa efetivamente contribuir para a mudança de gerações futuras, cuidando e educando meninas e meninos de maneira igualitária.

**Palavras-chave:** História da Educação; Abordagens (auto)biográficas; Histórias de mulheres; Educação no Mato Grosso do Sul.

CAMPOS, Míria Izabel. **Writing times:** Childhood memorials, teaching and gender. 188p. Dissertation (Doctor's Degree in Education – Line of Research: Education History, Memory and Society). Universidade Federal da Grande Dourados. Post-Graduation Program in Education. Dourados/MS, Brazil, 2018.

### ABSTRACT

This research aimed at inventorying a personal archive in order to learn, describe and understand the signs of female education, written in (self)biographic childhood memorials by women taking the graduation course in Pedagogy, problematizing genre issues. For the analyzes, the concepts of figuration, interdependence and power developed by the German sociologist Norbert Elias (1897 - 1990), as well as the (self)biographic approach in its interfaces with the educational field were used. The documental investigation *corpus* was composed of histories of 20 women, born in the 1980s and 1990s, in the following Brazilian towns: Amambai, Caarapó, Dourados, Fátima do Sul, Glória de Dourados and Rio Brillhante, all in Mato Grosso do Sul state. All of those women were undergraduates studying Pedagogy at the Education Faculty of *Universidade Federal da Grande Dourados* (“Federal University of Grande Dourados”). They all had studied the disciplines concerning childhood and child education in the years of 2013, 2014, 2016 and 2017. The study sought to add to the great number of works that have been developed from the (self)biographic approach in Brazil, being constructed, however, from a different point of view, once it used childhood memorials and the history of women still in process of their initial education as teachers. The thesis defended is in accordance with the perspective that the awareness that the individual has of him/herself is interdependent of the relational dynamics of the workings of the social figurations, which are permeated by the power in a long-term perspective of/in the civilizing process. Within that view, the women/undergraduates’ childhood memorials reveal tensions, and, consequently, the search for a balance of forces in the different figurations of/in what they lived, constituted and were constituted. In their histories, their childhood signs were sometimes remembered, sometimes forgotten, for the memory opened and/or closed the gaps, reverberation a movement that can be understood as the try to survive and keep living. Many of them recreated childhoods full of care and affection, when they were very close to their mothers, fathers, sisters and brothers, friends, teachers, classmates, which ended up in confidence and positive self-esteem. Nevertheless, some of them wrote that, sometimes, they were neglected, attacked, forgotten; they experimented inequality of generation and gender, indicating a great unbalance of power between children and adults and between boys and girls. Towards some conclusion, it can be said that writing childhood memorials constituted a way to frame the silence of those women/undergraduates. It allowed us to understand the female education, as well as to think of the teaching in Pedagogy with the re-signification of the woman’s place in that profession, in the perspective of being someone who can effectively contribute to changes of future generations, caring for and educating girls and boys in an egalitarian way.

**Key-word:** Education History; (Self)Biographic Approaches; Women’s history; Education in Mato Grosso do Sul.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Arquivo pessoal da professora/pesquisadora: representação Tabela 4.....	86
Gráfico 2- Representação do arquivo pessoal com os recortes para a pesquisa.....	90

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Eu com 08 meses, março de 1961.....	14
Figura 2- Os cinco irmãos, 1969.....	14
Figura 3- Eu e minha irmã Lu, março de 1961.....	16
Figura 4- Minha Recordação Escolar, 1971.....	18
Figura 5- Eu na formatura do 4º ano, com a Paraninfa da turma Profª Isabel Francisca de Carvalho, 1971.....	19
Figura 6: Eu na formatura do 4º ano, com a Profª Maria Gislene dos Santos, 1971.....	20
Figura 7: Minha Primeira Comunhão, 1967.....	22
Figura 8: Clube Atlético Pompeano (CAP), 1981.....	23
Figura 9- Arquivo pessoal - primeiras caixas.....	76
Figura 10- Arquivo pessoal - quase completo.....	76
Figura 11- Arquivo pessoal - completo.....	77
Figura 12- Arquivo pessoal - documentos inventariados e reorganizados.....	79
Figura 13- Mapa estado de Mato Grosso do Sul: cidades de origens das mulheres/acadêmicas.....	95
Figura 14- Centro Pedagógico de Dourados.....	100
Figura 15- Faculdade de Educação na Unidade II da UFGD.....	102

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Memoriais de infância - alunos/alunas do mestrado em Educação - Pós-Graduação/FAED/UFGD.....	82
Tabela 2 - Memoriais de formação - alunos/as da graduação em Pedagogia/UFGD.....	83
Tabela 3 - Memoriais de infância - alunos/as da graduação em Pedagogia/UFGD.....	84
Tabela 4 - Arquivo pessoal da professora/pesquisadora.....	86

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- A pesquisa de mestrado e seus desdobramentos.....	32
Quadro 2- Os trabalhos de orientação (TCCs e TGs) e suas publicações.....	33
Quadro 3- Palestras e oficinas.....	36
Quadro 4- Teses defendidas a partir de abordagens (auto)biográficas.....	52
Quadro 5- Dissertação/Teses defendidas a partir de Norbert Elias e sobre arquivo pessoal.....	55
Quadro 6- Grupos de Trabalho e temáticas na disciplina <i>Temas Emergentes em Educação</i> .....	85
Quadro 7- Memoriais de infância: <i>Corpus</i> documental.....	91
Quadro 8- <i>Corpus</i> documental: caracterização por décadas, cidades de origem, anos nascimento das mulheres/acadêmicas.....	93
Quadro 9- Caracterização das cidades por ano de fundação/emancipação.....	98
Quadro 10- Caracterização das cidades décadas/população.....	98
Quadro 11- Memoriais de infância 2013.....	105
Quadro 12- Memoriais de infância 2014.....	106
Quadro 13- Memoriais de infância 2016.....	107
Quadro 14- Memoriais de infância 2017.....	108
Quadro 15- Figurações.....	115

## SUMÁRIO

<b>1 APRESENTAÇÃO: TEMPOS PARA CHEGAR AQUI</b> .....	12
1.1 Memorial de infância.....	14
1.2 Memorial de formação.....	24
<b>2 INTRODUÇÃO: TEMPOS DA PESQUISA</b> .....	39
<b>3 TEMPOS DE GUARDAR E DESCOBRIR: AS CAIXAS DA PROFESSORA</b> ..	58
3.1 Arquivo pessoal: história das fontes.....	63
3.2 Memoriais de infância: <i>corpus</i> documental.....	88
<b>4 TEMPOS DAS MULHERES/ACADÊMICAS: ESCREVER MEMORIAIS DE INFÂNCIA</b> .....	109
4.1 Infância na família.....	115
4.2 Infância na escola.....	136
4.3 Infância feminina e infância masculina.....	147
<b>5 CONSIDERAÇÕES: TEMPO PARA CONTINUAR</b> .....	156
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	160
<b>FONTES</b> .....	173
<b>ANEXO A</b> .....	174
<b>ANEXO B</b> .....	175
<b>APÊNDICE A</b> .....	176
<b>APÊNDICE B</b> .....	179
<b>APÊNDICE C</b> .....	182
<b>APÊNDICE D</b> .....	185

## 1 APRESENTAÇÃO: TEMPOS PARA CHEGAR AQUI

*Tempo, tempo, tempo, tempo  
Nas rimas do meu estilo*

Caetano Veloso<sup>2</sup>

A minha dissertação de mestrado, *Memórias de infância de professoras da Educação Infantil: gênero e sexualidade*, defendida em 3 de maio de 2010 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), na Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), traz na *Introdução* o subtítulo: *Tempos e Lugares de Lembrar...* E ela começa com o seguinte parágrafo:

Ao iniciar a escrita desta dissertação é importante apresentar o relato de uma caminhada e dizer de “dois tempos”: um primeiro mais longínquo, de anos vividos nas “montanhas de Minas”; e outro mais próximo, agora ambientado nas “planícies Sul-mato-grossenses<sup>3</sup>” Dois momentos ligados por um fio e muitos desafios: trabalhar com a infância e a Educação Infantil (CAMPOS, 2010, p. 1).

Naquele momento, ao escrever o texto, meu olhar se voltou para a história da minha formação inicial na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), quando busquei construir encadeamentos para explicitar acerca dos caminhos trilhados os quais, no meu entendimento, faziam sentido com a pesquisa que eu empreendia. Para Larrosa (2003, p. 47), “[...] o escritor não inventa, não descobre, nem desmascara. O que o escritor faz é reencontrar, repetir e renovar o que todos e cada um já sentimos e vivemos, o que nos pertence de mais peculiar [...]”.

Neste tempo da pesquisa para o doutorado em Educação, trabalhar com a infância e a educação infantil continua sendo meu desafio. Posto isto, nas “*rimas do meu estilo*”, estilo de escrever, de viver e de ser, eu me apresento a vocês em dois momentos, a saber. Primeiramente, mostro meu *Memorial de infância*, que escrevi no ano de 2008, como atividade solicitada na disciplina *História da Infância e da Educação Infantil*, ministrada pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Magda Sarat, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado em Educação na FAED/UFGD. Em seguida, trago

<sup>2</sup> VELOSO, Caetano. **Música Oração ao Tempo**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44760/>. Acesso em: jul. 2009.

<sup>3</sup> Geograficamente a cidade de Dourados está situada em área de planalto de Mato Grosso do Sul, sendo as planícies encontradas na região pantaneira do estado. Mas aqui eu peço uma “Licença Poética” para utilizar as “planícies” em contraponto às “montanhas”.

meu *Memorial de formação*, construído especialmente para esta *Apresentação*, no qual sobrelevo o meu encontro com a temática de gênero e sexualidade, pois essa história tem sido uma rica experiência de formação pessoal e profissional.

Como escreve Souza (2011, p. 2013):

Vida e profissão estão imbricadas e marcadas por diferentes narrativas biográficas e autobiográficas, as quais demarcam um espaço onde o sujeito, ao selecionar lembranças da sua existência e ao tratá-las na perspectiva oral e/ou escrita, organiza suas ideias, potencializa a reconstrução de sua vivência pessoal e profissional de forma autorreflexiva e gera suporte para compreensão de suas experiências formativas.

Nessa composição, assumindo a perspectiva teórico-metodológica da pesquisa (auto)biográfica, eu destaco mais uma vez Souza (2006, p. 24), quando o autor explicita que “[..] a história de vida como um relato oral ou escrito, recolhido através de entrevista ou de diários pessoais, objetiva compreender uma vida, ou parte dela, como possível para desvelar e/ou reconstituir processos históricos [...]”. Nesse sentido, a infância, “como parte da vida” poderá se pronunciar como um período marcante na formação do indivíduo, no qual as vivências e relações estabelecidas poderão se expressar como significativas em outras etapas *a posteriori*.

Marie-Christine Josso, em seu texto “As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras”, também contribui com a minha decisão de aqui apresentar meu *Memorial de Infância*, ao chamar a atenção para o fato de não haver “[...] ser humano que não esteja, religado, ligado, nem que seja simbolicamente como Robinson Crusoe<sup>4</sup>” (JOSSO, 2006, p. 373). E, nessa perspectiva, pensando com Elias (2012, p. 470), é importante enaltecer que “[...] as crianças formam um grupo social particular”, mas vivem em interdependência com os adultos.

Em vista desses amálgamas, eu concordo que:

Revisitar sua [minha] história, juntamente com o que guia, no momento presente, esta retrospectiva para extrair dela o que pensamos ter contribuído para nos tornarmos o que somos, o que sabemos sobre nós mesmos e nosso ambiente humano e natural e tentar compreender

---

<sup>4</sup> O livro intitulado *As aventuras de Robson Crusoe*, do autor Daniel Defoe, conta a história de um marinheiro inglês, que se perde no mar devido a uma tempestade. Indo parar em uma ilha, a quem apelidou de Ilha do Desespero, sobrevive nela por anos sozinho, até encontrar outras pessoas e voltar à Inglaterra.

melhor, é o primeiro desafio da pesquisa dos elos que nos deram forma (JOSSO, 2006, p. 376, acréscimo meu).

### 1.1 Memorial de infância<sup>5</sup>

*Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
Minha mãe ficava sentada cosendo.*

*E eu não sabia que minha história  
era mais bonita que a de Robinson Crusóe.*

Carlos Drummond de Andrade<sup>6</sup>

**Figura 1:** Eu com 08 meses, março de 1961      **Figura 2:** Os cinco irmãos, 1969



**Fonte:** Acervo pessoal



**Fonte:** Acervo pessoal

A segunda, entre os cinco irmãos (3 meninas e 2 meninos), nasci, como conta mamãe, em uma madrugada gelada no interior de Minas Gerais, na cidade de Pompéu, às duas horas da manhã do dia 2 de julho de 1960. Nasci em casa, pelas mãos da parteira “Vovó Regina” e mamãe quase se foi... teve uma enorme hemorragia.

<sup>5</sup> Cabe destacar que as fotos - figuras - foram colocadas para esta *Apresentação* e pertencem a acervo pessoal.

<sup>6</sup> ANDRADE, Carlos Drummond. Infância. In: **Antologia Poética**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/460647/>. Acesso em: 7 fev. 2018.

Como já tinham uma menina (minha irmã Lu), papai ficou decepcionado com o fato de ser outra filha e nem me olhava e só me pegou no colo muito mais tarde. Só vim saber disso quando cursava Psicologia e fui fazer uma ‘entrevista com mamãe’. Como não sabia de nada disso, de alguma forma deve ter me afetado pouco, pois tive uma infância bem feliz e nunca me considereei ‘rejeitada’.

Papai era marceneiro e mamãe sempre trabalhou em casa. Além de cuidar dos cinco filhos, dos afazeres do dia a dia, também costurava e bordava. Ela sempre fala que nós nos criamos. ‘Era tanto serviço... tanto menino...’ Mas sempre senti sua presença! Aliás, ela nos levava na pracinha para brincar e tomar sol pela manhã e, à noite, lia ‘As Mais Belas Histórias’ e ‘As Mais Belas Poesias’ para todos os filhos ao seu redor. Em 1970, para a Copa do Mundo, papai comprou televisão para nossa casa. Aí um pouco disso se foi...

Minhas primeiras lembranças são da nossa casa amarela, grande, nova, bonita. Do quintal, dos vizinhos, da rua, das ‘artes’ (em Pompéu, fazer coisa errada, aprontar, é fazer arte); e muito dos nossos parentes: avós, tios, primos. Nossa casa era bem no centro e todos estavam sempre indo lá.

Morei nessa casa até completar quatro anos e tenho *flashes* dessa época:

\_A beija-flor presa na copa e todos nós envolvidos no salvamento;

\_Da ‘arte’ de sair na chuva de caxumba, com aquele lenço horroroso segurando o queixo, só para ver as barreiras criadas por nossos vizinhos na enxurrada;

\_Do dia que já estava toda pronta para sair e levei um banho (água jogada pela minha tia Cecília) porque desobedeci e fui brincar detrás do pé de jabuticaba;

\_Do dia que o Paulinho (ele não tinha nem dois aninhos) cortou a língua com lâmina (*Gillete*) do barbeador do papai e foi aquele alvoroço;

\_Eu tossindo muito, demais mesmo. Mamãe diz que é porque eu estava com coqueluche: ‘Tossia até, voltava tudo que comia e aí ficou bem magrinha e não engordou mais’.

Desde muito cedo me lembro dos nossos avós, maternos e paternos. Sempre fomos muito ligados e convivemos muito com eles. Aos domingos revezávamos às visitas: um domingo no sítio do vovô ‘Nezinho’ e da vovó Anália; o próximo na casa do vovô Joaquim e da vovó Tereza. Meus padrinhos de batismo eram minha avó materna com meu avô paterno (o ‘outro casal’ era padrinho da minha irmã).

Aliás, eu e a Lu fomos criadas bem juntas (na ordem dos filhos somos nós duas, depois Vicente e Paulo e, por último, a caçulinha Mercês Eliane – Lianinha, sempre).

Tudo que uma tinha, a outra tinha que ter; o que uma fazia a outra tinha que fazer; uma só saía se a outra também pudesse ir; e isto foi até a adolescência e era regra do papai e da mamãe. Para eles isto era proporcionar tratamento igual para os filhos.

**Figura 3:** Eu e minha irmã Lu, março de 1961



**Fonte:** Acervo pessoal

Como registrei anteriormente, ‘curtimos’ muito as casas dos nossos avós e me lembro desde muito cedo de suas presenças na minha infância. Inclusive de ir para casa de nossos avós paternos quando meu irmão Paulinho nasceu. Nossa prima nos buscou porque não podíamos ficar em casa. Mistério.... Já com a minha irmã caçula não deu tempo. Só corremos para a casa da tia Cecília, que era do lado da nossa. E minha irmã Lu conta, toda sabida, que ouviu o choro do neném e que já sabia tudo sobre o nascimento dos bebês. Mamãe diz: ‘eu só encostei e o neném escorregou’. Quando ‘Vovó Regina’ chegou Lianinha já estava no cantinho da cama.

Aos 4 anos de idade, mudei de casa. Lembro-me da mudança, eu carregando a tampa do filtro que deixei cair e quebrou. Ainda existe esse filtro na casa da mamãe, e até hoje com uma tampa improvisada.

Era uma casa nova (papai que construiu também), grande, de construção mais simples, bem perto da outra. Mas com um quintal tão enorme, mas tão enorme... que ele passou a ser nosso lugar favorito para brincar, receber os amigos e passar o dia todo comendo todas as frutas que se pode imaginar em cada época do ano. Papai e mamãe

preferiam todos os amigos na nossa casa, a nós irmos para a casa deles. Eles diziam que era ‘para não incomodar’. Foi nesse quintal que eu dei ‘minhas primeiras aulas para os pés de abacaxi’.

Mas pensa que casa grande era sinônimo de filhos em seus quartos... Não! Todos dormiam com papai e mamãe. Quando mudamos, eu passei a dormir no quarto sozinha e isso era motivo dos maiores elogios a cada visita de parente. Sozinha, porque minha irmã Lu dormia com nossa tia Cecília, que, aliás, sempre morou conosco, no mesmo lote, mas em casa separada. Ela era tia do papai e por ser solteira, ele, como filho mais velho, ia dormir com ela para fazer-lhe companhia. E com essa história, um belo dia mudou-se para a casa dela, definitivamente.

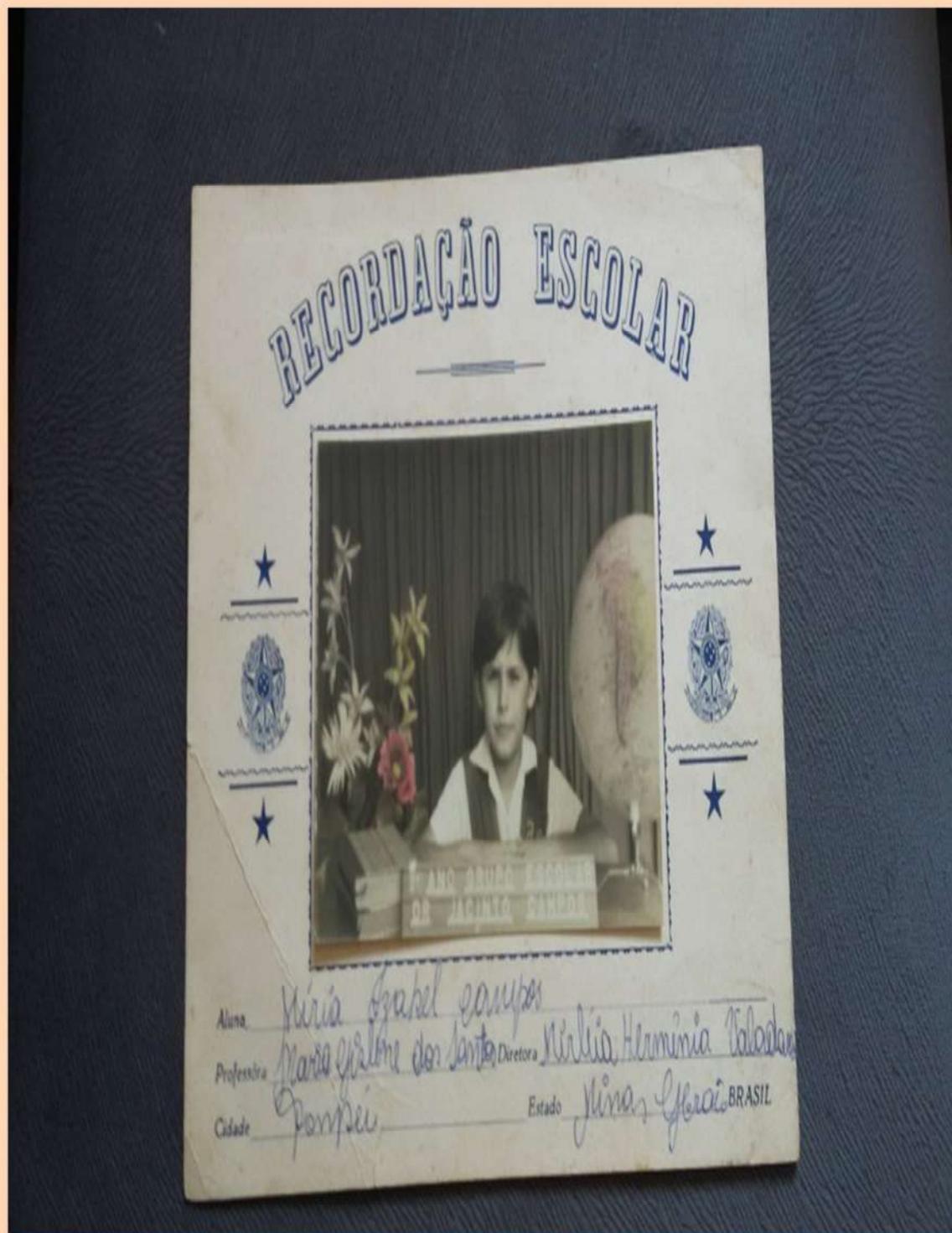
Nossa tia Cecília era muito especial, amada por nós e por todos da família. Era uma referência de mulher trabalhadora, que nunca dependeu de ninguém, religiosa, que nunca se casou, não teve filhos, mas sempre era chamada a ‘tomar conta das meninas e moças’ quando os pais precisavam se ausentar. Foi com ela que aprendemos a amar as plantas. Ela nos ensinou tudo: preparar os canteiros, fofar a terra, capinar, plantar, podar, aguar e colher verduras, legumes, frutas e flores. Nós tínhamos jardins lindos, multicoloridos e muito cheirosos.

Como eu já escrevi, desde cedo eu gostava de brincar de escola. Minha irmã entrou para o “Grupo Escolar” dois anos antes de mim e eu virei “a aluna dela”. Quando entrei no 1º ano já sabia muito... e aí dei trabalho! Fazia tudo, rapidinho, tirava só dez nas matérias e nove em comportamento, pois ‘fazia muita arte’. Papai, que como já registrei era marceneiro, fez um ‘quadro negro’ e comprava giz para nós. Então tínhamos uma ‘escola’ em nossa casa.

Eu amava a escola, meus colegas e a professora, que, aliás, foi a mesma até o 3º ano (Dona Isabel). E isso foi sensacional. Ela não só me ensinou a ler e escrever, mas somou muito à formação moral, ética e de atitudes e posturas com minha família. Inclusive deu aula de educação sexual para nós, que no meu caso foi único, pois meus pais, nem pensar...

A minha vivência escolar tem algo de muito especial com relação aos colegas também, pois tive uma turma que caminhou junto até o ensino médio e só começamos a nos separar porque quem queria continuar os estudos deveria sair de Pompéu. E eu tive, também, aquela famosa amiga de escola ‘a Roseli’: não fazia nada sem ela, e vice-versa. Ela era muito divertida, alegre, bem moleca; e eu mais centrada, estudiosa. Onde uma pisava a outra já chegava junto. ‘Bons tempos’...

Figura 4: Minha Recordação Escolar, 1971



Fonte: Acervo pessoal

**Figura 5:** Eu na formatura do 4º ano, com a Parainfa da turma Profª Isabel Francisca de Carvalho, 1971



**Fonte:** Acervo pessoal

**Figura 6:** Eu na formatura do 4º ano, com a minha Profª Maria Gislene dos Santos, 1971



**Fonte:** Acervo pessoal

Na verdade, a vivência escolar me proporcionou anos de meninice e adolescência muito bons, com muitos passeios, atividades, viagens e alegrias. Infelizmente, durante um período tivemos disputas de notas, que é algo que hoje eu enxergo como muito negativo e causador de tensão – à época era incentivado e era motivo de muito orgulho de toda minha família.

Na verdade, penso que foi o caminho que encontrei para sobressair, já que minha irmã Lu era linda, extrovertida, simpática... e eu magricela, tímida, brava... Daí, fui estudar. Como eu disse, meus pais eram simples e só tinham estudado até o 4º ano. E todo o investimento deles era para os filhos estudarem. E eu sempre gostei, tive facilidade e recebi todo incentivo deles. Inclusive saí de Pompéu e fui estudar em Belo Horizonte, aos 17 anos, mesmo com eles enfrentando muitas dificuldades financeiras.

A escola para mim sempre foi motivo de muito investimento, não só nos estudos, mas toda uma vivência social. Através dela participava de muitas outras atividades que, com certeza, colaboraram na minha formação e me fizeram experimentar coisas diferentes e importantes para a minha vida toda.

Outra influência grande na minha infância foi a igreja. Fui batizada e, por muitos anos, frequentei assiduamente a Igreja Católica da minha cidade. Lembro-me das missas, das procissões, das festas, das barraquinhas, dos fogos, das bandas de música e até teatro eu vi pela primeira vez na Igreja. Mas nada marcou mais do que os cheirosos meses de maio com suas coroações a Nossa Senhora. Eu coroei pela primeira vez aos 4 anos e a Igreja veio abaixo: ‘pequenina, mas nem tanto...’ Precisei de banquinho para conseguir colocar a coroa na santinha. Realmente foi muito lindo! E até hoje eu me lembro do abraço que Tia Lídia (irmã da minha mãe) me deu quando descemos do altar, ‘os anjinhos’, e a felicidade de todos com o sucesso. E mamãe só se preocupava com a braveza do padre, pois eu não fiquei quieta um minuto sequer.

Da Igreja, lembro também, a cerimônia da minha Primeira Comunhão. Completei 7 anos de idade, coincidentemente, em um domingo, então fui toda de branco, com uma vela enorme para a missa comungar pela primeira vez. Mamãe tem a foto. E esse dia ficou especialmente guardado nas minhas lembranças porque a Dona Rufina (uma professora aposentada que era nossa vizinha) me deu um bolo lindo, com glacê cor de rosa, de presente.

**Figura 7:** Minha Primeira Comunhão, 1967



**Fonte:** Acervo pessoal

E este foi o único bolo que eu ganhei na minha infância, pois papai e mamãe não faziam festas de aniversário para os filhos. Nós tínhamos uma vida simples, nada nos faltava, mas não tínhamos luxo. As prioridades eram: estudo, saúde (implicando aí visita ao dentista de seis em seis meses, e tomar todas as vacinas que apareciam na cidade, pois éramos vizinhos do Hospital), casa, comida, roupas, calçados. Nós viajavamos com toda a família, de táxi, porque na minha infância papai não tinha carro, mas tinha bicicleta. E aí está uma característica bem marcante do papai e da mamãe: só iam a passeios e eventos se pudessem levar todos os filhos.

Outra presença bem marcante da minha infância foi a música. Fomos criados cantando muito, ouvindo música no rádio, indo a shows de música (tinha muito show no cinema e nos circos que iam à cidade; não perdíamos um). Tanto na família do meu pai, como na da minha mãe tinham pessoas envolvidas com coral, serenata, carnaval. Meu pai tocava pandeiro, além de ser treinador de time de futebol, o Clube Atlético Pompeano – CAP, e de ser atleticano (Clube Atlético Mineiro – CAM) ‘doente’. É daí meu gosto também pelo futebol, que carrego até hoje, o que, normalmente, não é uma característica muito presente nas mulheres.

**Figura 8:** Clube Atlético Pompeano (CAP), 1981



**Fonte:** Acervo pessoal

Penso que essas lembranças contam um pouco de mim, das minhas vivências de menina sapeca, apesar de tímida, mas que aproveitou bastante a infância entre as montanhas de Minas, naqueles tempos que a nós, agora parece, ‘o relógio andava mais devagar’.

## 1.2 Memorial de formação

*O que passou não conta? Indagarão  
as bocas desprovidas.*

*Não deixa de valer nunca.  
O que passou ensina  
com sua garra e seu mel.*

Thiago de Mello<sup>7</sup>

No ano de 2007 conhecemos uma estudante universitária que atendia pelo nome social de Satine. Ela nos apresentou a diferença/ desigualdade concreta sentida na pele e no corpo de quem cotidianamente conviveu nos espaços de exclusão da educação, da escola, da rua e todos os demais lugares que frequentou. Por causa disso, e na luta para sair disso, Satine se dedicou a compreender as temáticas de gênero, diversidade, sexualidade, homossexualidade, transexualidade, transgeneralidade, a partir de leituras em diferentes campos e perspectivas. Destacamos tais prolegômenos iniciais, pois queremos dedicar este texto à sua memória, que se foi, mas nos deixou um legado que virou pesquisa (OLIVEIRA; CAMPOS, 2015, p. 91).

Este excerto traz na íntegra o primeiro parágrafo do artigo “Infância e gênero: Memorial de pesquisas”, cuja publicação aconteceu no ano de 2015 pela *Revista Retratos da Escola*. Ele foi gestado com o objetivo de registrar e veicular os estudos e pesquisas realizados no bojo do Projeto de Pesquisa intitulado *Histórias e Memórias de Infância: identidade de gênero na formação de profissionais da Educação Infantil* (SARAT, 2008).

Para mim, é primordial referir-me à Satine neste momento, pois conhecer e aprender acerca da temática de gênero e sexualidade e somá-la à minha trajetória de estudos da/na infância e educação infantil aconteceu devido, principalmente, ao encontro com ela. Como escreve Elias (2001c, p. 97), “[...] o fato de comunicar sentimentos a outras pessoas é uma das características primordiais da constituição do homem” e isto Satine sempre soube fazer muito bem, “*com sua garra e seu mel*”.

Ela me afetou com sua história, repleta de idiossincrasias, provocando não só um movimento que objetivou/objetiva apreensão de conhecimentos científicos, mas também um movimento que buscou/busca rever conceitos, preconceitos e vivências

---

<sup>7</sup> MELLO, Thiago. A vida verdadeira. In: **Faz escuro mas eu canto**. Disponível em: [http://www.avozdapoesia.com.br/obras\\_ler.php?obra\\_id=12371](http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=12371). Acesso em: fev. 2018.

acerca de gênero e sexualidade no transcorrer da minha vida. Na percepção de Souza (2007, p. 65), “ao longo de seu percurso pessoal, consciente de suas idiossincrasias, o indivíduo constrói sua identidade pessoal mobilizando referentes que estão no coletivo. Mas, ao manipular esses referentes de forma pessoal e única, constrói subjetividades, também únicas”.

Nesse enquadramento, escrever meu *Memorial de formação* e trazê-lo aqui e agora, tornou-se condição fundamental para externar uma “travessia” que, como escreve Soares (1991), pode ser somada à História da Educação e, especificamente no meu caso, eu entendo como possível de ser acrescida à História da Educação Infantil, História das Mulheres e Estudos de Gênero.

Conforme registrado no artigo “Itinerários docentes na Educação Infantil: olhares sobre gênero nas memórias de professoras” (SARAT; CAMPOS, 2016, p. 166-167):

[...] é primordial evidenciarmos pesquisas que estabelecem uma intercessão entre a história da educação, história das mulheres e estudos de gênero, levando em consideração as novas perspectivas de análises que têm ampliado as áreas de investigação e incorporado novas metodologias para os estudos históricos, bem como têm acreditado ser necessário possibilitar a entrada dos sujeitos femininos no cenário historiográfico.

Ou seja, colocar/recolocar caminhos e escolhas é parte constituinte das diversas dimensões que nos formam e (con)formam (SARAT; CAMPOS, 2014). Sendo assim, acreditei que valia o empreendimento e a ousadia.

Permito-me escrever, inspirada em Elias (2001c, p. 10), quando ele declarou por ocasião das entrevistas concedidas a A. J. Heerna van Voss e A. van Stolkque que “[...] grande parte de minha vida concentrou-se em meu trabalho”. Mas é notório que em muitas de suas obras o autor “[...] deixou transparecer como experiências intelectuais estavam intimamente relacionadas com as existenciais” (KIRSCHNER, 1999, p. 29).

E, ainda sobre essa perspectiva, escolho trazer Eliane Marta Teixeira Lopes, que ao escrever a introdução do livro *Metamemória - Memórias: travessia de uma educadora* assim se manifestou:

[...] é reconfortante constatar o fim dos tempos em que o autor [autora] desaparecia por trás dos discursos, e que a vida privada, o homem, a mulher, a criança, o aluno, o trabalhador, o professor se diluíam em categorias tão amplas que o sangue e a carne da História

eram jogados fora como inúteis figurações (LOPES, 1991, p. 13, acréscimo meu).

Posto isto, continuo, neste ensejo, trazendo Abrahão (2011, p. 166, grifos do original), para quem o memorial de formação é

[...] **o processo** e a **resultante** da rememoração **com reflexão sobre fatos relatados**, oralmente e/ou por escrito, mediante uma **narrativa de vida**, cuja trama (enredo) **faça sentido** para o sujeito da narração, com a **intenção**, desde que haja sempre uma intencionalidade, de clarificar e **ressignificar** aspectos, dimensões e momentos da própria formação.

A partir disso, destaco que neste tempo de doutorado em Educação, estudar/pesquisar acerca de docência e gênero constitui-se minha aventura. Por conseguinte, importa eu voltar, no tempo e no espaço, para contar que trabalhar com professoras<sup>8</sup> tem sido a tônica da minha profissão.

Sou graduada em Psicologia e desde a minha formação inicial efetivada na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/1985), minha trajetória se estabeleceu junto à educação, especialmente a educação infantil, quando atuei como estagiária, e depois no trabalho com professoras já formadas exercendo as funções de psicóloga, coordenadora e diretora em uma instituição de atendimento das crianças de 0 a 6 anos na UFMG (1986-2002). Nos últimos onze anos, atuei na formação inicial no curso de Pedagogia na UFGD e na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), e também na formação continuada com muitas delas em diferentes ações desenvolvidas na cidade de Dourados.

E foi exatamente na efetivação de um trabalho de formação continuada com professoras e coordenadoras da Educação Infantil, na Secretaria de Educação de Dourados (SEMED), estado de Mato Grosso do Sul, desenvolvido nos anos 2006-2007, que se deu a definição pela minha pesquisa do/no mestrado em Educação. Vale destacar que, exatamente nesse tempo e espaço, vivi a experiência de conhecer a Satine.

---

<sup>8</sup> A opção pela nomenclatura professoras vai ao encontro da presença quase unânime de mulheres no trabalho educativo com a infância, especialmente aqui me referindo às instituições públicas de educação infantil de Dourados/MS. E, neste processo de doutoramento, eu escolhi realizar a pesquisa com mulheres/acadêmicas, assim como o fiz no Mestrado em Educação, quando trabalhei com mulheres/professoras.

O Projeto de Extensão<sup>9</sup> desenvolvido à época, nomeado *Projeto Político Pedagógico na Educação Infantil: formação docente e elaboração do documento* constituiu-se em grande provocação, principalmente quando entre as dificuldades de escritas das profissionais envolvidas surgiram comedimentos, esquivas, reticências, cuidados ao iniciarem os estudos com as temáticas de gênero e sexualidade. As expressões das professoras e coordenadoras indicavam um não saber e/ou não querer-saber e/ou não poder-saber sobre o assunto (FOUCAULT, 2009).

Elas relatavam que não tinham vivenciado em suas formações iniciais em Pedagogia, estudos acerca da temática em questão. E como profissionais da/na educação infantil, nos demais cursos que empreenderam ao longo de suas trajetórias, especializações e pós-graduações, também não haviam vivenciado a problematização dos temas em tela. Nesse contexto, percebi que muitas angústias que experienciavam no cotidiano do fazer pedagógico estavam latentes e se encaminhavam, às vezes, com grandes dificuldades. Elas se expressavam assim: “esse assunto eu não sei”; “sobre isso eu tenho que estudar”; “disso eu não entendo nada”.

E maiores foram os silêncios, denotando o que Elias (2011) discorre acerca das mudanças ocorridas ao longo do processo civilizador. De acordo com o autor, “[...] uma associação mais forte de sexualidade com vergonha e embaraço, e a correspondente restrição ao comportamento, se espraia mais ou menos uniformemente na sociedade” (ELIAS, 2011, p. 172) e, portanto, o esclarecimento das questões relativas à sexualidade passa a ser um “problema agudo” nas relações entre adultos e crianças.

E seguindo com Elias (2011, p. 173, grifos meus), eu destaco:

[...] a sexualidade [...] é cada vez mais transferida para trás da cena da vida social e isolada em um enclave particular, a família nuclear. [...] Uma aura de embaraço, a manifestação de um medo sociogenético, cerca essa esfera da vida. Mesmo entre adultos é referida apenas com cautela e circunlóquios. E no caso de crianças, **especialmente de meninas**, essas coisas não são, tanto quanto possível, absolutamente mencionadas.

Em vista “disso”, e para tentar ir além “disso”, propondo uma discussão acerca da temática de gênero e sexualidade e suas interfaces com a infância e a educação infantil, construí minha dissertação de mestrado – *Memórias de infância de professoras*

---

<sup>9</sup> Projeto de Extensão executado junto à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal da Grande Dourados – PROEX/UFGD.

*da Educação Infantil: gênero e sexualidade* (CAMPOS, 2010)<sup>10</sup>, cujo estudo integrou o Projeto de Pesquisa *Histórias e Memórias de Infância: identidade de gênero na formação de profissionais da Educação Infantil* (SARAT, 2008), já citado anteriormente.

E agora, ao escrever este *Memorial de formação*, me permito registrar que em minha vivência pessoal, e no decorrer de minha formação e atuação profissional até aquele momento [Mestrado em Educação, 2010], o trato com a temática se dava na perspectiva de que “[...] **especialmente de [com] meninas**, essas coisas não são, tanto quanto possível, absolutamente mencionadas” (ELIAS, 2011, p. 173, grifos e acréscimo meus).

Como explicita Belmira Oliveira Bueno no artigo “O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade”, “[...] ao voltar-se para seu passado e reconstituir seu percurso de vida o indivíduo exercita sua reflexão e é levado a uma tomada de consciência tanto no plano individual como no coletivo” (BUENO, 2002, p. 23).

Pensando com Elias (1994), a sociedade não existe para além dos indivíduos. Muito menos os indivíduos são seres humanos que vivem isolados. “A história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos” (ELIAS, 1994, p. 45).

Nessa conjuntura, circunstanciando a pesquisa, assinalo que utilizei como fonte documentos produzidos a partir da transcrição de entrevistas semiestruturadas, realizadas com os construtos metodológicos da História Oral, quando foram compiladas memórias de infância de professoras da educação infantil.

A História Oral, considerada uma importante fonte para recolhimento dos dados empíricos, como apontou Alberti (2013, p. 31), “[...] decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu”. Tal metodologia é capaz de abrigar as histórias e memórias de grupos pequenos, dando “[...] sentido social às experiências vividas sob diferentes circunstâncias” (MEIHY, 2002, p. 10).

Por esse ângulo de discussão, recolhi as memórias de cinco mulheres nascidas nas décadas de 1960 e 1970, em Dourados, as quais tinham vivido suas infâncias na

---

<sup>10</sup> Dissertação desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação na Faculdade de Educação, da Universidade Federal da Grande Dourados (PPGEdu/FAED/UFGD), sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dra. Magda Sarat.

cidade. Ou seja, trabalhei com o entendimento da História Oral como uma metodologia inteirada com os debates de novas tendências da história contemporânea, cujo pressuposto supõe que o passado continua hoje e não constitui um processo histórico acabado, pois “[...] garante sentido à vida dos depoentes e leitores, que passam a entender a sequência histórica e se sentem parte do contexto em que vivem” (MEIHY, 2002, p. 15).

Nesse seguimento, contribuiu também Xavier Filha (2000) quando propõe o debate sobre as diferentes respostas dadas à pergunta sobre o termo “sexualidade”. A autora chama atenção para os conceitos embutidos nas palavras, de como esses são originários de cada sociedade, cada época, e aponta:

O sentido do termo sexualidade poderia ser outro, se fizéssemos a mesma pergunta na década de trinta, ou mesmo, para comunidades contemporâneas, como por exemplo, para uma cidade litorânea e outra para uma comunidade do interior do Brasil. A linguagem e o sentido mudam de acordo com o grupo social e o tempo histórico, já que a linguagem e os conceitos são construções sociais (XAVIER FILHA, 2000, p. 144).

Quanto à infância, foi aqui concebida como construção histórica, cultural e social, etapa marcada por grande aquisição de conhecimentos e valores, em cujo bojo as crianças adquirem conceitos que poderão influenciar na maneira como estabelecerão as relações na vida adulta.

Evidenciando em Gouvêa (2002), destaco que por muito tempo acreditou-se em uma infância universal, única, absoluta, com especificidades e características dadas pela natureza e, portanto, a criança seria sempre em épocas, sociedades e grupos culturais diversos, diferenciada do adulto.

Hoje, a partir de diversos estudos, compreendo que muitas são as infâncias, e a visão das crianças como indivíduos com particularidades próprias é consequência de longo processo histórico. Para Elias (2012, p. 469), “descobrir as crianças significa, em última medida, dar conta da sua relativa autonomia, ou, em outras palavras, deve-se descobrir que elas não são simplesmente adultos pequenos”.

Avançando na investigação, elenquei como objetivo saber como as professoras, mulheres, pedagogas, profissionais da rede pública do município de Dourados (lôcus da investigação), tinham vivenciado/construído concepções acerca de gênero e sexualidade nas suas diversas relações interpessoais, nos espaços privado e público, quer sejam nas suas famílias, com os amigos, os vizinhos, na escola e na igreja. Conforme aponta

Xavier Filha (2005, p. 197), “[...] qualquer espaço social pode transformar-se em instâncias e práticas pedagógicas, desde que orientados para a constituição de sujeitos”.

Sendo assim, a perspectiva que perpassou a investigação foi de que as mulheres/professoras tinham sido educadas e cuidadas para corresponderem a comportamentos ditos de meninas, conforme padrões sociais e históricos dominantes, bem como haviam experimentado a negativa e o silenciamento em relação às questões que envolvem a sexualidade, não lhes sendo permitido saber da temática.

A partir das vozes das mulheres/professoras, as conclusões da pesquisa lançaram luz para histórias de diferenciação na educação de meninas e meninos, que as fizeram se sentir tolhidas, cerceadas, diminuídas socialmente, impossibilitadas de viverem as mesmas experiências que os irmãos, de não terem acesso a todas as informações e espaços que eles tiveram, dentre outras.

Ou seja, as mulheres/professoras lembraram que em suas infâncias, diferenças foram transformadas em desigualdades, reverberando uma ideia de que existem lugares que são naturalmente para as mulheres e, em contrapartida, lugares que são naturalmente para os homens. Compõe essa concepção, a perspectiva de uma essência feminina e uma essência masculina, indo de encontro ao entendimento de que o gênero é uma construção social, cultural e histórica e que as relações entre mulheres e homens, como outras relações sociais, estão permeadas pelo poder (SCOTT, 1995).

Por conseguinte, ficou entendido pelo/no estudo, que a civilidade vivenciada naqueles momentos distantes continuou marcando as vidas das mulheres/professoras e as maneiras de educar, cuidar, formar e (con)formar as relações de gênero e as sexualidades, mesmo sendo de alguma forma desconstruídas, reconstruídas, ressignificadas, se mostraram muito presentes, fortes e, por vezes, angustiantes nas suas vozes (CAMPOS, 2010; SARAT; CAMPOS, 2014).

Neste ponto de escrita do meu *Memorial de formação*, eu utilizo o mesmo recurso com o qual iniciei esta *Apresentação* e retorno à minha dissertação de mestrado. Agora, obviamente, vou para as *Considerações Finais*, nas quais registrei o título: *Em busca de outros tempos e lugares*. E revendo as cinco páginas que compõem as minhas argumentações finais, preciso destacar algumas ponderações as quais entendo relevantes para eu prosseguir.

Na ocasião, escrevi como minha investigação havia pronunciado que “[...] muitos esforços continuam sendo necessários na empreitada e na luta pelo espaço de

pensar, de expressar e de conviver com as diferenças. E que múltiplos estudos, discussões e pesquisas precisam ser realizados” (CAMPOS, 2010, p. 92).

Em certa medida, posso afirmar que tomei tais palavras para mim, pois nos últimos [quase] oito anos transcorridos desde a minha defesa até este instante no qual me dedico à construção do meu *Memorial de formação*, eu tenho me empenhado em fazer valer e ampliar a ideia de “[...] um legado que virou pesquisa” (OLIVEIRA; CAMPOS, 2015, p. 91).

Não sem dores e percalços, concordando com as perguntas de Constantina Xavier Filha, no artigo “As dores e as delícias de trabalhar com as temáticas de gênero, sexualidades e diversidades na formação docente”, ao afirmar: “Como problematizar o discurso religioso? Como desestabilizar discursos preconceituosos, homofóbicos, sexistas e misóginos?” (XAVIER FILHA, 2012, p. 14).

Para avançar, eu retomo as reflexões de Souza (2006), quando o autor afirma que na perspectiva da “história de vida em formação”, entende-se que se entrelaçam investigação e formação, na medida em que:

[...] configura-se como investigação porque se vincula à produção de conhecimentos experienciais dos sujeitos adultos em formação. Por outro lado, é formação porque parte do princípio de que o sujeito toma consciência de si e de suas aprendizagens experienciais quando vive, simultaneamente, os papéis de ator e investigador da sua própria história (SOUZA, 2006, p. 26).

Por esse prisma, eu indico que retomei os caminhos trilhados até aqui, buscando apreender *sobre o que aprendi*<sup>11</sup>, como aprendi, por que aprendi e por quem aprendi. Para Larrosa Bondía (2002, p. 21), “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Sendo assim, a partir do movimento de visitar/rememorar o que me aconteceu, eu construí três Quadros, a saber: Quadro 1: A pesquisa de mestrado e seus desdobramentos; Quadro 2: Os trabalhos de orientação (TCC e TG) e suas publicações; Quadro 3: Palestras e oficinas. Eles almejam contribuir com este *Memorial de formação*, demarcando de onde eu falo/escrevo.

---

<sup>11</sup> Utilizo-me do título da Seção I das *Notas biográficas*, contidas na obra *Norbert Elias por ele mesmo* (2001).

**Quadro 1** - A pesquisa de mestrado e seus desdobramentos

<b>Autor</b>	<b>Título do trabalho</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Evento/Periódico</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Magda Sarat</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	Memórias de infância e identidade de gênero na formação das profissionais na educação infantil	2008	Seminário Internacional Fazendo Gênero
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> <li>▪ <b>Magda Sarat</b></li> </ul>	Gênero e sexualidade: infância e educação infantil em questão	2009	III Seminário de Pesquisa da FAED/UFGD
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> <li>▪ <b>Magda Sarat</b></li> </ul>	Gênero e sexualidade na formação de professoras da educação infantil	2010	X Encontro de Pesquisa da ANPEd Centro Oeste
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	Civilidade, gênero e sexualidade: memórias de espaços públicos e privados	2012	Capítulo no livro: Sobre processos civilizadores: diálogos com Norbert Elias organização de Magda Sarat e Reinaldo dos Santos
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Magda Sarat</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	Gênero, sexualidade e infância: (Con)formando meninas	2014	Revista Tempos e Espaços em Educação
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Magda Carmelita Sarat Oliveira</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	Infância e gênero: memorial de pesquisas	2015	Revista Retratos da Escola
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Magda Sarat</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	Itinerários docentes na educação infantil: olhares sobre gênero nas memórias de professoras	2016	XI Congresso Luso-Brasileiro da História da Educação
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	Trajetórias docentes: olhares sobre gênero nas memórias de infância de professoras	2016	VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica (VII CIPA)

▪ <b>Míria Izabel Campos</b>	Gênero e sexualidade no Projeto Político Pedagógico da Educação Infantil: pesquisas no MS - 2012/2016	2016	Encontro de Pesquisa em Educação da Região Centro Oeste - Reunião Científica Regional da ANPEd
▪ <b>Magda Sarat</b> ▪ <b>Míria Izabel Campos</b>	Memórias da infância e da educação: abordagens elisianas sobre as mulheres	2017	Revista Educação & Realidade

Fonte: Campos, 2017.

#### Quadro 2 - Os trabalhos de orientação (TCCs e TGs) e suas publicações

<b>Autoras</b>	<b>Título do trabalho</b>	<b>Ano da defesa/ Publicação</b>	<b>Universidade/Periódico</b>
▪ <b>Ivanete Fernandes Pereira</b> ▪ <b>Míria Izabel Campos</b>	Formação da identidade de gênero na instituição de educação infantil: expressões e falas das crianças	2011	Especialização em Educação Infantil /UEMS/ Dourados
▪ <b>Ana Lúcia de Oliveira Campos</b> ▪ <b>Míria Izabel Campos</b>	Construção de identidade de gênero na educação infantil: filmes infantis ensinando a ser menina e menino	2011	Graduação em Pedagogia /UFGD
▪ <b>Amanda Serrano Gonçalves</b> ▪ <b>Míria Izabel Campos</b>	Gênero e sexualidade no Projeto Político Pedagógico da Educação Infantil: um estudo em instituições públicas de Dourados-MS	2012	Graduação em Pedagogia /UFGD

<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Glauce Hoffmeister dos Santos</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	<p>Brincadeiras nas instituições de educação infantil: uma reflexão acerca das relações de gênero e sexualidade Dourados/MS</p>	2012	Graduação em Pedagogia/UFGD
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Bianca Camacho de Almeida Böhm</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	<p>Atuação de professores homens na educação básica: um estado da arte sobre a produção acadêmica</p>	2013	Graduação em Pedagogia/UFGD e publicação na Horizontes Revista de Educação
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Joice Miriam Gassen de Bona</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	<p>Gênero nas interações de crianças e adultos: estudo em um Centro Integrado de Educação Infantil – Maracaju/MS</p>	2013	Graduação em Pedagogia /UEMS/Maracaju
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Rosimeire de Souza Limonge</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	<p>Relações de gênero nas brincadeiras infantis: um estudo em instituição pública - Maracaju/MS</p>	2013	Graduação em Pedagogia /UEMS/Maracaju
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Elizabeth Carvalho da Silva</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	<p>Gênero e sexualidade na Educação Infantil: estudo com professoras da rede pública - Dourados/MS</p>	2014	Graduação em Pedagogia /UFGD
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Georgia Daniela Paliano Souza Silva</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	<p>Gênero e sexualidade no Projeto Político Pedagógico: estudo em instituições públicas de educação infantil – Maracaju/MS</p>	2014	Graduação em Pedagogia /UEMS/Maracaju

<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Lethicia Ormedo Leite Canhete</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	Filmes infantis: o que ensinam para meninas e meninos	2014	Graduação em Pedagogia/UEMS/Maracaju
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Ivanete Fernandes Pereira</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	Surgimento das instituições de atendimento à criança e à mulher trabalhadora: uma relação histórica		Publicação na Horizontes Revista de Educação a partir da Especialização em Educação Infantil / UEMS /Dourados
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Elis Kedma Teodoro da Silva</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	Gênero e sexualidade nas brincadeiras de faz de conta: estudo com professoras da educação infantil – Maracaju/MS	2015	Graduação em Pedagogia/UEMS/Maracaju
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Miguelia Célia Correa de Oliveira</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	Gênero e sexualidade na Educação Infantil: Projeto Político Pedagógico e práticas cotidianas nas instituições	2016	Especialização em Docência na Educação Infantil /UFGD
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Magda Sarat</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> <li>▪ <b>Edilaine de Mello Macedo</b></li> </ul>	Infância, gênero, brinquedos e brincadeiras de meninos e meninas	2016	Publicação na Horizontes Revista de Educação
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Edilaine de Mello Macedo</b></li> <li>▪ <b>Míria Izabel Campos</b></li> </ul>	Gênero e sexualidade nas brincadeiras e nos brinquedos de meninas e meninos: estudo na educação infantil – Indápolis/MS	2017	Graduação em Pedagogia /UFGD

Fonte: Campos, 2017.

Quadro 3 - Palestras e oficinas

<b>Autoras</b>	<b>Título do trabalho</b>	<b>Ano Apresentação</b>	<b>Evento/Projeto</b>
▪ <b>Míria Izabel Campos</b>	Palestra: Gênero, sexualidade e infância: “descobrimo e redescobrimo significados”	2011	Palestra: Círculo de palestras OMEP/UNIGRAN/Dourados
▪ <b>Míria Izabel Campos</b>	Discutindo práticas educacionais na educação infantil: brincadeira de menina ou de menino?	2011	Oficina: Projeto de Extensão “Ações da união para a Educação Básica” / UEMS/Maracaju
▪ <b>Míria Izabel Campos</b> ▪ <b>Magda Sarat</b>	Pesquisa em educação infantil: gênero e sexualidade na memória de infância das professoras	2012	Palestra: IV Jornada Nacional de Educação de Naviraí - pesquisas em educação: abordagens contemporâneas / UFMS /Naviraí
▪ <b>Míria Izabel Campos</b>	Gênero, sexualidade e educação infantil: “descobrimo e redescobrimo significados”	2014	Oficina: Centro Universitário Anhanguera/Campo Grande
▪ <b>Míria Izabel Campos</b>	Palestra: Relações de gênero e diversidade sexual na escola	2014	Palestra: VII Seminário do Programa de Educação Inclusiva - direito à diversidade /SEMED/SECADI /MEC
▪ <b>Míria Izabel Campos</b>	Oficina: Gênero, sexualidade e educação infantil: discutindo práticas cotidianas e ações pedagógicas	2015	Palestra: V Encontro de Pedagogia do MS. I Encontro de Iniciação à Docência de Pedagogia/UEMS/Dourados

▪ <b>Míria Izabel Campos</b>	Gênero, sexualidade e educação infantil: “descobrimo e redescobrimo significados”	2015	Oficina: 1º Congresso de Educação da Grande Dourados/UFGD
▪ <b>Míria Izabel Campos</b> ▪ <b>Joice Camila dos Santos Kochi</b>	Práticas pedagógicas na educação infantil: gênero e sexualidade	2016	Oficina: Projeto de Extensão "Brincadeira de criança: discutindo práticas pedagógicas e formação docente" / UFMS /Naviraí.
▪ <b>Míria Izabel Campos</b> ▪ <b>Joice Camila dos Santos Kochi</b>	Gênero, sexualidade e educação infantil	2016	Oficina: PROJETO EDUCAMS - Trajetórias docentes na educação infantil: pesquisas em escolas públicas de Mato Grosso do Sul/Centro de Educação Infantil / CEI / UFGD
▪ <b>Míria Izabel Campos</b> ▪ <b>Joice Camila dos Santos Kochi</b>	Gênero, sexualidade e educação infantil	2016	Oficina: PROJETO EDUCAMS - Trajetórias docentes na educação infantil: pesquisas em escolas públicas de Mato Grosso do Sul/ Escola Municipal Frei Eucário Schmitt/Dourados
▪ <b>Míria Izabel Campos</b> ▪ <b>Joice Camila dos Santos Kochi</b>	Relações de gênero e diversidade sexual na escola: discutindo práticas cotidianas e ações pedagógicas	2017	Oficina: Projeto Bases teóricas e práticas pedagógicas para a inclusão escolar – Escola Estadual Professor Alício Araújo
▪ <b>Míria Izabel Campos</b>	Gênero, sexualidade e educação infantil	2017	Oficina: PROJETO EDUCAMS - Trajetórias docentes na educação infantil: pesquisas em escolas públicas de Mato Grosso do Sul/ Escola Municipal Professora Efantina de Quadros
▪ <b>Míria Izabel Campos</b>	Educação infantil e gênero	2018	"Aula mestra": Seminários Fundamentos da Educação Infantil/UFGD

Fonte: Campos, 2018.

À vista disso, eu marco estes *Tempos para chegar aqui*, pois foram eles que me indicaram outros caminhos, contornos e delineamentos para elaboração da minha tese de doutorado. Assim eu encerro, e me desloco para a *Introdução*.

## 2 INTRODUÇÃO: TEMPOS DA PESQUISA

*[...] o presente é aquilo que pode ser imediatamente experimentado, o passado é o que pode ser rememorado, e o futuro é uma incógnita que talvez ocorra, algum dia.*

Norbert Elias<sup>12</sup>

Esta pesquisa teve como objetivo inventariar um arquivo pessoal para conhecer, descrever e apreender as marcas da educação feminina escritas em memoriais de infância (auto)biográficos, por mulheres/acadêmicas do curso de Pedagogia, problematizando questões de gênero. Foram utilizados, para as análises, os conceitos de figuração, interdependência e poder desenvolvidos por Norbert Elias, sociólogo alemão (1897 - 1990), bem como a abordagem (auto)biográfica em suas interfaces com o campo educativo.

O *corpus* documental da investigação ficou constituído por histórias de 20 mulheres/acadêmicas nascidas nas décadas de 1980 e 1990, nas cidades de Amambai, Caarapó, Dourados, Fátima do Sul, Glória de Dourados e Rio Brillhante do estado de Mato Grosso do Sul, estudantes do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, tendo elas cursado disciplinas relativas à infância e educação infantil nos anos de 2013, 2014, 2016 e 2017.

Para Elias (1994; 2001c; 2006; 2008), a consciência que o indivíduo tem de si está em interdependência com a dinâmica relacional de funcionamento das figurações sociais, que são permeadas pelo poder, ao longo do tempo, nos diferentes espaços. Nesse contexto, vale realçar, a proposta para esta tese se apresentou desafiadora para mim, pois tentou contribuir para tirar do “[...] *fundo da vida social*”, mulheres e crianças em um só tempo (ELIAS, 2011, p. 123, grifos do original).

O tempo é um conceito forjado socialmente, cuja noção, segundo Elias (1998b, p. 17) exige “uma síntese de altíssimo nível”, pois implica revermos a “[...] imagem de um universo dividido em setores hermeticamente fechados [...]” e que “[...] reconhecamos a imbricação mútua e a interdependência entre natureza, sociedade e indivíduos” (ELIAS, 1998b, p. 17). Por conseguinte, na perspectiva da minha investigação, pensando com o autor, imprescindível localizar mulheres e crianças nas múltiplas teias de relações das quais todos nós fazemos parte.

---

<sup>12</sup> ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo** (1998b, p. 66).

Os estudos de Veiga (2009, p. 37) apontam “[...] mudanças significativas e positivas nas relações de geração e gênero a partir dos meados do século XX [...]”. Para a pesquisadora da História da Educação, mulheres e homens, assim como crianças e adultos, estariam vivenciando um período de maior equilíbrio de poder. O próprio Elias, no texto intitulado a “Civilização dos pais”, discorre sobre a questão das relações entre gerações, sobrelevando que:

Ao longo do século XX, tem se acelerado uma transformação na relação entre pais e filhos, cujos rastros podem ser seguidos até o começo da Idade Média. [...] A ideia de que o poder de mando incondicional dos pais e a rigorosa obediência dos filhos, inclusive do ponto de vista dos últimos, é a disposição social mais saudável e profícua desperta, hoje em dia, muitas suspeitas. Em uma medida muito maior do que antes, tem-se concedido às crianças uma participação mais significativa nas decisões, tem-se reconhecido certa autonomia (ELIAS, 2012, p. 269-271).

Corroborando com a discussão, na perspectiva das relações de gênero e gerações, os estudos e pesquisas de Cas Wouters. A partir do artigo “Sexualização e Erotização: emancipação e integração do amor e do sexo” (2017), evidencio a consideração do autor, quando ele centra o texto na “emancipação de mulheres e jovens desde a década de 1880, momento em que os códigos sociais que dominam as relações entre mulheres e homens, pais e filhos, ganharam maior leniência” (WOUTERS, 2017, p. 1217).

Em contrapartida, a escritora britânica Virginia Woolf, no texto intitulado “Profissões para mulheres”, o qual foi lido pela própria autora no dia 21 de janeiro de 1931 na Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres, em Londres, escreveu que “[...] ainda vai levar muito tempo até que uma mulher possa se sentar e escrever um livro sem encontrar com um fantasma que precise matar, uma rocha que precise enfrentar” (WOOLF, 2015, p. 17).

Voltando em Elias (1998b, p. 33, grifos do original, acréscimo meu), vale citá-lo quando esclarece:

A percepção de eventos que se produzem ‘sucendo-se no tempo’ pressupõe, com efeito, existirem no mundo seres que sejam capazes, como os homens [as mulheres], de identificar em suas memórias acontecimentos passados, e de construir mentalmente uma imagem que os associe a outros acontecimentos mais recentes [...]. É nessa capacidade de aprender com experiências transmitidas de uma geração para outra que repousam o aprimoramento e a ampliação progressiva dos meios humanos de orientação, no correr dos séculos.

Em vista disso, prosseguindo com minha intenção de construir um elo entre diversas experiências “[...] de vidas humanas que se encadeiam umas nas outras para formar o processo social [...]” (ELIAS, 1998b, 58), importa citar a obra *Mulheres que escrevem vivem perigosamente*, em cuja contracapa se encontra a seguinte afirmação “as mulheres que procuraram a liberdade no acto de escrever precisaram sempre de uma grande autoconfiança e de uma obstinação inabalável [...] e o preço a pagar foi muitas vezes a condição de *outsiders*” (BOLLMANN, 2007, grifo do original).

Para mim, sempre foi dilacerante conviver com as expectativas de uma minha redação. Escrever foi/é um processo de matar muitos fantasmas, de enfrentar medos e não cair na armadilha de me anular, para colocar “o outro” em evidência (ELIAS; SCOTSON, 2000). E nessa perspectiva, vale destacar o próprio Elias, quando na obra *Norbert Elias por ele mesmo* foi perguntado por que fez análise, o autor respondeu, “[...] a razão mais imediata foi que eu escrevia muito lentamente. Sofria por não produzir tudo tendo muitas ideias” (ELIAS, 2001, p. 73).

À vista disso, eu me pergunto: como terá sido para as mulheres/acadêmicas, a experiência/tarefa de escrever seus memoriais de infância? De acordo com uma delas, “confesso que quando a professora nos propôs escrever um memorial sobre nossa infância, vários sentimentos me atordoaram, pois não tenho memórias muito boas da minha infância” (Memorial de infância, 2014/1, p. 1). Ou seja, são vivências e experiências que, de maneiras diversas, tocam cada uma, reverberando pela vida, ao longo do tempo. Nesse sentido, para muitas expressar-se em papel pode não ter se constituído em tarefa das mais fáceis.

Sendo assim, nesses *Tempos de Escritas*, voltando à Woolf (2015, p. 18) eu destaco do seu texto que “mesmo quando o caminho está nominalmente aberto – quando nada impede que uma mulher seja médica, advogada, funcionária pública –, são muitos [...] os fantasmas e obstáculos pelo caminho”.

Não obstante, aproximando e ampliando a discussão do aporte teórico-metodológico delimitado para este estudo, tenho que Norbert Elias pode ser considerado um *outsider* do seu tempo. Filho de família judia, com uma formação primorosa, leitor voraz, precisou viver fugindo para sobreviver a duas grandes guerras e, principalmente, aos horrores do nazismo, em cuja conjuntura perdeu familiares, amigos, colegas intelectuais (RIBEIRO, 2010; SARAT, 2014; SETTON, 2013).

Em relação à sua carreira acadêmica, esta somente se iniciou tardiamente. Como escreveu Renato Janine Ribeiro na apresentação da obra *O Processo Civilizador*,

“Norbert Elias demorou ser reconhecido, ou sequer conhecido, no mundo acadêmico” (RIBEIRO, 1993, p. 9). Corroborando com ele, destacamos Setton (2013, p. 197), para quem Elias desde muito cedo construiu “[...] familiaridade com o universo das letras, desenvolvendo um comprometimento invejável com farta bibliografia engajada de seu tempo”. Mas tal obstinação e dedicação não lhe garantiram facilmente um lugar ao sol. Foi preciso que Elias fizesse uma peregrinação por diferentes países, tivesse participações em diversos grupos, até se estabelecer como professor universitário e então ver sua obra publicada.

A partir da obra *Norbert Elias por ele mesmo*, destaco a passagem na qual Elias relata sobre sua infância muito doente, quando podia contar com o cuidado extremo dos pais, e como tal situação foi geradora de uma segurança inabalável. Ao falar desses fatos ele acrescenta “é por essa sensação de grande segurança que usufruí durante minha infância que explico minha perseverança, mais tarde, na época em que escrevia e ninguém prestava atenção em mim” (ELIAS, 2001, p. 22). Compreendo, assim, Elias ressaltando a importância das suas vivências na construção de uma autoestima sólida, que o ajudou a superar anos de indiferença em sua trajetória profissional.

Atualmente Norbert Elias tem ganhado destaque nas produções das ciências humanas e sociais, embora ainda permaneça reduzido o número de trabalhos com inspiração nos construtos do autor. Nesse sentido, vale ressaltar um segundo desafio proposto nesta investigação, quer seja, trazer para os estudos de gênero a perspectiva teórica de Elias. Inclusive, críticas são direcionadas ao autor quando o tema são as mulheres em seus estudos, ou talvez melhor escrever, a ausência das mulheres em seus estudos (SARAT; CAMPOS, 2017).

Sobre tal perspectiva, apresento a obra intitulada *O gênero nas ciências sociais: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour*, organizada pelas autoras Danielle Chabaud-Rychter, Virginie Descoutures, Anne-Marie Devreux e Eleni Varikas. O livro traz na seção V - “Progresso, racionalidade, dinâmicas do Ocidente”, o capítulo escrito por Jennifer Hargreaves nomeado “Norbert Elias: o sexo, o gênero e o corpo no processo civilizador”.

A autora do referido capítulo tem se dedicado aos estudos feministas relacionando questões de gênero e esporte, e neste trabalho específico fez uma crítica apontando que o modelo de análise sociológica proposto por Elias “[...] trata quase exclusivamente de experiências masculinas, marginalizando as experiências femininas e

mantendo-se muito discreto sobre o problema das relações de gênero” (HARGREAVES, 2014, p. 443).

Contudo, é sabido que as pesquisas em História da Educação têm abarcado novos objetos, problemas, temas, bem como diferentes procedimentos, perspectivando uma nova etapa para a historiografia da área. À vista disso, saliento que a obra de Elias (1993, 1994, 1995, 1997b, 1998a, 1998b, 2001, 2006, 2008, 2011) pode contribuir de modo especial às investigações em educação, pois esta [a Educação] carece de uma viabilidade interdisciplinar para seus estudos.

Como as reflexões do autor encaminham sobremaneira a utilização de diferentes ciências que dialogam entre si (Antropologia, Economia, Educação, História, Psicologia, Sociologia), apreendi esse referencial teórico como bastante contundente, ao ampliar o espectro para análises das complexidades humanas e sociais. Para Setton (2013, p. 207), a obra do autor propicia estudos em “[...] sociedades complexas, mundializadas e plurideterminadas como as sociedades contemporâneas”.

Acerca de dado já destacado na *Apresentação*, saliento que tenho uma extensa trajetória de trabalho com futuras professoras e/ou professoras, tendo realizado diferentes ações na formação inicial e continuada de mulheres/acadêmicas/pedagogas. E, nesta minha caminhada para o doutoramento, me propus problematizar questões de gêneros que permeiam as relações com/na docência em Pedagogia, sobrelevando ações circunscritas no processo de formação inicial de algumas delas.

Em vista disso, importante trazer aqui, na sua totalidade, a definição para o verbete “Docência e Gênero” registrada no *Dicionário Crítico de Gênero*, obra organizada por Colling e Tedeschi (2015).

[...] a representação da docência que se tornou dominante é a de que poderia ensinar quem não é vista como suporte econômico do núcleo familiar, mas que sabe mais do que ninguém, como ‘cuidar’: a mulher, cuja ‘natureza’ teria sido dotada dessa habilidade. Da mesma maneira se organizou o sentido da escola: se tornar-se professora foi a oportunidade surgida para o ingresso das mulheres na esfera pública, o espaço escolar, especialmente nas séries iniciais, foi ressignificado como não tão público, mas como uma extensão do trabalho doméstico permitido para aquelas mulheres consideradas com moral sem mácula. Dessa forma, o trabalho docente pode passar a ser entendido, inclusive por quem o executa, como não-trabalho. Quem exerce atividades no espaço privado não trabalha, ‘professa’, ‘cuida’; faz o que é inerente à sua ‘natureza’ ou o que é resultado da sua ‘vocação’, não o que foi adquirido por estudo, reflexão e treinamento (FERREIRA, 2015, p. 175-177-178, grifos do original).

Nesse enquadramento, vale aludir acerca da trajetória histórica do curso de Pedagogia, que ao longo do tempo foi se constituindo como majoritariamente feminino (DEMARTINI; ANTUNES, 1993; CARVALHO, 1999; ROSEMBERG, 2001; TAMBARA, 1998, TANURI, 2000; VIANNA, 2001), fato que, no meu entendimento, ainda merecia/merece ser investigado para além da discussão sobre a feminização<sup>13</sup> do magistério, cujas pesquisas quase sempre são calcadas na premissa da relação econômica com o trabalho e o valor social dessa atividade econômica para homens e mulheres.

Assim, na trilha de fazer e refazer significados e sentidos (CATANI, 2014; SOUZA, 2014), diferentemente do mestrado em Educação quando pesquisei histórias de mulheres estabelecidas, professoras formadas em Pedagogia e que já trabalhavam com crianças de 0 a 5 anos nos Centros de Educação Infantil Municipal (CEIMs), na cidade de Dourados, neste estudo para o doutoramento trabalhei com mulheres/acadêmicas do curso de Pedagogia, isto é, são histórias de mulheres em processo de formação inicial, *outsiders* na profissão.

Ou seja, com Elias em *Mozart: sociologia de um gênio* (1995, p. 20) eu estou entendendo que existe uma diferença na distribuição de poder a partir “[...] das demandas do *establishment*”. Se na sociedade de corte Mozart era *outsider* e precisaria se adaptar aos padrões cortesãos para obter êxito como músico naquela figuração, da mesma maneira, obviamente em menor grau que nas cortes absolutistas, na sociedade contemporânea as/os *outsiders* que almejam para si o poder das/os estabelecidas/os precisarão percorrer os caminhos e atender às demandas que levarão a este *establishment*.

Sobre o *corpus* documental, os memoriais de infância (auto)biográficos que utilizo nesta pesquisa, eles são parte constituinte de um arquivo pessoal<sup>14</sup>. Explicitando, em Ducrot (1998, p. 154-155), tenho que se trata de um fundo, pois “[...] é um conjunto

<sup>13</sup> A autora Silvia Yannoulas, em artigo intitulado “Feminização ou Feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria”, escrito a partir da sua tese de doutorado, contribui esclarecendo acerca dessas duas palavras [feminização ou feminilização], pois segundo ela, quase sempre elas são tratadas como sinônimos. Do ponto de vista de Yannoulas (2011, p. 273), seus estudos a “[...] levaram a postular a existência de ao menos duas grandes maneiras de entender o fenômeno da feminização: uma perspectiva fundamentalmente quantitativa, preocupada em descrever e mensurar o fenômeno que denominamos como feminilização, e uma perspectiva fundamentalmente qualitativa, que procura compreender e explicar os processos, a qual denominei feminização propriamente dita”.

<sup>14</sup> Registro que quando os Memoriais de infância foram relacionados para a pesquisa estes não eram entendidos na perspectiva conceitual de arquivo pessoal. Em virtude do Projeto de Pesquisa passar por inúmeras avaliações e receber diferentes indicações, eu obtive a importante contribuição para que o *corpus* documental fosse tomado por esse ângulo. Tal indicação foi feita pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Alessandra Cristina Furtado, na disciplina Seminário de Tese II, a quem sou muito grata pelo encaminhamento científico propiciado ao estudo, bem como a ampliação de horizontes e possibilidades de usos dos documentos em investigações futuras.

que se basta a si mesmo [...] Esse é o caso de todas as pessoas e, portanto, seus arquivos constituem um fundo”.

No Brasil, na Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991, em seu Art. 11, leio que “consideram-se arquivos privados os conjuntos de documentos produzidos ou recebidos por pessoas físicas ou jurídicas, em decorrência de suas atividades” (BRASIL, 1991). Dentre os arquivos privados, têm-se arquivos econômicos, arquivos sociais e arquivos pessoais (BELLOTTO, 2015), sendo que o último corresponde ao caso do meu estudo.

Em sendo assim, voltando a Ducrot (1998, p. 128), explicito ainda:

Admite-se como fundo o conjunto de documentos produzidos e/ou acumulados por determinada entidade pública ou privada, pessoa ou família, no exercício de suas funções e atividades, guardando entre si relações orgânicas, e que são preservados como prova ou testemunha legal e/ou cultural [...].

E objetivando aprofundar os aportes teóricos que referendam minha escolha pela investigação em documentos de um arquivo pessoal, importa destacar que apreendi arquivo pessoal no “[...] âmbito dos documentos efetivamente acumulados por indivíduos [...]” (CAMARGO, 2009, p. 28). Para mim, o *corpus* documental elencado para o estudo assumiu importância central como fonte para pesquisa histórica e científica, pois como realçou Cunha (2017, p. 195), “[...] a essência da existência dos arquivos torna-se necessária no intuito de não apenas preservar memórias, mas também de servir de documentos à produção historiográfica”.

Nesse contexto de investigação, a partir dos memoriais de infância de acadêmicas, percebi possibilidades de conhecer aspectos sobre a educação feminina, a escolha ou não pelo curso de Pedagogia e as questões de gênero que perpassam a opção por uma “profissão para mulheres” (WOOLF, 2015).

O estudo se desenvolveu dentro de um Projeto de Pesquisa<sup>15</sup> mais amplo denominado *Educação, infância e processo civilizador: contribuições da perspectiva sociológica de Norbert Elias*. Segundo dados do referido Projeto de Pesquisa:

A opção metodológica deste trabalho é desenvolver uma investigação a partir da discussão bibliográfica das obras de Elias, além de fomentar sua aplicação em trabalhos de campo com material empírico, podendo ser recolhida a partir das metodologias de História Oral, entrevistas,

---

<sup>15</sup> Projeto de Pesquisa coordenado pela Profª. Dra. Magda Sarat, desde 2012, na Universidade Federal da Grande Dourados, por intermédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa – PROPP/UFGD.

histórias de vida, memórias de infância de pessoas que estão envolvidas no trabalho com as temáticas propostas quais sejam: infância, educação, escola, violência, mídias, processo civilizador, cultura, entre outras, todas investigadas com base nas teorias elisianas (SARAT, 2012, p. 6-7).

Por conseguinte, as histórias e memórias das mulheres/acadêmicas do curso de Pedagogia, registradas nos memoriais de infância, estão sendo perspectivadas como um *corpus* documental no qual pode ter sido possível “[...] contar, recontar, rememorar, trazer à tona lembranças, sempre cheias de significado [...]” (SARAT, 2012, p. 8).

A busca se constituiu, portanto, em capturar nos memoriais de infância sinais, indícios, pistas que me permitiram saber sobre os processos socializadores que levaram tais mulheres a cursarem Pedagogia, problematizando questões de gênero históricas, as quais permeiam o curso. E, elucidando, processos socializadores entendidos no âmbito das teorias de Norbert Elias, ou seja, a partir de uma lógica relacional na qual as pessoas,

[...] através das suas disposições e inclinações básicas são orientadas umas para as outras e unidas umas às outras nas mais diversas maneiras. Elas constituem teias de interdependências ou figurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados (ELIAS, 2008, p. 15).

As autoras Cynthia Pereira de Sousa, Denice Barbara Catani, Maria Cecília Cortez Christiano de Souza e Belmira Oliveira Bueno (1996), imersas em profícuas discussões acerca da formação de mulheres a partir de relatos de suas memórias, enfatizaram sobre “[...] uma espécie de reconstituição de experiências capaz de provocar a localização de episódios significativos [...]” (SOUSA et al, 1996, p. 61).

Assim sendo, foi importante pensar nos tempos e espaços vividos pelas mulheres acadêmicas, nos quais “as experiências poderiam ser vivenciadas na relação do indivíduo com os outros, não apenas de forma imediata, mas também no sentido temporal, pois o indivíduo pode ver-se fazendo parte de uma cadeia geracional” (RIBEIRO, 2010, p. 173). E de maneira análoga, ampliando a multiplicidade de vivências, Sousa et al (1996, p. 63) consideram que:

[...] apesar das diferentes modalidades de análises sobre o que venha a ser e como funciona a memória feminina, no passado e no presente, existe o consenso de que ela está intrinsecamente ligada ao lugar que a

mulher ocupa e aos tipos de atividade que ela desempenha no espaço social.

Em vista disso, e me apoiando na assertiva de que “a emergência das mulheres no cenário social se viabiliza à medida que escutamos o que elas têm a dizer, que façamos com que falem” (SOUSA et al, 1996, p. 63), elenquei as seguintes perguntas para a efetivação deste estudo:

- Escrever os memoriais de infância pode ser um caminho para contornar o silêncio das mulheres acadêmicas?
- Qual a possibilidade de apreender acerca da educação feminina a partir da investigação da história de alunas da Pedagogia?
- Até que ponto, saber das figurações constituídas na infância poderá me ajudar a entender os meandros da escolha pela profissão de pedagoga?
- Como permitir, por novos olhares e novos dizeres, que as mulheres sejam observadas e “estabelecidas”<sup>16</sup> como protagonistas na/da história e, especialmente, da história da educação?

Sarat (2012, p. 8) pondera que “embora todos saibam da distância entre o pretendido, o buscado e o resultado conseguido, acreditamos na disposição em buscar o que se pretende, respeitando a pessoa que está contando e o nosso envolvimento com a metodologia escolhida”. Assim, trazendo pontuações de Bueno (2002) no artigo “O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade”, eu enfatizo a importância de estar atenta aos pressupostos acerca de questões teórico-metodológicas relacionadas às abordagens (auto)biográficas.

No texto “Ficções teóricas e ficções (auto)biográficas: elementos para uma reflexão sobre ciências e formação no campo educacional”, Catani (2014) rememora a trajetória dos estudos da área, as características que marcaram as diferentes pesquisas, seus limites e possibilidades no campo dos estudos da história da educação e da formação de professoras/es, sobrelevando as discussões acerca da validade ou não das fontes (auto)biográficas. De acordo com a autora tenciona-se que:

---

<sup>16</sup> “Estabelecidas” a partir do referencial teórico elisiano. Daí a alusão a “novos olhares e novos dizeres” para a investigação, nesse caso específico em consideração à obra *Os estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade* (ELIAS; SCOTSON, 2000).

A problemática relativa à produção de conhecimentos verdadeiros, remota e clássica, adquire contornos bastante especiais quando se tomam como fontes para estudos os materiais autobiográficos. Mas, a questão se configura, muito menos em termos de veracidade que se opõe à falsidade do que em termos de saber quais verdades valem para quais saberes e fontes (CATANI, 2014, p. 31).

Por consequência, entendi que as escritas dos memoriais de infância trazem no seu bojo a perspectiva de uma interpretação da história vivida, distante no tempo e no espaço, pois rememoram vidas em movimento. Ou seja, trabalhar com a memória exige atenção, porque o relatado é tão somente o passado recriado no presente, ou, ainda, a reinvenção do passado pelo presente (BOSI, 2007). E Catani (2014, p. 31) também me ajudou a compreender que, “[...] ao interpretar a experiência cria explicações, introduz linearidades e instaura novas realidades ou novas lógicas de apropriação de realidades”.

Ciente da necessidade e da importância de adentrar mais pelos meandros e trilhas percorridos por essa abordagem no Brasil [abordagem (auto)biográfica], mostro em linhas gerais as escolhas feitas para a realização do estudo da área. Primeiramente trago Bueno (2002, p. 21), quando esta assinalou que os trabalhos com memoriais (auto)biográficos de acadêmicos/as ainda são “mais escassos, pois [...] empregam o método com grupos de indivíduos que ainda não ingressaram na vida profissional”.

Sendo assim, evidencio que esta pesquisa pretendeu somar-se ao grande número de trabalhos que vêm sendo desenvolvidos a partir da abordagem (auto)biográfica, porém, construindo um viés diferenciado, a partir do momento que me dediquei às histórias de mulheres ainda em processo de formação inicial, pois o *corpus* documental foi produzido por mulheres/acadêmicas no curso de Pedagogia, na Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), conforme já registrado no início desta *Introdução*.

E vale ressaltar, também, que utilizei em meu estudo os memoriais de infância como fonte, diferentemente dos “memoriais de formação”, aqui entendidos a partir de Josso (1999, p. 14), para quem tais documentos se constituem a partir de uma “[...] abordagem da formação centrada sobre o sujeito aprendiz, utilizando a mediação de uma metodologia de pesquisa-formação articulada às histórias de vida”.

Importante aludir a essa perspectiva, assentada em Passeggi, Souza e Vincentini (2011), quando autores salientam o crescimento de pesquisas educacionais acerca das escritas de si nos processos de formação e profissionalização em nosso país, a partir dos anos 1990.

Ademais, destaco que nesta investigação, assim como na pesquisa realizada por ocasião do mestrado em Educação, já circunstanciada na *Apresentação*, trabalhei com um recorte de gênero. Ou seja, os memoriais de infância elencados do arquivo pessoal para fazerem parte do *corpus* documental do meu estudo, foram todos escritos por mulheres/acadêmicas. A perspectiva é colocar as mulheres em destaque, pois por longos anos elas foram invisibilizadas por uma historiografia silenciadora, quer seja, “[...] marginalizadas por uma ciência androcêntrica e uma história, tradicionalmente, referenciada aos homens [...]” (GALINKIN; BERTONI, 2014, p. 22).

Importante destacar, gênero foi aqui entendido e utilizado como uma categoria de análise histórica, a partir de Scott (1995, p. 21), que assim escreve:

Minha definição de gênero tem duas partes e várias sub-partes. Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser analiticamente distintas. O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único.

Por conseguinte, estou apreendendo gênero não como um produto acabado ao nascimento, mas que se constitui histórica, social e culturalmente e, dessa maneira, “[...] a partir do gênero, é possível desconstruir as diferenças, hierarquias e formas de dominação de uns/umas sobre outros/as, sejam homens, crianças ou adultos” (SAYÃO, 2003, p. 71).

Como ponto a ser evidenciado neste estudo, utilizei o conceito de “balança de poder”, o qual é comumente empregado como uma metáfora nos trabalhos desenvolvidos em perspectiva elisiana. Importante denotar, com Elias (1994; 2006), que o poder não é algo que se tem, ou que uns têm e outros não. O poder é parte constituinte das relações entre indivíduos e entre estes e a sociedade, entendidas como relações interdependentes. A partir dessa perspectiva, é possível analisar o diferencial e/ou gradiente de poder entre indivíduos e grupos de indivíduos interdependentes, em uma perspectiva de longa duração.

No texto “Critérios universalmente aplicáveis ao fazer Sociologia dos Processos: sete equilíbrios e uma tríade”, Wouters (2014, p. 45) reitera que:

[...] Elias sempre mostrou e enfatizou que poder e dependência são aspectos das relações sociais, que todas as relações sociais são relações de poder e interdependência, sempre imersas em redes ou teias de interdependência. Todos os equilíbrios de controle implicados em uma tríade de controles são em larga escala equilíbrios de poder e interdependências: o poder e a dependência dos seres humanos sobre a natureza não humana, sobre os outros e sobre si mesmo.

Em vista disso, compreendo que a teoria elisiana me possibilitou entender como as relações se constituíram e continuam se constituindo em processos de longa duração.

Para Elias (1998b, p. 49), “no continuum móvel das transformações evolutivas, muitas das quais continuam desconhecidas ou mal compreendidas, só podemos encontrar um ponto de apoio ao adotarmos como hipótese de trabalho o cenário de um começo imaginário”.

Nessa perspectiva, busquei conhecer as histórias das mulheres/acadêmicas, escritas nos memoriais de infância (auto)biográficos, nos quais elas relataram suas experiências vivenciadas em diferentes figurações, constituídas em processos interindivíduos e intraindivíduos, num dado período histórico, em um contexto específico.

Sendo assim, para o recorte do lócus da pesquisa relatei memoriais de infância de mulheres nascidas em todo o estado de Mato Grosso do Sul, estado no qual se encontram a Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), a Faculdade de Educação (FAED) e o curso de Pedagogia, em cujas disciplinas todos os memoriais de infância utilizados na pesquisa foram produzidos.

Dessa maneira, a proposta foi efetivar uma pesquisa que privilegiou os estudos da/na região Centro-Oeste, saindo do eixo Sudeste/Sul, indo ao encontro da meta vislumbrada pelo processo de interiorização das universidades no Brasil, efetivado a partir do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), em cujo bojo a UFGD foi criada.

Eu entendi como importante contribuir com a escrita da História e da História da Educação, realizando estudos que colocarão em evidência os caminhos percorridos/construídos pela educação nesta parte do Brasil, bem como conhecer e dar a conhecer as diversidades e peculiaridades regionais, contar histórias vividas aqui, buscando inteirar-me do *habitus*, quer seja, do “saber social incorporado” pelas mulheres que nasceram e viveram/vivem neste estado (ELIAS, 1997b).

Destaco agora, a partir de estudos realizados acerca da abordagem (auto)biográfica, que no Brasil, as pesquisas apoiadas nessa metodologia têm conseguido

avanços significativos nos últimos anos. Constatei a importante e significativa constituição de redes de pesquisa com a participação de diferentes universidades nacionais, bem como a ampliação dos contatos e intercâmbios com países da América Latina e do Continente Europeu, as quais fortaleceram sobremaneira os estudos na área (SOUZA et al, 2010)<sup>17</sup>. E para contar mais especificamente sobre a produção desses estudos no país, mostro a seguir uma revisão empreendida acerca das teses defendidas na área.

Registro a opção por reduzir o número de trabalhos expostos no Quadro 4, o qual será apresentado na sequência, pois tais demonstrativos demandam muito espaço e discussão, por vezes se estendendo em demasia. Além do que, considerei importante mostrar, também, a revisão efetuada quando novas demandas foram aparecendo e a investigação careceu de conceitos acerca de arquivo pessoal e, especificamente, do aprofundamento ao referencial elisiano. Para tanto, também preparei o Quadro 5, que traz uma dissertação e três teses, as quais foram fundamentais para a construção deste estudo<sup>18</sup>.

Sobre a escolha para os trabalhos que figuram no Quadro 4, esclareço que foram elencadas teses desenvolvidas/orientadas por professoras/pesquisadoras que hoje se constituem referência nos estudos na área, sendo a maioria delas/es membros da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica - BIOgraph<sup>19</sup>.

Chamo atenção para a tese de Constantina Xavier Filha, *Discursos da intimidade: Imprensa feminina e narrativas de mulheres professoras brasileiras e portuguesas na segunda metade do século XX*. Ela é professora e pesquisadora do estado de

---

<sup>17</sup> A partir de Souza et al (2010, p. 2), assinalo que no Brasil temos: Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC|UNEB); Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Auto.Bio.Grafia e Representações Sociais (GRIFARS), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGE|UFRN). Na Argentina: o Grupo Memória Docente e Documentação Pedagógica, vinculado à Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires (FFyL|UBA) e ao Laboratório de Políticas Públicas de Buenos Aires (LPP). Na França: o Laboratório - Centro de Pesquisas Interuniversitário Experiência, Recursos Culturais, Educação (EXPERICE), vinculado às Universidades de Paris 13|Nord e de Paris 8.

<sup>18</sup> Para um conhecimento mais ampliado dos trabalhos acessados e lidos ao longo deste processo de doutoramento, ver APÊNDICE A.

<sup>19</sup> Registro que a incursão aos estudos com a abordagem (auto)biográfica também se deu por intermédio da associação à BIOgraph e posterior participação, com apresentação de trabalho completo, no VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (VII CIPA), realizado em julho de 2016, na cidade de Cuiabá/MT: *Trajetórias docentes: olhares sobre gênero nas memórias de infância de professoras* (CAMPOS, 2016).

Mato Grosso do Sul e tanto sua tese quanto suas outras tantas publicações sempre constituíram grande referência para os meus estudos sobre gênero e sexualidade<sup>20</sup>.

Menciono, também, que professoras/pesquisadoras de diferentes programas de pós-graduação do Mato Grosso do Sul realizam estudos na área, destacando-se atualmente a atuação da Prof<sup>a</sup>. Dra. Eliane Greice Davanço Nogueira, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campus de Paranaíba, que é membro da Diretoria Regional da BIOgraph, tendo sido eleita para representar o Centro-Oeste no período 2016/2018.

#### Quadro 4 - Teses defendidas a partir de abordagens (auto)biográficas

<b>Autoria/Orientação/Coorientação</b>	<b>Título</b>	<b>Universidade/Programa de Pós-Graduação/Ano da Defesa</b>
<b>1- Elizeu Clementino de Souza</b> ▪ Prof <sup>a</sup> . Dra. Maria Ornélia Marques ▪ Prof. Dr. António Nóvoa	O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores	Universidade Federal da Bahia Programa de Pós - Graduação em Educação – 2004
<b>2- Constantina Xavier Filha</b> ▪ Prof <sup>a</sup> . Dra. Denice Barbara Catani ▪ Prof. Dr. Jorge Ramos do Ó	Discursos da intimidade: Imprensa feminina e narrativas de mulheres professoras brasileiras e portuguesas na segunda metade do século XX	Universidade de São Paulo Programa de Pós - Graduação em Educação – 2005
<b>3- Nivia Margaret Rosa Nascimento</b> ▪ Prof <sup>a</sup> . Dra. Maria Helena Menna Barreto Abrahão	O desenvolvimento profissional de professores: a arte de inventar-se e fazer história, mediante narrativas autobiográficas	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Programa de Pós-Graduação em Educação – 2011

<sup>20</sup> A professora/pesquisadora Constantina Xavier Filha é membro atuante no GT 23 da ANPEd (Gênero, Sexualidade e Educação). Desde 2013, participo do referido grupo, e na 37<sup>a</sup> Reunião Nacional apresentei o pôster intitulado *Memórias de infância, docência e gênero: o início de uma pesquisa* (CAMPOS; SARAT, 2015).

<b>4- Vera Lúcia da Encarnação Bacelar</b> <b>▪ Prof.<sup>a</sup>. Dra. Cristina d'Ávila</b>	Professores de Educação Infantil: ludicidade, história de vida e formação inicial	Universidade Federal da Bahia Programa de Pós - Graduação em Educação – 2012
<b>5- Maria de Fátima Araújo</b> <b>▪ Prof.<sup>a</sup>. Dra. Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi</b>	Contar no caminho: escrita de si, percursos de formação e inserção institucional de professores da infância	Universidade Federal do Rio Grande do Norte Programa de Pós - Graduação em Educação – 2014

Fonte: Campos, 2015.

A primeira tese a figurar no Quadro 4, de Elizeu Clementino de Souza, traz um estudo incrustado no movimento de investigação-formação realizado com dez alunas do curso de Pedagogia, *Habilitação em Séries Iniciais do Ensino Fundamental* (nomenclatura da época), a partir de suas experiências no estágio supervisionado. O objetivo foi compreender as implicações da construção de narrativas das experiências vividas ao longo do itinerário escolar, concluindo o quão significativo é o processo de formação e autoformação para o estabelecimento de novas perspectivas à carreira docente futura.

A tese de Constantina Xavier Filha apresenta como fontes privilegiadas histórias de vida de sete mulheres professoras brasileiras e portuguesas, utilizando a abordagem biográfica, com a técnica das histórias de vida. A pesquisadora buscou entender como se constituíram os discursos da intimidade compreendidos em enunciados e narrativas acerca da constituição do sujeito e da sexualidade feminina no Brasil e em Portugal, ou seja, trata-se de um estudo comparado. As conclusões apontaram que as mulheres, sujeitos da pesquisa, adotam o discurso da docência para produzir as narrativas pessoais. É nesse local – a escola – e é nesta atividade – a docência – que ressignificam sua intimidade.

O trabalho de Nivea Margaret Rosa Nascimento, realizado em Programa de Pós-Graduação do sul do país e orientado por professora de destaque da área, tem um componente especial, pois retrata um estudo efetivado na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, na capital Campo Grande. Assim, importante aludir que ele traduz uma história do/no estado. Teve como foco histórias de vidas de três professores universitários e buscou a partir do método autobiográfico compreender o processo de construção da carreira docente, em paralelo com a história da própria universidade. A

investigação apresentou como tese a importância da vivência reflexionada, tecida a partir da escrita de narrativas, concluindo que esta contribui para o desenvolvimento da profissionalização.

Vera Lúcia da Encarnação Bacelar, em sua tese, trabalhou com cinco professoras formadas em Pedagogia e que já exerciam o trabalho na educação infantil. O objetivo foi compreender como as experiências lúdicas nas histórias de vida e na formação inicial na universidade, implicaram no processo de profissionalização. As evidências levaram à conclusão que a ludicidade esteve presente na história de vida das professoras. Contudo, ao longo da formação em Pedagogia, essa esteve presente de maneira limitada, reverberando no início da carreira, indicando que tal situação poderia ser amenizada caso práticas de ludicidade se fizessem presentes desde o início do curso.

A tese de Maria de Fátima Araújo teve como objeto de estudo a percepção de professores da infância sobre seus percursos de formação e projetos de inserção institucional. O objetivo foi analisar como os participantes da pesquisa articulam, narrativamente, seus percursos de formação e projetos de atuação profissional com vistas à inserção institucional. Adotou princípios epistemológicos e métodos da pesquisa (auto)biográfica, e teve como conclusão a narrativa de que os percursos de formação possibilitaram aos dez professores, participantes da pesquisa, reconstituírem adesões a princípios, valores e projetos em diferentes contextos de formação, revisitarem ações desenvolvidas no exercício da profissão, e elaborarem reflexões que resultaram na autoconsciência de potencialidades e limitações de suas ações. A pesquisadora ainda evidenciou acreditar que o trabalho pode contribuir para pensar a produção de memoriais acadêmicos e projetos de atuação profissional como espaços fundantes de reflexão sobre a formação de professores da infância.

A propósito da organização do Quadro 5, importa salientar que em relação à dissertação e à tese de Magda Sarat estas foram alvo de releituras, visando o foco da pesquisa atual. Quanto às outras duas teses, como destaquei anteriormente, foram acessadas a partir das demandas evidenciadas com o desenrolar dos estudos (arquivo pessoal e referencial elisiano) e, a partir delas, outras investigações foram feitas e demais textos acessados e lidos, os quais vieram impactar meus estudos. Alguns desses trabalhos estão apresentados no APÊNDICE A, conforme já indicado neste texto, na nota de rodapé número 18.

Também é relevante explicitar que, diferentemente do Quadro 4, com registro somente de trabalhos desenvolvidos em Programas de Pós-Graduação em Educação,

para o Quadro 5 – além da dissertação e da tese elaboradas na área da Educação –, apresento duas teses das áreas de Sociologia e História respectivamente, por entender que a obra elisiana favorece tais incursões e permite um diálogo profícuo entre diferentes campos de estudos.

E sob essa ótica, é conveniente realçar o que afirmo no início da *Introdução*, que os diversos estudos de Elias (1993, 1994, 1995, 1997b, 1998a, 1998b, 2001c, 2006, 2008, 2011) têm sido utilizados de maneira recorrente e consistente nas ciências humanas em diferentes esferas do conhecimento, tais como: Antropologia (FERREIRA, 2014; PEREIRA, 2009), Educação (BRANDÃO, 2009; HONORATO, 2011; LEÃO, 2007, SETTON, 2013; VEIGA, 2014), História (GEBARA, 2016; COSTA; MENEZES, 2014). Tais trabalhos colocam em evidência, especialmente, temas ligados à Sociologia, área em que o autor [Norbert Elias] se dedicou mais profundamente.

**Quadro 5** - Dissertação/Teses defendidas a partir de Norbert Elias e sobre arquivo pessoal

Autoria/Orientação/Coorientação	Título	Universidade/Programa de Pós-Graduação/Ano da Defesa
<b>1- Magda Sarat Oliveira</b> <b>▪ Prof. Dr. Ademir Gebara</b>	Lembranças de infância: que história é esta?	Universidade Metodista de Piracicaba Programa de Pós - Graduação em Educação – 1999
<b>2- Magda Sarat</b> <b>▪ Prof. Dr. Ademir Gebara</b>	Histórias de estrangeiros no Brasil: infância, memória e educação	Universidade Metodista de Piracicaba Programa de Pós - Graduação em Educação – 2004
<b>3- Luci Silva Ribeiro</b> <b>▪ Prof. Dr. Josué Pereira da Silva</b>	Processo e figuração: um estudo sobre a Sociologia de Norbert Elias	Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia – 2010

<p><b>4- Lucia Maria Velloso de Oliveira</b>  <b>▪ Profª. Dra. Ana Maria de Almeida Camargo</b></p>	<p>Modelagem e status científico da descrição arquivística no campo dos arquivos pessoais</p>	<p>Universidade de São Paulo  Programa de Pós - Graduação em História Social – 2010</p>
---	---	---

Fonte: Campos, 2017.

A dissertação de Magda Sarat Oliveira teve como objetivo discutir e refletir sobre conceitos de infância em diferentes teóricos, mas também a partir das lembranças de infância de velhos que na época se encontravam entre 50 e 90 anos de idade. A metodologia utilizada foi História Oral, com recolha de histórias de vida, cujo enfoque foi experiências de infância. As conclusões apontaram a infância como um período fecundo para o desenvolvimento de diversas aprendizagens, quando são construídos normas e comportamentos em relações que envolvem adultos e crianças, quase sempre permeadas por tensões e conflitos.

Quanto à tese de Magda Sarat, esta partiu de fontes da *literatura de viagem* e também da História Oral, quando foram produzidos registros a partir de histórias de vida de europeus que viveram a infância naquele continente e depois imigraram para o Brasil, além de entrevistas com brasileiros residentes nos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, que viveram a infância aqui no país, no mesmo período. O objetivo foi investigar o modelo de educação e civilidade que aparecia na escrita dos viajantes, para quem as crianças brasileiras eram muito impertinentes. As conclusões demonstraram que a educação europeia recebida pelas crianças não se constituía num padrão ou num modelo tão rígido de comportamento, conforme valorizava o estrangeiro viajante e, também, não se mostrou tão divergente daquela recebida pelas crianças brasileiras da época. Assim, foi possível escrever que a formação das crianças e as histórias da infância de cada grupo estiveram muito próximas e valorizaram elementos semelhantes.

Luci Silva Ribeiro, em sua tese, elegeu como tema a análise da abordagem sociológica desenvolvida por Norbert Elias. Para tanto, apresenta uma biografia do autor que ela construiu a partir de obras biográficas publicadas por outros estudiosos, bem como farta documentação acessada no Arquivo de Elias em Marback, na Alemanha. Luci justificou seu trabalho de reescrever a biografia do autor, por considerar que a sua abordagem à história de Elias foi guiada por uma mescla dos conteúdos emotivos e acontecimentos vividos. São cartas, fotos, manuscritos, programas de curso de sociologia ministrado por Elias e notas de aulas os quais enriquecem sobremaneira o trabalho.

Posteriormente, a autora apresenta, separadamente, e de forma didática, os conceitos de processo, figuração e interdependência, explicitando como operar com os aportes teóricos elisianos.

A tese de Lucia Maria Velloso de Oliveira parte da perspectiva das mudanças advindas com as novas tecnologias de informação e comunicação que impactaram as formas de preservação e acesso aos arquivos. Ela traz uma discussão profícua na área da arquivologia e, especialmente, se dedica ao arquivo pessoal por considerar que ele apresenta características específicas, sendo merecedor de um trabalho de pesquisa detalhado.

Terminada a descrição de importantes trabalhos, cujos estudos realizados vieram ao encontro dos meus interesses nesta investigação, registro que esta pesquisa continua a ser relatada em outros dois *Tempos*, a saber: *Tempos de guardar e descobrir: as caixas da professora* e *Tempos das mulheres/acadêmicas: escrever Memoriais de infância*. Em sequência, apresento as *Considerações Finais: Tempos para refletir e continuar*, bem como registro as *Referências* e *Fontes* utilizadas neste texto. E, finalizo, situando os *Anexos e Apêndices* que compõem o trabalho.

### 3 TEMPOS DE GUARDAR E DESCOBRIR: AS CAIXAS DA PROFESSORA

*De onde quer que comecemos, observamos movimento,  
algo que aconteceu antes.*

Norbert Elias<sup>21</sup>

Para Elias (2011, p. 70, grifos do original), “a ‘civilização’ que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada, sem que perguntemos como viemos a possuí-la, é um processo, ou parte de um processo em que nós mesmos estamos envolvidos”. Ou seja, é uma história que vem processada por longo período, por meio de um movimento lento, quase imperceptível. Às vezes, temos o ímpeto de tomá-lo como natural, porém é construído no decorrer dos séculos, não apresentando uma linearidade e, muito menos carregando uma ideia de progresso.

Como o próprio autor evidenciou, “era um padrão diferente do nosso – se melhor ou pior não vem ao caso”. O que não podemos ter é a “[...] expectativa de encontrar o ‘começo’ do processo civilizador” (ELIAS, 2011, p. 72, grifos do original).

Em vista disso, procurando entender “[...] algo que aconteceu antes” (ELIAS, 2011, p. 71), fui desafiada nestes *Tempos de guardar e descobrir* a fazer um mergulho na história das fontes, vislumbrando alcançar o objetivo proposto para meus estudos, quando estabeleci ‘**inventariar um arquivo pessoal** para conhecer, descrever e apreender as marcas da educação feminina escritas em memoriais de infância (auto)biográficos, por mulheres/acadêmicas do curso de Pedagogia, problematizando questões de gênero’.

Obviamente que um trabalho é constituído de forma que as peças vão se embrincando, formando um todo para contar de uma pesquisa, seus desdobramentos, encaminhamentos e, por fim, uma finalização. Ou seja, desde a *Apresentação*, passando pela *Introdução* e, assim, sucessivamente, a minha intenção neste texto foi escrever a história de uma trajetória de estudos, intentando que ela dê conta de relatar os caminhos trilhados, as escolhas feitas, os referenciais percorridos etc. Mas, nesta seção, o cerne são *as caixas da professora*, quer seja, o arquivo pessoal com seus documentos.

Por esse enquadramento, importante trazer para compor meu texto a obra *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*, quando o autor Andreas

---

<sup>21</sup> ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 1**: uma história dos costumes (2011, p. 71).

Huyssen escreve, na abertura do livro, uma explicitação acerca dos ensaios que formarão aquele exemplar, chamando atenção para “[...] o surpreendente nascimento de uma cultura e de uma política da memória e sua expansão global a partir da queda do Muro de Berlim, do fim das ditaduras latino-americanas e do ‘apartheid’ na África do Sul” (HUYSSSEN, 2000, p. 8, grifos do original).

Huyssen, professor de literatura nascido na Alemanha em 1942, em entrevista concedida por ocasião de uma visita para conferências no Brasil, se pronunciou acerca de movimentos em prol da memória no seu país, manifestando que:

[...] desde os anos 1960 havia uma preocupação com a política da memória, principalmente em relação aos crimes do Terceiro Reich e o Holocausto. Comecei a escrever sobre isso nos anos 1970. A partir dos anos 1980, transformações significativas no mundo fizeram com que o tema da memória ganhasse visibilidade em diversos contextos nacionais (FREITAS, 2014, s/p).

A partir disso, voltando à apresentação da obra de Huyssen (2000, p. 8), deparo-me com o autor chamando atenção para “[...] a construção de cenários urbanos e os novos sentimentos da memória histórica [...]”, pois estes “[...] têm um papel chave na atual transformação na nossa experiência de espaço e tempo [...]”. Ou seja, voltar ao passado, agora, se contrasta com um período em que o futuro esteve privilegiado e o que se entendia como importante era a emergência do ‘homem novo’.

Nesse sentido, segundo Huyssen (2000, p. 12-13),

[...] o Holocausto [...] serve como uma prova da incapacidade da civilização ocidental de praticar anamnese, de refletir sobre sua inabilidade constitutiva para viver em paz com diferenças e alteridades e de tirar as consequências das relações insidiosas entre a modernidade iluminista, a opressão racial e a violência organizada.

Sendo assim, para o autor, o “[...] Holocausto como figura de linguagem universal [...] perde sua qualidade de índice do evento histórico específico e começa a funcionar como uma metáfora para outras histórias e memórias. [...] prisma para olharmos outros genocídios” (HUYSSSEN, 2000, p. 13).

Prosseguindo, Huyssen (2000), agora falando não mais em ‘futuros presentes’, mas de ‘passados presentes’, lista uma série de práticas empreendidas desde a década de 1970, nas quais é possível observar movimentos que se alinham a uma busca do passado. Dentre elas cita a revitalização de centros históricos em diversas cidades, os

cuidados reservados aos museus etc. E eu ressalto, por vir ao encontro do meu interesse nesta investigação, a sua chamada para a “[...] literatura memorialística e confessional, o crescimento dos romances autobiográficos [...]” (HUYSSSEN, 2000, p. 14).

Na perspectiva de Huyssen (2000, p. 15), “não há dúvida de que o mundo está sendo musealizado e que todos nós representamos os nossos papéis nesse processo. É como se o objetivo fosse conseguir a recordação total”.

Em vista dessa discussão, importante localizar a escrita dos memoriais de infância (auto)biográficos, as fontes que formam o *corpus* documental deste estudo, como um movimento no qual se prestigiou testemunhos escritos. *As caixas da professora* estão repletas de memórias, recriadas em histórias escritas por mulheres/acadêmicas.

Portanto, *descobrir* é quase um ritual, como escreve Beatriz T. Daudt Fischer no seu texto intitulado “As caixas de papéis de Nilce Lea: memórias e escritas de uma simples professora?”

A caixa: passo por ela, olho, dou voltas pela casa, encontro o que fazer, parecendo querer adiar aquele momento de, finalmente, desencadear o processo, penetrar naqueles documentos que não me pertencem – ou, sim, já são meus? Só consigo iniciar a mexer no material quando descubro fazer disso um ritual quase sagrado. Decido estender um grande pano no chão. Depois me pergunto: por quê? Estaria erigindo ali uma espécie de altar? Ou aquele pano ali estava para garantir que nada, nenhum recorte de papel ali se perdesse? Na medida em que fui retirando da caixa cada um daqueles documentos, percebia-me como uma arqueóloga que não queria perder nenhum caquinho daquelas ‘cerâmicas em fragmentos’ (FISCHER, 2005, p. 73).

Preciso escrever que com esse entendimento e um turbilhão de sentimentos, dediquei-me a explorar o arquivo pessoal disponibilizado para minha pesquisa, buscando conhecer, relacionar, classificar, inventariar os documentos ali existentes.

Com muito respeito e cuidado, mas ao mesmo tempo instigada pelo que ali eu poderia encontrar, afinal “aquela [aquelas] caixa guarda fragmentos de uma história. Contém pedaços materializados de instantes vividos por uma professora, que por alguma razão decidiu não descartar tais lembranças. Papéis guardados por uma mulher” (FISCHER, 2005, p. 70, acréscimo meu).

Para Cunha (2008, p. 114), “o arquivo é, em geral, composto por documentos produzidos em função de necessidades cotidianas e afazeres habituais, e não

necessariamente escolhemos produzi-los ou controlamos sua produção”. Sendo assim, eu fui abrindo *as caixas da professora* uma a uma, indo aos poucos me apropriando do que ali se encontrava guardado.

Ao ler os documentos, fui me perguntando, “por que teria guardado estes materiais e não outros? Haveria outros documentos a investigar? Onde?” (FISCHER, 2005, p. 72). Imbuída nesse ritual de descobrir o que estava nas caixas, fui me adentrando nas histórias ali contidas e, partindo daqueles documentos, do que eles foram me contando, fui em busca de outros registros os quais entendi e acreditei como imprescindíveis para compreender como os memoriais (auto)biográficos foram produzidos, em que circunstâncias, situações e contextos as acadêmicas e os acadêmicos escreveram lembranças de infância.

Nessa perspectiva, depois do primeiro “envolvimento”, quando me concentrei em explorar, catalogar e organizar o arquivo pessoal foi preciso fazer o exercício do “distanciamento” (ELIAS, 1997a), para definir o *corpus* documental da pesquisa. Como doutoranda e orientadora da pesquisa são professoras na FAED/UFGD, entendi ser incontestável a existência de uma relação direta com as acadêmicas, produtoras dos memoriais de infância.

Daí pensar com Elias (1998a, p. 28, acréscimo meu), para quem “as mudanças que afetam o equilíbrio entre essas duas atitudes [envolvimento e distanciamento] podem constituir, em sociologia, meios de diagnósticos para determinar as modificações estruturais dos símbolos usados para a orientação e, portanto, para o saber”. Na perspectiva do autor, na atualidade, existe uma primazia do “distanciamento” para o conhecimento em processos físicos, o que me leva a salientar que, em pesquisas sociais, “a balança de equilíbrio” pende para o “envolvimento”.

Em sendo assim, levando em consideração os recortes que escolhi para a investigação, os quais foram circunstanciados e evidenciados na *Introdução*, elenquei para formar o *corpus* documental da investigação histórias de 20 mulheres/acadêmicas nascidas nas décadas de 1980 e 1990, nas cidades de Amambai, Caarapó, Dourados, Fátima do Sul, Glória de Dourados e Rio Brilhante do estado de Mato Grosso do Sul, estudantes do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, tendo elas cursado disciplinas relativas à infância e educação infantil nos anos de 2013, 2014, 2016 e 2017.

Nesse contexto, importa regressar um pouco no tempo e lembrar mais uma vez o mestrado em Educação, cuja caminhada me ensinou que “Dourados é a cidade de todos

os povos! Lugar de fronteira geográfica é, historicamente, o local do encontro de diferentes povos e culturas” (CAMPOS, 2010, p. 18<sup>22</sup>). Muitas/os vêm para cá em busca de trabalho, uma vida melhor e, principalmente, chegam à cidade para estudar. Assim, como eu escrevi em outro momento:

A cidade [...] é conhecida por algumas características que se pronunciam, seja na sua condição física, econômica e/ou social. Por se localizar em terras planas, ricas e produtivas, recebeu a alcunha de “Capital Econômica do Mato Grosso do Sul” [...]. E, ainda, por congregar várias universidades, faculdades e institutos de ensino superior e para cá atrair a presença de diversas pessoas de várias cidades do estado e das demais regiões do Brasil, ficou conhecida [...] como “Cidade Educadora” (CAMPOS, 2010, p. 26, grifos do original).

Portanto, buscar no arquivo os memoriais de infância (auto)biográficos de mulheres/acadêmicas nascidas no Mato Grosso do Sul, constituiu-se em momentos de grande interesse pela história do estado, das cidades, da Universidade e do curso de Pedagogia. Circunstanciar tempos e espaços me possibilitou o encontro com os diferentes modos “[...] como se entrelaçam as relações de interdependência e poder [...]” (VEIGA, 2009, p. 27).

Assim, entrevendo como fundamental saber as formas de controle e autocontrole que compõem o “processo civilizador”, no qual todas/os nós estamos implicados como indivíduos interdependentes (ELIAS, 2011), ressalto a partir Gebara e Lucena (2011, p. 61), que “pensar conjuntamente o eu, o nós e o eles constitui o grande desafio sociológico [...]”.

Nesse sentido, aceitando o “grande desafio”, eu vou me transportando para mais próximo dos documentos, tentando [...] levantar o véu das mitologias que mascara nossa visão da sociedade (ELIAS, 2001, p. 45).

---

<sup>22</sup> A citação é um fragmento de um discurso proferido no dia 12 de dezembro de 2008, na Câmara Municipal de Dourados, pelo Professor Doutor Damião Duque de Farias, Magnífico Reitor da UFGD, por ocasião da homenagem pelo título de Cidadão Douradense recebido. Disponível em: [www.ufgd.edu.br](http://www.ufgd.edu.br). Acesso em: 10 abr. 2009.

### 3.1 Arquivo pessoal: história das fontes

*Imaginemos por um instante um lugar onde tivéssemos conservado todos os arquivos da nossa vida, um local onde estivessem reunidos os rascunhos, os antetextos da nossa existência. [...] Entre a papelada, faríamos achados: poderia acontecer de esbarrarmos com nosso diário da adolescência ou ainda com algumas páginas manuscritas intituladas 'Minhas lembranças de infância'.*

Philippe Artières<sup>23</sup>

A epígrafe assinalada acima é originária do texto intitulado “Arquivar a própria vida”, no qual o autor francês Philippe Artières (1998) exalta os diversos guardados que reunimos ao longo da nossa existência. Obviamente escolhi esta parte do texto para abrir esta subseção, porque ele coloca em evidência as *‘Minhas lembranças de infância’*, contingência interessante por vir ao encontro das fontes escolhidas para o meu estudo, quer sejam, os memoriais de infância (auto)biográficos. No meu entendimento, o lugar especialmente reservado na profusão de documentos citados pelo autor para os registros acerca da infância, indica uma significância para investigações com tais documentos.

Em Cunha (2007), cujo texto foi nomeado “Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro”, a autora apresenta pesquisa desenvolvida a partir de registros feitos entre as décadas de 1964 e 1974, por duas mulheres “*comuns/ordinárias*”, nascidas em Florianópolis, no estado de Santa Catarina. Tal material me chamou atenção, pois nele li que “dormindo silenciosos e quase sempre escondidos em baús e caixas, diários íntimos até pouco tempo considerados como materiais sem importância, agora querem (e podem) fazer-se ouvir” (CUNHA, 2007, p. 45).

O *corpus* documental desta pesquisa não é formado por “diários íntimos”, mas vislumbrei que os memoriais de infância escritos por mulheres/acadêmicas propiciariam conhecer sobre a vida de pessoas comuns, quase sempre destinadas à invisibilidade. Sendo assim, com o trabalho eu intentei trazer à tona, descortinar, seguir as pegadas e contribuir para escrever a História e a História da Educação.

Retornando à Artières (1998), importa acentuar sua chamada para a abundância e diversidade daquilo que acumulamos ao longo da vida, tais como cartas, diários, agendas, tíquetes de passagens, entradas de teatros e cinemas, fotos, contracheques, papéis oficiais, papéis avulsos com uma ou duas anotações, que muitas das vezes não

<sup>23</sup> ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a Própria Vida* (1998, p. 9).

mais fazem sentido quando esbarramos com eles. Segundo o autor, de tempos em tempos arrumamos, descartamos, classificamos enfim, “passamos [...] tempo a arquivar nossas vidas” (ARTIÈRES, 1998, p. 10). Mas por que, para que e como arquivamos as nossas vidas?

O mineiro Pedro Nava escreveu, “somos arquivista da família”. Para ele importava sobremaneira “[...] qualquer documento ou correspondência que pudesse conservar como parte integrante da sua história e da sua obra. Durante toda a vida preocupou-se em guardar papéis e o declarava sempre” (INVENTÁRIO DO ARQUIVO PEDRO NAVA, 2001, p. 9).

Em outra passagem do *Inventário do Arquivo Pedro Nava* eu li que ao presenciar um parente se desfazendo de fotografias e outros documentos, o escritor ainda criança perguntou se poderia ficar com elas. Tendo sido atendido em seu pedido, muitos anos depois ele declarou “[...] sem esse arquivo eu não teria podido completar a história da minha família materna e seria impossível o *Baú de Ossos*”<sup>24</sup> (NAVA, 2001, p. 10, grifos do original).

Aspecto semelhante ao do escritor mineiro citado anteriormente, Sarat (2004) observou ao entrevistar velhos para sua tese intitulada *Histórias de estrangeiros no Brasil: infância, memória e educação*. Especificamente na sua investigação, a pesquisadora percebeu que a preservação da memória era uma função destinada às mulheres que, ao contarem acerca da infância vivida em outros países, faziam questão de aludir sobre o que conservavam de suas vidas fora do Brasil, dos antepassados, inclusive mostrando à entrevistadora diferentes objetos que faziam parte do patrimônio.

Assim Sarat (2004, p. 108, grifos do original) relatou o fato:

[...] preocupação presente especialmente para as mulheres a quem foi delegada a tarefa de ‘guardiãs das histórias’ da família. Elas montaram estratégias para manter e preservar tais lugares nas tradições e nas memórias dos seus. Tais ações puderam ser percebidas na organização de celebrações e comemorações em família, na preservação de objetos que lembrassem determinados momentos vividos pela família, nas

---

<sup>24</sup> O *Baú de Ossos* é o primeiro volume das memórias do escritor mineiro Pedro Nava e foi lançada em 1972. A obra retrata histórias dos antepassados do autor, bem como suas primeiras lembranças. A introdução da primeira edição foi escrita por Carlos Drummond de Andrade. Intitulada *Baú de Surpresas*; nela, o poeta também mineiro e seu amigo, deixa registrado que “Pedro Nava surpreende, assusta, diverte, comove, embala, inebria, fascina o leitor com suas memórias da infância, a que deu o título de Baú de Ossos” (COENGA, 2011).

fotografias guardadas ao longo do tempo, em móveis e objetos de antepassados.

Nesse contexto de pessoas comuns que todos somos, como as mulheres referidas na citação de Sarat (2004), as quais se ocuparam em criar “estratégias para manter e preservar”, chamo atenção para quantos de nós também somos levados a colecionar pequenos objetos, recordações dos diversos momentos vividos, de lugares visitados. Ocupamo-nos em conservar, talvez, para futuras gerações os registros da nossa passagem pela vida. São pequenas lembranças às quais, de alguma maneira, explicitarão nossos itinerários, nossas vivências, nossos pertencimentos.

Em vista disso eu reflito, primeiramente, que a certeza da finitude da vida pode pesar sobre nós e tal circunstância nos provocar e motivar à produção das marcas de cada um de nós nesse mundo. Arrisco a escrever que a luta com nossa efemeridade é cotidiana.

Como salientou Cunha (2017, p. 189), “todos nós produzimos arquivos”. E de acordo com a autora, “[...] há nas pessoas um desejo de guardar objetos e de guardar-se em ‘papel’ (fotos, diários, cadernetas, cartas) para salvaguardar-se do esquecimento, conservar o que, quase sempre, se extravia na vertigem do tempo [...]” (CUNHA, 2008, p. 111-112, grifos do original).

Voltando a Pedro Nava, para o escritor nós nos ocupamos na guarda e manutenção dos nossos diversos vestígios e sinais, buscando formas de nos conhecer e nos fazermos conhecidos em meio ao turbilhão que se configura a passagem do tempo.

[...] constantemente reunimos e preservamos nossos documentos ou colecionamos objetos e pequenas coisas que nos remetem a momentos vividos, a fim de não apenas satisfazermos à curiosidade natural de nos conhecermos melhor, mas também logramos retardar, na luta contra o tempo, a anulação da nossa individualidade (INVENTÁRIO DO ARQUIVO PEDRO NAVA, 2001, p. 9).

Anteriormente neste texto já citei Elias (1998a, p. 66), quando este escreveu “[...] o passado é o que pode ser rememorado [...]”. Todavia, para ativarmos o passado, reunimos, cuidamos da guarda e conservação de inúmeros objetos, fotos, documentos que nos ajudarão driblar o esquecimento. Seriam os detonadores da memória os quais, de diferentes maneiras, nos propiciariam sinais para rememorarmos o que já passou e poderá se perder “na vertigem do tempo” (CUNHA, 2008).

A memória, segundo Le Goff (1990, p. 423), “como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

E se referindo à importância do estudo da memória social para tratarmos o tempo e a história, o autor alerta que “[...] a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 1990, p. 426). Daí ser importante para contarmos a história, que cada um de nós possamos nos valer de pistas, pois “a memória, onde cresce a história, que por sua vez alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro” (LE GOFF, 1990, p. 477).

Uma das mulheres/acadêmicas, ao receber da professora a tarefa de escrever seu memorial de infância, assim assinalou:

O interessante de falar sobre infância, sobre a própria infância é que você mexe com a sua cabeça, com os seus sentimentos, você é capaz de se lembrar de coisas vividas muitos anos atrás. Além de lembrar-se de fatos vividos há muito tempo, você também se recorda do que as pessoas falam em relação a sua infância, elas se lembram de cada coisinha que você fez, de cada palavra que você disse (Memorial de infância, 2016/4, p. 2).

Ao tratar do seu passado a acadêmica sente um transbordamento de lembranças e emoções. Ela também se dá conta de uma história vivida com outros, pois pessoas recordam de suas experiências e “[...] falam em relação a sua infância, elas se lembram de cada coisinha que você fez, de cada palavra que você disse”.

Nesse sentido, Le Goff (1990) me possibilita escrever que essas pessoas “alimentam sua história”, contribuem com as suas lembranças, ativando sua memória. Assim, eu compreendo, é importante termos ajuda para fechar lacunas, aquilo que, por ventura, não conseguimos recompor sozinhas/os.

Mas, por outra vertente de discussão sobre a reunião e preservação de documentos, percebo que arquivamos porque somos tomados por exigências sociais de diversos setores. Para responder às demandas civis, jurídicas e econômicas nós conservamos comprovantes, relatórios, declarações, contratos etc.

Nesse sentido, de acordo com Artière (1998, p. 11, grifos do original), “o anormal é o sem-papéis. O indivíduo perigoso é o homem que escapa ao controle gráfico.

Arquivamos, portanto, nossas vidas, primeiro, em resposta ao mandamento ‘arquivarás tua vida’ - e o farás por meio de práticas múltiplas [...]’.

Assim, emaranhados nas tramas dos processos sociais, eu saliento a partir de Veiga (2011, p. 170), “[...] toda sociedade é uma sociedade de indivíduos presos por cadeias de interdependência que produzem múltiplas figurações e contextos funcionais e que, no jogo das figurações, todos sofrem coações impostas por estratégias”.

Por conseguinte, nos deparamos com o estabelecimento de controles, pois a presença do Estado determina, estabelece regras e normas as quais precisamos cumprir. Eu poderia dizer de um controle externo, em um primeiro momento, que se encaminha posteriormente para um autocontrole e nos impele à constituição de arquivos pessoais, cujos documentos e/ou objetos irão responder às demandas como indivíduos sociais que somos (ELIAS, 1993; 2011).

Sob a discussão relativa à reunião e preservação de documentos, Tanno (2007, p. 104) corrobora com meu estudo e reflexões quando escreve que:

A valorização dos arquivos pessoais está ligada, desde o século XVIII, ao crescente poder da escrita que se estendeu para o nosso cotidiano, afinal, para existir é preciso inscrever-se, seja nos registros civis, nas fichas médicas, escolares ou bancárias. Desde muito tempo e principalmente hoje, percebemos claramente a necessidade de arquivar documentos para podermos existir, trabalhar, participar de certas instituições, para estarmos inseridos na sociedade como cidadãos.

Também me ajudando na compreensão quanto à produção dos arquivos, tenho a importante contribuição de Oliveira (2010, p. 34), para quem “a necessidade de entender, processar e controlar os documentos remonta a própria escrita, à sua história e à divulgação da informação”. Bem como registro as considerações de Campello (2016, p. 66), pois esta constata quando escreve, “viver em sociedade implica produzir, receber e acumular documentos. Estes são instrumentos essenciais para o funcionamento da vida em sociedade e, portanto, testemunhos da trajetória de qualquer pessoa”.

Não obstante, entendendo que as demandas externas a partir das quais produzimos nossos arquivos são construídas por nós mesmos, pois em Elias (1994, p. 67) aprendi que “a sociedade sem os indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo”.

Em sendo assim, tomando como exemplo o Currículo Lattes<sup>25</sup>, tendo em vista que estou escrevendo um trabalho acadêmico, cujas fontes foram elaboradas em um processo de formação na academia, reunidas e guardadas em arquivo pessoal de uma professora/pesquisadora a partir de suas relações nessa figuração [a academia], evidencio o quanto somos (re)conhecidos pelo que produzimos e lá incluímos.

Atrevo-me a chamá-lo, em tempos intensos de imersão nas redes sociais, do nosso *Facebook Acadêmico*<sup>26</sup>. Sem ele não existimos, não somos credenciados como estudiosas/os, pesquisadoras/es, pois nessa figuração, aqui considerada como formação social na qual estão inseridos indivíduos econômica, científica, política e culturalmente interdependentes (ELIAS, 2006), somos avaliadas/os pelas nossas produções intelectuais.

Assim, em nossos Currículos Lattes precisaremos exibir tudo que conseguimos gerar, acumular e reunir nas/das diferentes atividades exercidas. Sem comprovarmos o que fazemos, em quais ambientes circulamos, com quem trabalhamos e, principalmente, o quanto rendemos, torna-se quase impossível nos tornarmos indivíduos estabelecidos nessa teia de interdependência formada por forças centrípetas e centrífugas, permeadas de tensões, pois implicam variações na “balança de poder”. Quer seja, na perspectiva da academia, compreendo que seremos “estabelecidos ou *outsiders*”, de que forma e na medida em que respondermos às demandas nessa/dessa figuração específica (ELIAS; SCOTSON, 2000).

E nesse contexto de estudos e pesquisas acadêmicos, mais uma vez destaco Cunha (2017, p.189), quando a autora registra que “a descoberta e a pesquisa nos arquivos pessoais propiciou ao historiador reflexões por colocarem em cena novos autores, novos objetos e novas fontes”. Por isso, importa para mim, neste momento, explanar sobre a gênese das fontes que formam o *corpus* documental utilizado nesta minha investigação. Acredito ser imprescindível reafirmar que os documentos foram

---

<sup>25</sup> “**Currículo Lattes** é um currículo elaborado nos padrões da Plataforma Lattes, gerida pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Quanto à **Plataforma Lattes**, ela é resultado da experiência do CNPq na integração de bases de dados de Currículos, de grupos de pesquisa e de instituições em um único sistema de informação”. Disponível em: <https://www.significados.com.br/curriculum-lattes/>. Acesso em: 4 jul. 2017.

<sup>26</sup> Como professora de Metodologia Científica, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), entre os anos 2011 a 2014, criei este termo - *Facebook Acadêmico* - para explicitar às/aos acadêmicas/os porque era importante criar o Currículo Lattes. Durante as aulas eu as/os levava ao Laboratório de Informática das Faculdades da UEMS e orientava no primeiro contato com a Plataforma Lattes.

produzidos/preservados em virtude de uma trajetória acadêmica, como evidenciado anteriormente.

Assim, o “produtor do arquivo” (OLIVEIRA, 2010), cujas motivações, concepções e conjuntura forjaram a produção das fontes, o fez em razão de suas ocupações e funções sociais. Neste caso específico, “uma produtora”, professora/pesquisadora, cuja caminhada se estabeleceu assentada em uma profícua relação com os estudos acerca da infância e das crianças, sobrelevando as investigações sobre suas memórias e histórias.

Usualmente é à infância que retornamos quando queremos/precisamos pensar em toda nossa vida. Os primórdios da existência nos fascinam, nos encantam e, ao mesmo tempo nos amedrontam e desafiam, pois sobre eles não conseguimos um total domínio. Como escreveu uma das mulheres/acadêmicas:

Sempre digo que um dos superpoderes que eu gostaria de ter é a boa memória [...]. Muitas das coisas que irei transcrever são momentos que não me lembro com total certeza, mas que sempre despertam aquela sensação gostosa no nosso íntimo, nostalgia talvez (Memorial de infância, 2017/5, p. 1).

Ou seja, são reminiscências, fragmentos, indícios que vêm à memória e possibilitam elencar algumas lembranças daqueles tempos.

Sarat (1999), em sua dissertação de mestrado denominada *Lembranças de infância: que história é essa?* destacou a importância de “[...] construir uma história da criança e da infância vivida a partir de diversas histórias e como essa infância vivida é percebida por cada pessoa, influenciando e formando as suas percepções” (SARAT, 1999, p. 3).

Também na perspectiva de estudos relativos à infância, a pesquisadora da História da Educação, Maria Cristina Soares de Gouvêa, tem se dedicado a diferentes investigações, principalmente, a partir da ótica da Sociologia da Infância, a qual segundo os estudos de Sarmiento (2005, p. 361):

[...] propõe-se a constituir a infância como objecto sociológico, resgatando-a das perspectivas biologistas, que a reduzem a um estado intermédio de maturação e desenvolvimento humano, e psicologizantes, que tendem a interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independentemente da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre e para eles.

Em vista disso, a autora referida [Gouvêa], em texto intitulado “Infância: entre a anterioridade e a alteridade”, contribui para minhas reflexões quando explicita que:

A infância, por um lado, remete-nos a um estranhamento, a uma relação com o mundo marcada pela diferença em relação ao adulto. Por outro, ela constitui a gênese da vida adulta, como tão bem nos ensinou Freud. A alteridade da infância não é absoluta, o outro habita em nós, nos constitui e se pronuncia, através da memória, remetendo-nos a um passado que ainda persiste e insiste. Entre o desconhecimento e a profunda identificação, situamo-nos em relação à infância, tentamos compreendê-la, significá-la (GOUVÊA, 2011, p. 549).

E foi/é nessa perspectiva de pensar a/na própria infância para apreender diferentes infâncias e, principalmente, aprender a conhecer a criança, o sujeito que vive esse período da vida, que eu entendi a produção dos memoriais de infância (auto)biográficos.

Vale acrescentar, neste momento, que a professora/pesquisadora ao longo do seu exercício na academia, sempre se dedicou à formação de professoras/es para trabalhar com as crianças na educação infantil. Sobre este segmento [Educação Infantil], importante sobressair, que o atendimento da criança de 0 a 6 anos ao longo da história da educação, em nosso país, nem sempre esteve atrelado à Educação. As instituições públicas de atendimento da criança de 0 a 6 anos ficaram sob a tutela das Secretarias de Ação Social dos diferentes municípios do Brasil até a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996 (BRASIL, 1988; BRASIL, 1996; CERIZARA, 2002).

Em virtude dessa trajetória, vale aludir, foi somente a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)/Lei 9394/96 que tal segmento foi reconhecido como Primeira Etapa da Educação Básica e recebeu o nome de Educação Infantil (BRASIL, 1996).

Cabe esclarecer, ainda, a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)/Lei 8069, Art. 2º, que em nosso país a infância está estabelecida dos 0 aos 12 anos. Na letra da Lei, tal definição encontra-se assim redigida “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos [...]” (BRASIL, 1990).

E, somando a essa definição do ECA, convém mostrar, também, que a formação das mulheres/acadêmicas, produtoras dos memoriais de infância (auto)biográficos que formam o *corpus* documental dessa pesquisa, se deu no seguinte contexto:

O curso de Pedagogia tem como concepção de formação a docência para o magistério da Educação infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, de forma a possibilitar uma base formativa, articulada com a gestão educacional como faces complementares de uma mesma e única formação (FAED, 2017, p. 12).

Nesse sentido, explico a partir do extrato retirado do Projeto Pedagógico de Curso (FAED, 2017), que as acadêmicas que obtêm a graduação na Licenciatura em Pedagogia, na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados, estarão aptas ao trabalho com os segmentos Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental, além de outras possibilidades (gestão, espaços de educação não escolares etc.).

Em sendo assim, vale a minha explicação de porque empreender todo esse caminho. O objetivo foi deixar evidenciado que, mesmo sendo os memoriais de infância escritos no contexto de formação para educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, os estudos neste processo de doutoramento dão prosseguimento às trajetórias de trabalho e pesquisa [doutoranda<sup>27</sup> e orientadora], as quais estiveram/estão diretamente vinculadas à educação das crianças de 0 a 6 anos, quer seja, uma formação para a docência na Educação Infantil, sobre a qual me interessa discutir, dialogar e apreender como espaço constituído por uma história diretamente ligada ao “[...] advento da Educação Infantil e sua relação com o gênero feminino, no que diz respeito à função materna e docente [...]” (PEREIRA; CAMPOS, 2015, p. 118).

Voltando o foco para a investigação desenvolvida, intencionando ao conhecimento/reconhecimento dos memoriais de infância, acentuo que provavelmente as fontes empregadas em meus estudos não tiveram uma pretensão primeira de servir à pesquisa. Sobre tal perspectiva Campello (2016, p. 66) discorre que “os arquivos pessoais não são criados com finalidade histórica e cultural [...]”.

---

<sup>27</sup> Entendendo como importante aludir, mais uma vez, pois o fiz de alguma maneira na *Apresentação*, que a trajetória da doutoranda também se constituiu a partir de uma longa história de trabalho com a Educação Infantil, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte/MG. E também, desde 2006 até a presente data, atuando na graduação no curso de Pedagogia na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), em Dourados/MS, o trabalho permanece voltado para formar professoras/es para a educação infantil.

Não obstante, interessante trazer aqui recorte de um documento, no qual a acadêmica se refere à produção do memorial visando estudos e pesquisas. Ela se pronuncia assim:

Espero que estas recordações ajudem vocês pesquisadores a entender um pouco mais sobre o desenvolvimento da criança, muitas coisas que escrevi estão arquivadas no meu diário, que guardo desde o terceiro ano de escola [...] (Memorial de infância, 2014/4, p. 9).

Ou seja, é bem provável que a mulher/acadêmica, ao se debruçar sobre a tarefa solicitada pela professora, entendeu a grandeza e importância da sua história e vislumbrou que ela poderia servir para análises, reflexões e, quiçá, outros desdobramentos em prol das crianças. E se ocupou em deixar isso registrado.

Prosseguindo, compreendi que ao longo da carreira da professora/pesquisadora, em conformidade com os rumos dos estudos e das investigações inerentes aos seus diferentes projetos de pesquisa, foram se desenhando as várias possibilidades de utilização de tais documentos<sup>28</sup>. E, obviamente, em consequência dessas evidências, foi necessária uma reconsideração dos itinerários da investigação, quando aprofundi as leituras da/na área de estudos sobre arquivo pessoal, as quais me possibilitaram uma compreensão apropriada deste *corpus* documental.

Constatedei, a partir de meus estudos, que “os arquivos pessoais apresentam características peculiares e, até pouco tempo, não eram sequer considerados arquivos” (SILVA, 2013, p. 164). Em contrapartida, assimilo que “por refletirem, mesmo que não totalmente, a vida de alguém, os arquivos pessoais fazem com que tenhamos a sensação de estarmos acompanhando a trajetória de seu titular” (CAMPELLO, 2016, p. 67).

Assim, junto a esse movimento de conhecimento das fontes, empreendi uma pesquisa sobre a “produtora do arquivo”, perspectiva que vem ao encontro das assertivas de Oliveira (2010, p. 41) para quem é imprescindível “[...] recompor a história do titular do arquivo, de sua rede de relacionamentos e de interesses, em busca da contextualização do arquivo objeto de seu estudo”.

---

<sup>28</sup> Evidencio que a partir do meu percurso pelo arquivo pessoal, eu constatedei que alguns documentos já foram usados, ainda de maneira incipiente, em dois momentos das atividades da professora/pesquisadora. São eles: Pesquisa de Iniciação Científica de Lorena Halina Cardoso Augusto nomeada *Memórias de infância na escola: a civilidade e a educação das crianças* (SARAT; AUGUSTO, 2014); e Pesquisa de Iniciação Científica de Lúcia Diniz Frutuoso titulada *RECORDAR E ESCREVER: a infância e a educação das crianças registrada em memoriais de professoras* (SARAT; FRUTUOSO, 2015).

Ou seja, perscrutar as circunstâncias nas quais os documentos foram produzidos, as diferentes figurações em que se encontrava inserida a fomentadora de tais documentos, conhecer as “teias de relações” (ELIAS, 2006) as quais envolveram a constituição do arquivo pessoal, se constituiu em condição primordial para construir uma ligação do *corpus* com as atividades nas quais foram forjados tais documentos.

Portanto, apresentando o percurso empreendido para o conhecimento do arquivo pessoal disponibilizado para esta pesquisa, saliento que me dediquei ao mapeamento, à familiaridade com os documentos ali dispostos, ao trabalho de relacionar todos os impressos, além da busca por outros registros os quais acreditei serem indicadores imprescindíveis para entender a história das fontes.

Como resultados desse investimento, registro que desde o ano 2000, até a presente data, a “produtora do arquivo” tem solicitado aos acadêmicas/os de graduação e de pós-graduação a rememorarem suas lembranças/histórias, com ênfase na primeira etapa de suas vidas. Sendo assim, verifiquei que os memoriais de infância (auto)biográficos foram sendo produzidos em disciplinas que trataram/tratam acerca de infâncias, crianças e educação infantil, como uma tarefa a qual todas/os precisavam/precisam se dedicar e cumprir.

Portanto, sobrelevo os documentos que formam o *corpus* do meu estudo “apontaram, [...] para a atividade que os originou, ganhando sentido” (CAMPELLO, 2016, p. 68).

Não obstante, registro que no desdobrar dos estudos, com o desenvolvimento do projeto de pesquisa para o doutoramento e os primeiros apontamentos da tese, escutei orientações de que não deveria enfatizar em demasia a “produtora do arquivo”, por razões de esta ser também a orientadora e coparticipante deste trabalho e, ainda, sujeito na/da história presente. Ao vislumbrar a visibilidade da pesquisa, ficava nítido e expresso na fala da professora/orientadora, o receio de ao longo do processo a exposição do arquivo pessoal ser entendido como “busca de glória” (RIBEIRO, 1998).

Sobre tal sentimento e julgamento, vale trazer para reflexão o mesmo autor, quando este explicita que:

[...] a memória deixou de significar a unidade nacional, para designar, agora, um fracionamento, o reconhecimento de identidades parciais e essencialmente antiunificáveis. [...] ela deixou de residir no gesto exemplar, econômico, do herói, para figurar numa multiplicidade de pequenos atos e gestos, quase anônimos (RIBEIRO, 1998, p. 37).

Mediante tal concepção, entendo como importante não só para este estudo, como também para outras pesquisas que possam vir a utilizar como fontes documentos oriundos de arquivos pessoais, valorizar a iniciativa da produção e preservação de arquivos para a escrita da História e da História da Educação, inclusive aludindo às ponderações de Oliveira (2010, p. 40), para quem é primordial “o reconhecimento dos arquivos pessoais como fonte de pesquisa para a identidade de uma sociedade [...]”.

Compreensão compartilhada por Silva (2013, p. 163, acréscimo meu), para quem “[...] arquivos pessoais de homens [mulheres] da ciência, vêm igualmente sendo utilizados como fontes de informação para a pesquisa histórica [...]”. Para a autora, tais arquivos constituem “[...] fonte de pesquisa valiosa, por serem testemunhas das atividades realizadas em diversas áreas do conhecimento científico” (SILVA, 2013, p. 163).

Avançando, esclareço que os documentos com os quais trabalhei, nesta investigação, equivalem a uma parte do arquivo pessoal da professora/pesquisadora. Como bem pontuado por Campello (2016, p. 73), “[...] os arquivos pessoais, são produtos de necessidades que pululam ao longo da vida de um indivíduo, ligados a atividades e funções sociais desempenhadas por ele”.

Dessa forma, entendo que uma rápida apresentação dos tempos de vida da professora/pesquisadora envolvidos na produção do arquivo pessoal se faz necessária, pois é sempre importante para apreensão do processo dos estudos “[...] remeter os documentos aos seus respectivos momentos temporais” (CAMPELLO, 2016, p. 79-80).

Nesse enquadramento, escrevo que as atividades profissionais que geraram os documentos reunidos estão diretamente relacionadas, antes de tudo ao início da sua carreira, quando ela se dedicou à docência na educação infantil, tendo sido professora e coordenadora em instituições na cidade de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, de cujo contexto mantém preservados cadernos com registros das práticas pedagógicas desenvolvidas, cadernos de planejamentos/projetos, atas, fotografias etc.<sup>29</sup> Quanto ao trabalho na Educação Superior, este se iniciou em 1999, na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), município de Guarapuava, estado do Paraná. A professora permaneceu naquela Universidade até setembro de 2005, vindo se

---

<sup>29</sup> Esses documentos não foram acessados por mim neste estudo.

ingressar, ainda no mesmo ano, na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), instituição localizada na cidade de Dourados, estado de Mato Grosso do Sul.

E é exatamente ao longo desse período como docente universitária, que a professora/pesquisadora vem reunindo e preservando farta documentação constituída, quase unanimemente, por memoriais de infância produzidos por discentes nos diversos cursos ministrados de formação inicial e formação continuada de professoras/es, especialmente voltados para profissionais que trabalharão e/ou trabalham na Educação Infantil, foco da sua trajetória docente e de pesquisa, como já realçado antes.

Posto isto, importa agora retomar, contar e mostrar o arquivo pessoal da professora/pesquisadora, em certo sentido buscando responder uma das perguntas que eu fazia no início desta subseção: como arquivamos as nossas vidas?

Guardados em caixas plásticas, pastas de papel e de plástico, eu recebi os documentos que viriam compor o *corpus* documental desta pesquisa. Parafraseando Cunha (2007), “querendo (e precisando) ser lembrados e lidos”, encontramos os documentos acondicionados nas duas primeiras caixas, as quais eu registrei na Figura 9<sup>30</sup>, por acreditar que quando passado, presente e futuro se imbricam, é sempre importante assinalar os diferentes momentos do processo, os quais nos auxiliarão a recompor em nossa memória uma trajetória formada por significados pessoais e cotidianos, que ao se tornar pública, recebe outra roupagem para participar da escrita da História.

---

<sup>30</sup> As imagens/figuras permitem muitas interpretações e diferentes leituras. Ressalto que neste trabalho elas aparecerão como ilustrações, objetivando remontar um pouco da história do arquivo pessoal e, também, como foi o processo de inventariar o arquivo pessoal para descobrir, conhecer, organizar e apresentar os documentos, visando ao estudo, bem como vislumbrando contribuir com futuras investigações.

**Figura 9** - Arquivo pessoal - primeiras caixas



Fonte: Arquivo Campos, 2015.

Posteriormente, à medida que os meses foram passando e a pesquisa foi se ampliando e espraiando, pois pedia mais documentos para ajudar a responder perguntas e fechar lacunas, somaram-se às duas primeiras caixas mais documentos, conforme retratado na Figura 10.

**Figura 10** - Arquivo pessoal - quase completo



Fonte: Arquivo Campos, 2016.

Sobre o ‘quase’ inscrito no título da Figura 10, importante aludir que a vida continua acontecendo, não paramos de trabalhar, então seguimos produzindo e conservando documentos. Em consequência disso, os memoriais de infância que foram escritos no ano de 2017 vieram fazer parte dos estudos. Sendo assim, tais documentos foram selecionados por mim e aparecem na Figura 11.

**Figura 11** - Arquivo pessoal - completo



Fonte: Arquivo Campos, 2017.

Devido à necessidade de trabalhar os documentos visando à pesquisa, eu perspetivei como um seguimento integrante e importante para os estudos, à organização e descrição dos documentos disponibilizados primeiramente para esta investigação, mas que com certeza, serão/poderão ser acessados em futuras pesquisas<sup>31</sup>.

Assim, a partir de uma busca cuidadosa e ampla eu fui adentrando aos meandros do processo de reunião e preservação de tais documentos, objetivando uma aproximação mais facilitada e abrangente, intencionando primeiramente meus estudos e, posteriormente, a uma disponibilização organizada deste fragmento do arquivo pessoal da professora/pesquisadora para outras possíveis investigações *a posteriori*.

<sup>31</sup> Importante registrar que uma pesquisa com este *corpus* documental já foi encaminhada com a minha orientação. O Plano de Trabalho de Iniciação Científica –2017-2018 – intitulado *Memoriais de infância do homem pedagogo: trajetórias em uma profissão feminina* (PALHANO; CAMPOS, 2017), apresentado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, PROPP/UFGD, já recebeu aprovação e bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), tendo se iniciado em 1º de agosto de 2017.

Como aponta Camargo (2009, p. 26-39), “a aplicação de procedimentos arquivísticos a esse tipo de arquivo é possível e necessário na medida em que formam conjuntos orgânicos e autênticos, representantes das atividades que lhes deram origem”.

Contudo, em Oliveira (2010, p. 26), encontro observações que dão conta de que “os arquivos pessoais, no campo da Arquivologia têm ocupado um espaço de discussão teórica pouco privilegiado”. De acordo com os escritos da autora, em virtude de uma hegemonia dos estudos de arquivos públicos, há muito que se debruçar sobre os arquivos pessoais.

Obviamente, não tenho como aprofundar tal questão nesta investigação, pois não seria possível trabalhar com os construtos da Arquivologia sem a devida formação científica e a expertise necessária à tarefa. Como bem alertou Campello (2016, p. 67, acréscimo do original), é preciso saber “a importância do tratamento dos arquivos pessoais como arquivos, sendo [estes] merecedores, [...] de uma abordagem arquivística adequada [...]”.

Desse modo, apresento a seguir o trabalho que foi possível realizar nestes *Tempos de guardar e de descobrir*, esperando que esta trilha possa servir de indicação a outras/os estudiosas/os da/na temática, bem como instigar demais pesquisadoras/es a aprimorarem o que iniciei, realizando, por exemplo, a digitalização dos documentos e a disponibilização destes por meio de plataformas online, mais abrangentes e condizentes com a importância do acervo.

Continuando nesta caminhada, primeiramente eu trago a imagem das novas caixas, nas quais se encontram reorganizados e acondicionados os documentos.

**Figura 12** - Arquivo pessoal - documentos inventariados e reorganizados



Fonte: Arquivo Campos, 2017.

Como pode ser verificado na Figura 12, são dez caixas em cujo interior estão guardados os documentos cedidos para esta pesquisa, pela professora/pesquisadora, bem como todos os demais os quais fui rastreando a partir das demandas surgidas para os estudos.

A partir de um ordenamento que fez sentido para mim, as caixas foram etiquetadas (ver APÊNDICE B, para melhor visualização das etiquetas) objetivando facilitar a localização dos documentos almeçados em cada situação específica.

Sobre a organização procedida, evidencio que em cada caixa se encontram acomodados todos os documentos que consegui conhecer/reconhecer/significar nesta investigação empírica, e que foram/estão sendo imprescindíveis para o estudo. Espero que o trabalho que realizei com/no arquivo pessoal, mesmo que inicial, já possa compor boas pistas e indícios (GINZBURG, 1989) para mais buscas no futuro.

Acerca da organização de cada caixa, iniciando pela Caixa 001, evidencio que nela se encontra uma cópia (ver APÊNDICE C), no qual aparecem arrolados todos os documentos pertinentes a este fragmento do arquivo pessoal da professora/pesquisadora. Com esta disposição, pretendi a uma busca mais facilitada, quando da necessidade do trato com qualquer documento para meus estudos, bem como

para facilitar o acesso em caso de realização de outras pesquisas por demais pesquisadoras/es, posteriormente. Nela se encontram, também, todos os documentos registrados no referido APÊNDICE.

Quanto às demais caixas, em sua maioria, foram organizadas pelos anos de produção dos documentos. Assim, continuando pela ordem, apresento a Caixa 002, na qual guardei os documentos *História através da sua vida*<sup>32</sup>, recolhidos pela professora/pesquisadora em suas funções na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Mesmo que o período de trabalho tenha se efetivado entre os anos 2000 a 2005, como se trata de 154 documentos, quase todos escritos em uma página, optei por acondicioná-los em uma única caixa.

Todos os documentos dispostos nesta Caixa 002 são anônimos, mas a partir da pesquisa empreendida por mim, intentando conhecer e entender a história que envolveu a sua produção, foi possível comprovar que todos foram escritos por mulheres. Explicitando a minha organização, registro que independentemente de terem sido acondicionados em uma única caixa, eles se encontram separados por décadas de nascimento das autoras.

Realizei, ainda, um levantamento das cidades e estados de nascimento das mulheres e, a partir desse tratamento, foi possível construir o quadro (ver APÊNDICE D, tencionando caracterizar tais documentos, bem como contribuir com os futuros trabalhos. Assim, poderá ser observado, pelos dados auferidos, que os 154 documentos foram escritos por mulheres que nasceram entre as décadas 1940 e 1980. Elas são originárias de diferentes cidades, pertencentes a cinco estados do Brasil – Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Tratando especificamente da elaboração dos documentos *História através da sua vida*, a partir de uma pesquisa mais efetiva consegui acesso ao projeto intitulado *Brincando de aprender: curso de formação do profissional de educação infantil*, em cujo bojo tais documentos foram produzidos. Trata-se de um curso desenvolvido para professoras leigas, que tinha como objetivo propiciar formação para as profissionais que já trabalhavam em creches e pré-escolas, com crianças de 0 a 6 anos, mas não possuíam a formação condizente ao exercício da função.

Importante aludir, mais uma vez neste texto, que indo ao encontro das definições alcançadas a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional/Lei 9394/96

---

<sup>32</sup> No Anexo 1, trago um desses documentos digitalizados, para conhecimento e apreciação de suas características e especificidades.

(BRASIL, 1996), foi consolidado no Brasil a educação infantil como primeira etapa da educação básica. E foi exatamente a partir daí que surgiu a demanda por cursos para as/os professoras/es que já atuavam nesse segmento, porém não atendiam às novas exigências da Lei 9394/96, as quais poderão ser lidas no Art. Art. 62:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (BRASIL, 1996).

Fica evidente a tão propalada formação, pois, conforme documento acima referido, deveria ser oferecida para todas/os que já estivessem no exercício como professoras/es de crianças de 0 a 6 anos até dez anos depois da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996). Ou seja, até o ano de 2007 todas/os deveriam ter a devida formação para o trabalho.

O texto da Lei 9394/96 referiu-se a essa perspectiva de formação estabelecendo “a Década da Educação, a iniciar-se um ano a partir da publicação desta lei”. E ainda reforçou que “até o fim da Década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior” (BRASIL, 1996). Infelizmente, já se passaram mais de vinte anos da promulgação da Lei (20 de dezembro de 1996 - 20 de dezembro de 2016) e a efetiva qualificação das/os profissionais que atuam nas creches e pré-escolas em todo o país não aconteceu.

Continuando a apresentação e explanação acerca da organização das caixas, tenho a Caixa 003, que traz uma organização diferente das outras sete restantes, pois ela acomoda 15 memoriais de infância produzidos por acadêmicas e acadêmicos do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), na Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Eles foram escritos entre os anos 2008 e 2014, quando elas/eles cursaram a disciplina *História da Infância e Educação Infantil*, no mestrado em Educação, cuja ementa registrada nos Planos de Ensino é:

Discutir as diferentes concepções de infância e de criança em perspectiva histórica, social, cultural e antropológica, bem como, o processo de construção da história do atendimento à criança analisando aspectos como: origens, objetivos, funções, concepções e práticas pedagógicas envolvendo as políticas de educação e de assistência (FAED, 2008).

Tais documentos seguem apresentados na Tabela 1.

**Tabela 1** - Memoriais de infância – alunos/as do mestrado em Educação - Pós-Graduação/FAED/ UFGD

Anos da produção	Quantidade	Gênero	
		Feminino	Masculino
2008	5	5	0
2011	6	4	2
2014	4	4	0
<b>TOTAIS</b>	<b>15</b>	<b>13</b>	<b>2</b>

Fonte: Elaboração Campos, 2015.

Também se encontram guardados na Caixa 003 “Memoriais de formação” escritos por acadêmicas/os quando cursaram a disciplina *Currículo da Educação Infantil I*, no ano de 2009, na graduação em Pedagogia, na FAED/UFGD. Trata-se de um total de 43 “Memoriais de formação”, elaborados em uma perspectiva diferenciada dos demais manuscritos que compõem esta parte do arquivo pessoal.

Como já evidenciado na *Introdução*, conceituei tais materiais a partir dos estudos realizados acerca da abordagem (auto)biográfica, quer seja, “memoriais de formação” são documentos elaborados a partir de uma “[...] abordagem da formação centrada sobre o sujeito aprendiz, utilizando a mediação de uma metodologia de pesquisa-formação articulada às histórias de vida” (JOSSO, 1999, p. 14).

Portanto, tais memoriais são diferentes de todos os demais documentos produzidos a partir da atividade de docência da professora/pesquisadora na UFGD, pois os outros são memoriais de infância. Assim, importante registrar que eu localizei somente esses 43 documentos (“Memoriais de formação”) em todo o arquivo pessoal cedido para minha pesquisa de doutoramento.

Explicando um pouco mais a disciplina *Currículo da Educação Infantil I*, vale aludir à sua ementa que se encontra registrada no Plano de Ensino com os seguintes dizeres:

As abordagens curriculares em Educação Infantil. Organização das práticas pedagógicas na educação das crianças de zero a cinco. Projeto político pedagógico nas instituições. Organização dos espaços nas

instituições. Condições materiais e humanas nas instituições de atendimento à criança de 0 a 5 anos (FAED, 2009a).

Construí a Tabela 2, a seguir, objetivando demonstrar as características de tais documentos.

**Tabela 2** – Memoriais de formação – alunos/as da graduação em Pedagogia/UFGD

Ano da produção	Quantidade	Gênero	
		Feminino	Masculino
2009	43	41	2
<b>TOTAIS</b>	<b>43</b>	<b>41</b>	<b>2</b>

Fonte: Elaboração Campos, 2015.

Dentro das Caixas 004 até 010, acondicionei os memoriais de infância, que em sua maioria, foram produzidos pelas/os acadêmicas/os da Pedagogia da FAED/UFGD, na disciplina *Fundamentos da Educação Infantil*. Tal disciplina apresenta a seguinte ementa como diretriz:

Abordagem das concepções de criança/infância e Educação Infantil em perspectiva histórica, sociológica, epistemológica e pedagógica enfocando ainda aspectos como: teóricos que estão na gênese do atendimento à infância e da construção dos conceitos sobre a criança. Aspectos da história do atendimento no Brasil. Conceitos como educação e cuidado no atendimento à criança pequena e na formação de professores. Organização dos espaços de atendimento a criança pequena em situações formais e não formais (FAED, 2009b).

A Tabela 3 foi construída visando, especialmente, mostrar todos os documentos, realçando os diferentes anos da produção deles, bem como evidenciando, mais uma vez, a característica dos gêneros envolvidos na elaboração de tais documentos.

**Tabela 3** - Memoriais de infância – alunos/as da graduação em Pedagogia/UFGD

Anos da produção	Quantidade	Gênero	
		Feminino	Masculino
2009	50	49	1
2010	34	33	1
2011	40	40	0
2013	78	76	2
2014	28	28	0
2016	72	67	5
2017	42	40	2
<b>TOTAIS</b>	<b>344</b>	<b>333</b>	<b>11</b>

Fonte: Elaboração Campos, 2017.

Sobre os documentos que aparecem na Tabela 3, é necessário esclarecer, que no ano de 2012 (com término e entrega dos memoriais datados de 2013, devido movimento de greve na UFGD), a professora/pesquisadora também recolheu memoriais de infância por ocasião do trabalho na disciplina optativa *História da Infância*, ministrada também na graduação em Pedagogia.

A ementa da referida disciplina se mostra assim redigida: “Concepções de infância e de criança em perspectiva histórica, social, cultural e antropológica. A relação entre história da criança e história do atendimento à infância. Origens dos conceitos de cuidado e educação no atendimento à criança” (FAED, 2013a).

E também no ano de 2013, a professora/pesquisadora, produtora do arquivo, solicitou a escrita de memoriais de infância na disciplina eletiva *Temas Emergentes em Educação*, por ela ministrada no curso de Pedagogia, cuja ementa se encontra assim definida: “Análise crítico-reflexiva e debate acerca dos temas contemporâneos e atuais na área da Educação e da Pedagogia” (FAED, 2013b).

Especificamente sobre o trabalho desenvolvido na disciplina *Temas Emergentes em Educação*, junto aos memoriais de infância encontrei um documento no qual constava a organização de um trabalho solicitado às/os acadêmicas/os. Como tal documento apresentava nomes, a partir dele eu organizei o Quadro 6, pois considerei bastante significativo o viés de trabalho da professora/pesquisadora, buscando aproximar as/os acadêmicos do universo infantil.

**Quadro 6** - Grupos de Trabalho e temáticas na disciplina *Temas Emergentes em Educação*

<b>Grupos (de 4 a 5 acadêmicas/os)</b>	<b>Temáticas</b>
<b>I</b>	“A infância e a cidade: experiências em pequenos municípios”
<b>II</b>	“Infância e brincadeiras: espaços e diferenças de classe social”
<b>III</b>	“Infância e música: o que as crianças ouvem?”
<b>IV</b>	“Infância indígena: as aldeias de Dourados”
<b>V</b>	“Infância urbana: shopping e consumo”
<b>VI</b>	“Infância rural e acesso virtual”
<b>VII</b>	“Infância e história de abandono”
<b>VIII</b>	“Infância hospitalizada: o caso de Dourados”
<b>IX</b>	“Infância e diversidade: crianças especiais”
<b>X</b>	“Infância rural: crianças na escola”

**Fonte:** Elaboração Campos, 2017.

Terminada esta exposição e explanação acerca da pesquisa empírica efetuada no arquivo pessoal, reitero a *Introdução*, quando assinalei minha definição por uma investigação na qual somente trabalharei com memoriais de infância (auto)biográficos produzidos por mulheres/acadêmicas. A perspectiva de colocar em evidência histórias de mulheres nessa profissão vai ao encontro de muitos interesses, dentre eles, discutir o lugar da professora na educação das crianças, ou seja, problematizar a questão de gênero que envolve a docência em Pedagogia.

Em artigo de Magda Sarat intitulado “História da formação de professoras para a infância: experiências no Brasil e na Argentina”, a autora discute acerca do lugar que a professora/*señorita*<sup>33</sup> ocupa no imaginário de todas/os. Assim ela se manifestou:

<sup>33</sup> Nas escolas argentinas, ainda hoje, a professora é identificada como *señorita*, não como um pronome de tratamento para uma pessoa jovem e solteira, mas para uma mulher que adotou a docência com crianças pequenas. Independentemente da idade e do estado civil, ela será sempre a *señorita* que ficará na

A figura da professora frequenta as memórias de todos os indivíduos que passaram pela escola em algum momento da vida. Em geral é uma representação feminina que tem um lugar central na educação das crianças pequenas em todos os países do Ocidente, onde majoritariamente o trabalho docente ficou nas mãos das mulheres a partir do séc. XIX (SARAT, 2015, p. 23).

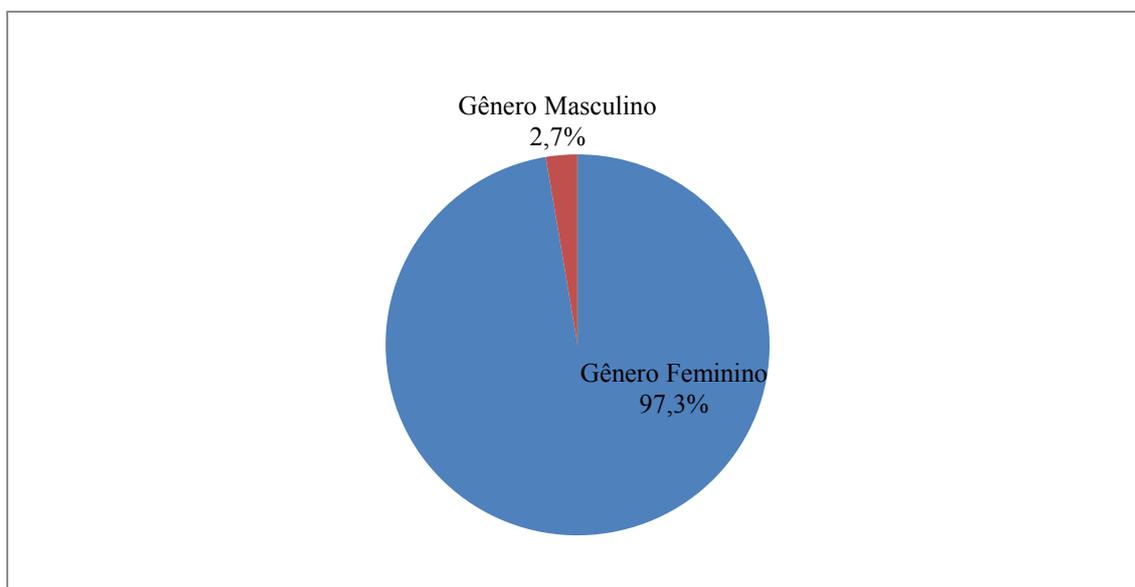
Nesse contexto, que indica uma presença maciça de mulheres na educação das crianças ao longo da história, apresento todos os dados auferidos no arquivo pessoal na Tabela 4 que segue. Ela está representada pelo Gráfico 1, logo em seguida, em uma demonstração especialmente construída objetivando sobressair a presença feminina nos cursos relativos à educação da infância.

**Tabela 4** - Arquivo pessoal da professora/pesquisadora

Gênero	Frequência	Porcentagem
Feminino	541	97,3
Masculino	15	2,7
<b>Total</b>	<b>556</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaboração Campos, 2017.

**Gráfico 1** - Arquivo pessoal da professora/pesquisadora: representação Tabela 4



Fonte: Elaboração Campos, 2017.

---

memória de todas as crianças argentinas que passaram especialmente pelo jardim de infância e escola primária, como aponta Alicia Fernandez (SARAT, 2015, p. 31).

Para corroborar com essa realidade, constituída a partir de dados oriundos de um processo de formação – que se encontra inserido no curso de Pedagogia da FAED/UFGD, em Dourados, (2008-2017) –, que não deixa de nos impactar, mesmo que, de certa maneira já fosse esperada –, trago excertos muito significativos retirados da tese intitulada *Por uma história das práticas de formação docente: um estudo comparado entre duas escolas normais de Ribeirão Preto - SP (1944-1964)*, na qual Alessandra Cristina Furtado realiza um estudo comparado em duas escolas do interior do estado de São Paulo.

A autora apresenta as seguintes ponderações, feitas a partir de relatos de professoras e professores entrevistada/os para a pesquisa:

Com relação à escolha da profissão docente, as entrevistas apontaram que, tanto as alunas da ‘Escola Normal Livre Nossa Senhora Auxiliadora’ quanto as da ‘Escola Normal Oficial’ não optaram pelo curso por vocação, mas motivadas por influência familiares, que entendiam ser o Curso Normal o mais adequado para mulheres (FURTADO, 2007, p. 113-114).

Ainda que a influência familiar ocorresse na escolha da profissão docente pela clientela masculina, a opção dos homens pelo Curso Normal não aconteceu na mesma circunstância que a das mulheres. De acordo com o depoimento de ex-alunos da ‘Escola Normal Oficial’ o interesse pelo magistério foi motivado, principalmente, pela falta de oportunidades (FURTADO, 2007, p. 114).

Apreendi com Elias (2006; 2008) que diferentes figurações sociais se apresentam e participam da/na “balança de poder”. Como evidenciado no trabalho de Furtado (2007), família, lugares sociais de homens e mulheres, aspectos econômicos, sobrelevaram-se às possíveis escolhas ou não escolhas de suas/seus entrevistados.

Em sendo assim, vislumbrando um movimento que se processa ao longo da história, impingindo força e tensão no equilíbrio de poder, observo que a Pedagogia constituída a partir dos documentos relacionados no arquivo pessoal da minha pesquisa, pode ser incluída no bojo das *Profissões para mulheres* (WOOLF, 2015).

Mas sempre atenta, para fechar, considero as reflexões de Honorato (2011, p. 201), quando o pesquisador assinala que:

O equilíbrio de poder indica que cada vez mais uns ampliam e outros diminuem o acesso às fontes poder [...] dinâmica de democratização

funcional que é designada pela tendência global das transformações que reduzem o poder potencial entre os diferentes grupos, mesmo entre homens e mulheres, pais e filhos, alunos e professores, governantes e governados. [...] Ela não se limita ao desenvolvimento da democracia institucional, refere-se, sobretudo, a alteração na distribuição social de poder, e isso pode manifestar-se de várias formas institucionais.

Posto isto, encerro a *História das fontes*, pois preciso prosseguir apresentando o *corpus* documental elencado para este estudo, o qual me desafiou com uma “distribuição social de poder [...] de várias formas institucionais” (HONORATO, 2011, p. 201).

### 3.2 Memoriais de infância: *corpus* documental

*Neste pequeno arquivo, venho contar resumidamente um pouco de minha infância, tudo o que me lembro, e tudo que me veio a me recordar, minhas memórias de infância, me trouxeram muitas lembranças boas e ruins, mas que são somente minhas, e que venho agora dividir com você leitor de minha história.*

Memorial de infância, 2013/1, Capa.

Em Franco (2005, p. 49), a partir de Bardin, obtive a definição de que *corpus* “é o conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”. Nos últimos três anos e meio vivi, cotidianamente, com 556 documentos, quer sejam, as fontes as quais inventariei para este processo de doutoramento e, nesse contexto, a perspectiva do conceito não consegue transmitir tudo que tenho vivenciado, pois é tão mais profundo que reverbera muito além do que documentos para serem submetidos à análise.

Como já citado anteriormente neste texto, de acordo com Cunha (2007, p. 45), os documentos se encontravam “[...] dormindo silenciosos [...]”. O *corpus* deste estudo está, aos poucos, sendo acordado por mim. E ao me debruçar no “*pequeno arquivo*”, mas também nos médios e grandes arquivos, me deparo com algumas chamadas, tais como, “espero que ao ler o texto, possam sentir um pouco da alegria que eu tive ao escrever essas memórias” (Memorial de infância, 2016/1, p. 1). Em vista disso, cada vez

mais me sinto provocada, querendo adentrar ao universo de cada vida ali contada, revivida, recriada para virar história.

Mas, também, de outras formas as chamadas me provocam e invocam recordações, pois por intermédio da memória do outro somos levados “[...] a um passado que ainda persiste e insiste” (GOUVÊA, 2011, p. 559), em nós.

Pensando com Elias (1997a), acerca do “envolvimento e do distanciamento”, busco o equilíbrio necessário para compreender as emoções nas quais me vejo imersa e que me tomam de uma subjetividade inerente ao processo de investigações a partir da abordagem (auto)biográfica. Ao mesmo tempo, diviso o cognitivo, cujo trabalho me solicita um alto grau de controle, para que seja possível organizar os dados, classificá-los, analisá-los, enfim, me distanciar para produzir ciência.

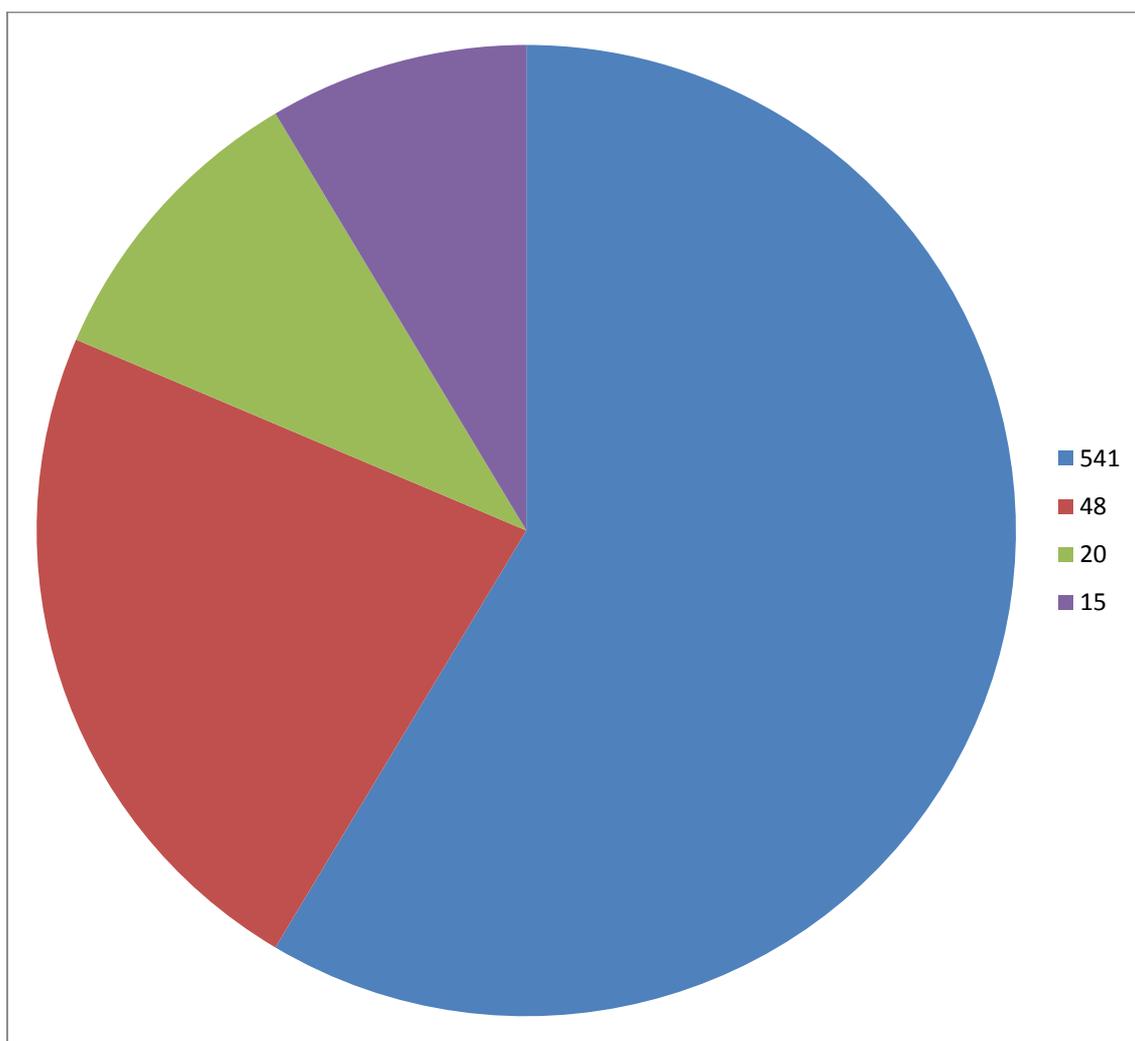
Dessa forma, depois de muita empiria e buscas para conhecer e significar os documentos do arquivo pessoal –, cuja caminhada relatei na subseção anterior, *História das fontes* –, retomo que o *corpus* documental definido para estes meus *Tempos de escritas* (como citado na *Introdução* desta tese) ficou constituído por 20 memoriais de infância escritos por mulheres/acadêmicas nascidas nas décadas de 1980 e 1990, nas cidades de Amambai, Caarapó, Dourados, Fátima do Sul, Glória de Dourados e Rio Brillhante do estado de Mato Grosso do Sul (MS), estudantes do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), quando elas cursavam disciplinas relativas à infância e Educação Infantil nos anos de 2013, 2014, 2016 e 2017.

Importa assinalar acerca do meu recorte pelos memoriais produzidos entre os anos 2013 a 2017, pois este se deveu ao fato de a maioria dos documentos que compõem o arquivo pessoal desses anos estarem acompanhados de Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2) devidamente assinados. Como eu não teria tempo hábil neste processo de doutoramento de ir à busca das demais assinaturas, para então poder utilizar os documentos produzidos entre os anos 2008 a 2011, fiz esta opção por motivos éticos óbvios.

À visto disso, apresento o Gráfico 2 e o Quadro 7, para demonstrar todos os dados do o arquivo pessoal descoberto nas *caixas da professora*, bem como explicitar o *corpus* documental em detalhes.

**Gráfico 2** - Representação do arquivo pessoal com os recortes para a pesquisa

Total de documentos	Feminino	Masculino	Mulheres nascidas no MS com Termos	Corpus documental
556	541	15	48	20



Fonte: Elaboração Campos, 2018.

**Quadro 7** - Memoriais de infância: *Corpus* documental

Anos da produção	Quantidade	Varição de anos dos nascimentos das acadêmicas	Intervalo entre as idades
<b>2013</b>	5	1985 (1); 1989 (2); 1993 (1); 1995 (1);	32 anos a mais velha - 18 anos a mais nova
<b>2014</b>	5	1980 (1); 1981 (1); 1982 (1); 1988 (1); 1994 (1);	37 anos a mais velha - 20 anos a mais nova
<b>2016</b>	5	1990 (1); 1994 (1); 1995 (1); 1996 (1); 1998 (1);	27 anos a mais velha - 18 anos a mais nova
<b>2017</b>	5	1992 (1); 1994 (1); 1996 (2); 1998 (1);	35 a mais velha - 18 a mais nova
<b>TOTAL</b>	<b>20 memoriais</b>	<b>12 anos representados</b>	<b>19 anos de diferença</b>

**Fonte:** Elaboração Campos, 2017.

Em relação ao Gráfico 2, vale destacar que o *corpus* documental de 20 memórias de infância corresponde a 46,7% do total de documentos do arquivo que responderam a todos os recortes elencados para pesquisa. No Relatório de Qualificação a opção era trabalhar com os 48 documentos, todavia os membros da Banca sugeriram rever esta opção, o que foi acatado, tendo em vista, principalmente, que entre os documentos alguns são constituídos somente de fotos e outros constam de apenas 1 e/ou 2 páginas de textos.

Quanto ao Quadro 7, saliento, os memoriais de infância que formam o *corpus* documental da pesquisa foram produzidos ao longo dos últimos cinco anos, sendo importante marcar que não existem materiais relativos ao ano de 2015 devido a uma greve ocorrida na UFGD, impactando diretamente na oferta de disciplinas e, consequentemente, na produção dos documentos naquele ano.

Em se tratando da observação dos dados relativos à variação de anos dos nascimentos e intervalo das idades, demonstrados em cada ano da produção dos documentos, percebi uma perspectiva interessante, quando voltei o olhar para relações

entre diferentes gerações convivendo ao mesmo tempo no curso de Pedagogia: 18 anos - 37 anos, perfazendo 19 anos de intervalo. Tal dado possibilita refletir que a Pedagogia continua atraindo mulheres jovens, que em uma perspectiva de etapas da educação em nosso país, vêm direto do último segmento da educação básica – o ensino médio – para a educação superior.

Em contrapartida, ao mesmo tempo, constatei que mulheres mais velhas estão buscando o curso, sendo possível admitir um viés importante na busca de formação e/ou aprimoramento, constituída em um movimento que é representativo em diferentes contextos do mercado de trabalho em nosso país.

Na perspectiva de uma problematização de gênero vale destacar, primeiramente, a juventude das acadêmicas, cujo dado demonstra que muito cedo as mulheres estão buscando formação e, obviamente, perspectivando garantir um lugar para trabalhar, no futuro. Nesse sentido, importante assinalar a procura pela autonomia e a participação na escrita de uma história, na qual elas poderão ser protagonistas.

E, em relação à busca das mulheres mais velhas pela formação, tal movimento pode evidenciar uma mudança na conjuntura de vida das mulheres, antes invisibilizadas ou que somente apareciam nos bastidores, para uma postura de sair dessa situação e buscar oportunidades de/para vivenciar experiências fora do mundo privado (PERROT, 2005).

Em se tratando das universidades, uma perspectiva interessante que vale ser expressa é o fato de hoje as mulheres já representarem o maior número de estudantes nos seus bancos.

As mulheres são maioria nas escolas, universidades, cursos de qualificação, mas ainda recebem menos do que os homens para desempenhar as mesmas atividades e estão mais sujeitas a trabalhos com menor remuneração e condições mais precárias. Das mulheres ocupadas com 16 anos ou mais de idade, 18,8% possuíam Ensino Superior completo, enquanto para homens, na mesma categoria, esse percentual é de 11%, apontam dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) de 2014, realizada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). [...] No entanto, apesar dessa diferenciação por gênero ainda existir no mercado de trabalho brasileiro, as mulheres vêm conquistando avanços e espaços e diminuindo, ainda que lentamente, a diferença entre salários e rendimentos (PORTAL BRASIL, 2016, s/p).

Diante disso, a partir dessas diferentes figurações, compostas pelos tempos de produção dos documentos, bem como os anos dos nascimentos das mulheres/acadêmicas, vislumbro diferentes relações interdependentes, permeadas pelo

poder a elas inerente, quer sejam, estado, cidades, universidade, curso de Pedagogia. Sendo assim, de agora em diante, tratarei de explicitar outras particularidades relativas a este *corpus* documental, pois em meu entendimento isso poderá se traduzir em importantes perspectivas para minhas reflexões e problematizações.

Início registrando uma constatação bastante provocadora. Ao adentrar pelas peculiaridades de tempos e lugares das vidas das mulheres/acadêmicas constituintes do *corpus*, sobressaiu-se um estado/MS, que foi em busca de sua autonomia para crescer, bem como de uma universidade que buscou e se empenhou para construir uma história solo. Assim, para começar a esmiuçar essas duas trajetórias [de Mato Grosso do Sul e da Universidade Federal da Grande Dourados], apresento, a seguir, o Quadro 8, o qual contribuirá para o entendimento dessas histórias.

**Quadro 8** - *Corpus* documental: caracterização por décadas, cidades de origem, anos nascimento das mulheres/acadêmicas

<b>Décadas de nascimento</b>	<b>Cidades de origem</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Anos dos nascimentos por cidades</b>
<b>1980</b>	Caarapó	1	1980 (1)
<b>1980</b>	Dourados	6	1981 (1); 1982 (1); 1985 (1); 1989 (3)
<b>1980</b>	Fátima do Sul	1	1988 (1)
<b>1990</b>	Amambai	1	1993 (1)
<b>1990</b>	Dourados	7	1990 (1); 1992 (1); 1994 (2); 1995 (2); 1996 (1);
<b>1990</b>	Fátima do Sul	2	1996 (2)
<b>1990</b>	Glória de Dourados	1	1998 (1)
<b>1990</b>	Rio Brilhante	1	1994 (1)
<b>2 décadas</b>	<b>6 cidades</b>	<b>20 memoriais</b>	

**Fonte:** Elaboração Campos, 2017.

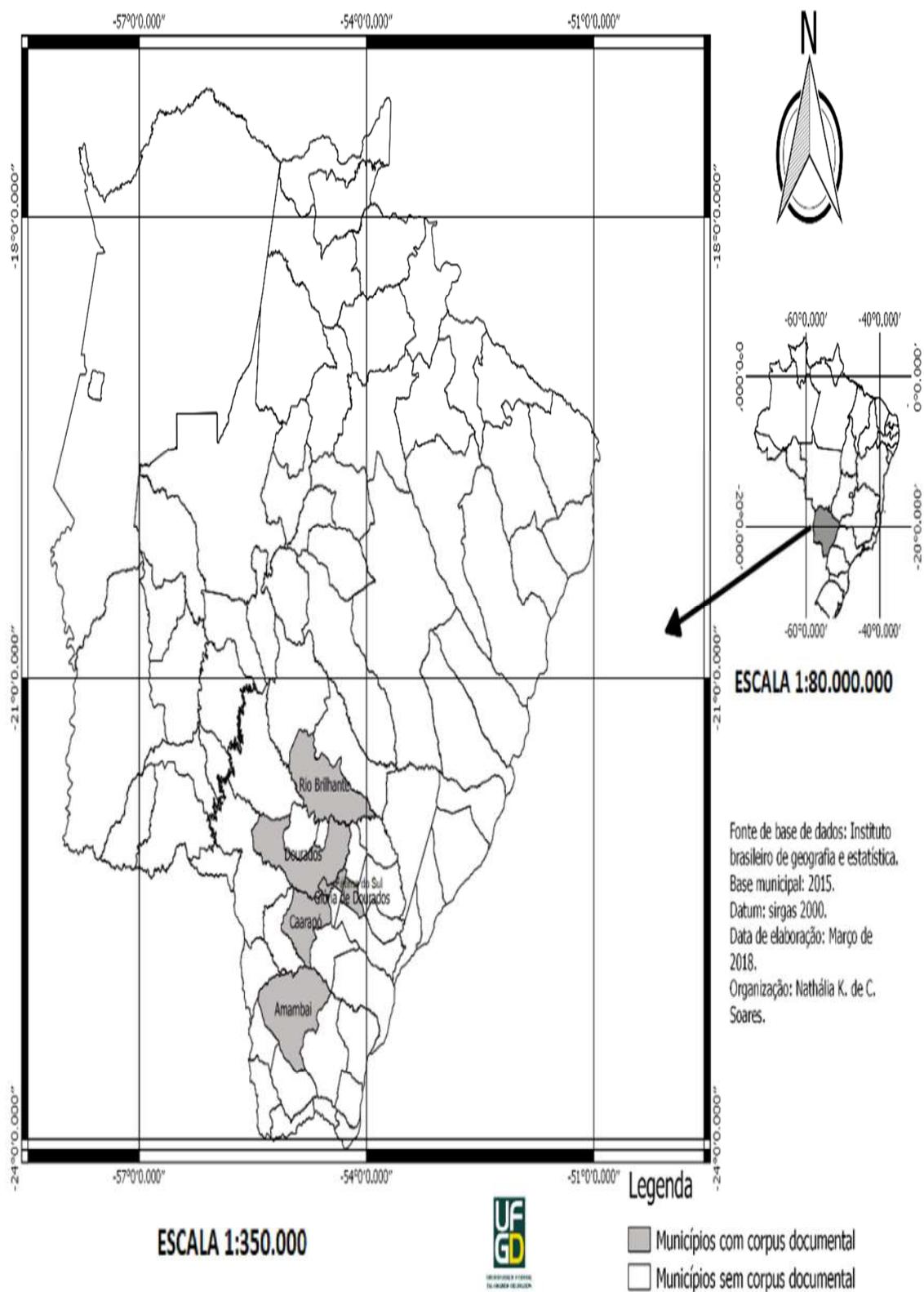
Como pode ser observado pelos dados do Quadro 8, o *corpus* documental da investigação está composto por 20 memoriais de infância. As mulheres/acadêmicas que produziram os referidos documentos nasceram nas décadas de 1980 e 1990, em seis diferentes cidades do estado de Mato Grosso do Sul. A cidade de Dourados concentra o maior número de documentos, 9 memoriais de infância, fato obviamente compreendido em função da Universidade Federal da Grande Dourados estar localizada na cidade.

Porém, o fato de outras cinco cidades contribuírem com documentos para o estudo merece destaque, pois diferentemente das duas outras universidades públicas do estado, quer sejam, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), que têm *campi* espalhados por todo o estado, a UFGD se concentra em Dourados e para cá vêm os estudantes, seja para morar enquanto desenvolvem seus diversos cursos ou vêm e voltam diariamente das suas cidades de origem.

Diante dessa realidade evidenciada pelo Quadro 8, enriquecerei as informações com a visão que poderá ser apreciada no mapa em tela (Figura 13). A decisão por apresentar o mapa intenta demonstrar o quanto a pesquisa se espalhou em todo o estado.

Ou seja, para mim é primordial registrar o alcance do estudo, pois como me referi na *Introdução*, ao proceder ao recorte do lócus da pesquisa, tinha como intenção colocar em evidência estudos desenvolvidos sobre/na região Centro-Oeste e, obviamente, no estado de Mato Grosso do Sul, inclusive com o propósito de contribuir com o conhecimento acerca do impacto que a criação da Universidade Federal da Grande Dourados, a partir do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), causou nesta porção do Brasil.

**Figura 13** - Mapa estado de Mato Grosso do Sul: cidades de origens das mulheres/acadêmicas



Fonte: Soares, 2017.

Sendo assim, reitero, o mapa foi pensado, como ilustração, para representar as cidades de origem das mulheres/acadêmicas que fazem parte do estudo. Mas, também, tive o cuidado de trazer junto, em menor escala, o mapa do Brasil, evidenciando a região Centro-Oeste e, especialmente, o estado de Mato Grosso do Sul, pois muitos ainda hoje acreditam tratar-se do estado de Mato Grosso (MT). E essa história tem sentidos e significados, com certeza. Por isso, vou fazer um breve contexto da história do estado de Mato Grosso do Sul.

Primeiramente, chamo a atenção para o quanto este estado é jovem. Neste ano de 2018, quando finalizo as minhas escritas, o estado acabou de completar 40 anos. Assim Bittar (2009a, p. 16, grifos no original) relata as circunstâncias de sua criação:

Mato Grosso do Sul nasceu a 11 de outubro de 1977 depois de longa jornada separatista protagonizada pelos grandes proprietários rurais do sul de Mato Grosso uno, a contar do final do século XIX. A sede da capital no ‘norte’ gerava inconformismo nos grupos latifundiários sulistas que, na década de 1930, já contestavam: ‘Sabe-se que existe Mato Grosso pelo talão de imposto’. Ou então: ‘O sul possui tudo, menos administração’.

Entendo que em meio a muitas disputas e tensões, como salientado por Bittar (2009), a constituição do novo estado se arrastou por um longo período da história do nosso país [a contar final do século XIX], perpassando vários governos de estado, presidentes da república, bem como diferentes forças a favor e contrárias ao movimento de separação. Como retratou a autora em outro momento, objetivava-se “[...] a criação de um estado para ser governado por si próprio, ou seja, ciente de sua expressão econômica, lutou por um poder político que lhe correspondesse” (BITTAR, 2009a, p. 17).

Em outra passagem da sua obra, a autora registra que “[...] elites sul-mato-grossenses, uma vez apartadas de ‘lá’, editaram ‘aqui’ [...]” (BITTAR, 2009b, p. 375, grifos no original). Com Elias e Scotson (2000), na perspectiva de pensar o ‘lá’ e o ‘aqui’, a partir da pesquisa em *Winston Parva*, posso fazer um paralelo, quando os autores apontam para grupos de “estabelecidos” e “outsiders”, o “nós” e os “outros”.

Nessa direção, como mostra Bittar (2009a, p. 315):

Afastada das articulações sigilosas ocorridas nos bastidores da divisão, a população do sul de Mato Grosso foi surpreendida com a notícia do desmembramento do estado. Concluídos os estudos pela equipe governamental, e votado o projeto de Lei, em setembro de 1977, pelo

Congresso Nacional, o presidente Geisel sancionou, no dia 11 de outubro de 1977, a Lei Complementar Nº 31 que criou Mato Grosso do Sul.

Assim, nessa realidade constituída por teias de interdependência, permeada pelo poder oriundo de diversas “articulações sigilosas ocorridas nos bastidores”, compreendo que diferentes interesses e forças concorreram para forjar o novo Mato Grosso do Sul, nos diferentes tempos, espaços e circunstâncias ao longo da história.

Ainda sobre alguns detalhes da época da divisão e constituição do novo estado, Bittar (2009a, p. 352) contribui relatando que:

Mato Grosso do Sul integrou-se por 55 municípios, totalizando 350.549 quilômetros quadrados. Esses municípios possuíam, em 1970, um milhão de habitantes, dos quais, 453.000 na zona urbana e 547.000 na rural. Sua densidade demográfica era maior, ou seja, 2,85 habitantes por quilômetro quadrado, contra 0,68 de Mato Grosso<sup>34</sup>.

Hoje, o estado de Mato Grosso do Sul tem 79 municípios e, pelo censo de 2010, encontra-se com uma população total de 2.449.341, sendo 351.625 os habitantes da zona rural e 2.097.716 os da zona urbana. A população estimada pelo Instituto de Geografia e Estatística para 2016 seria de 2.682.386 habitantes (IBGE, 2016).

Sendo assim, para aprofundar a minha perspectiva, tratando um pouco da realidade nas diferentes cidades que vieram a formar este estado, apresento o Quadro 9, no qual eu novamente registro as cidades de nascimento das mulheres/acadêmicas, mas nesta apresentação trago a caracterização pelos anos de fundação e emancipação de cada uma delas.

Em seguida, já coloco em evidência o Quadro 10, que retrata a população das cidades nas décadas de 1980 e 1990 (daquelas cidades que foi possível encontrar), que são as décadas que representam os anos de nascimento das mulheres/acadêmicas que compõem o *corpus* documental.

E, antes da apresentação dos Quadros, chamo a atenção para a última coluna no Quadro 10, na qual vem indicada a população levantada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2010, bem como uma estimativa para o ano de 2016. O objetivo com essa organização foi assinalar em que realidades as mulheres

---

<sup>34</sup> Quanto ao estado de Mato Grosso, com o ato da divisão, este “[...] ficou constituído de 38 municípios, totalizando sua superfície 881 quilômetros quadrados, permanecendo como o terceiro estado da federação em tamanho [...]. A população desses 38 municípios, segundo o censo de 1970, alcançava 601.000 habitantes, dos quais, 223 mil na zona urbana e 368 mil no campo” (BITTAR, 2009a, p. 351).

nasceram e viveram suas infâncias, correndo o olhar até o tempo presente, realçando como essas localidades se encontram hoje.

**Quadro 9** - Caracterização das cidades por ano de fundação/emancipação

Cidades	Ano da fundação/emancipação
<b>Amambai</b>	1948/1949 – 68 anos
<b>Caarapó</b>	1958/1963 – 54 anos
<b>Dourados</b>	1914/1935 – 81 anos
<b>Fátima do Sul</b>	1954/1963 – 53 anos
<b>Glória de Dourados</b>	1956/1963 – 53 anos
<b>Rio Brillhante</b>	1929/1930 – 87 anos

Fonte: Elaboração de Campos, 2017 a partir de IBGE (2016).

**Quadro 10** - Caracterização das cidades décadas/população

Cidades	População década de 1980	População década de 1990	População 2010/ Estimada 2016
<b>Amambai</b>	-	-	34.730 - 38.030
<b>Caarapó</b>	27 213	22 492	25.767 - 28.867
<b>Dourados</b>	106.483	135.984	196.035 - 215.486
<b>Fátima do Sul</b>	-	-	19.035 - 19.200
<b>Glória de Dourados</b>	-	-	9.927 - 9.976
<b>Rio Brillhante</b>	15 579	22 509	30.663 - 35.465

Fonte: Elaboração de Campos, 2017 a partir de IBGE (2016).

Percebo pelas análises dos Quadros 09 e 10, questões bastante significativas acerca deste estado, pois todas as cidades se fundaram e emanciparam-se ainda na época

de Mato Grosso Uno. Ou seja, todas são mais velhas que o próprio estado de Mato Grosso do Sul que, como já aludido antes, acabou de completar 40 anos em 2017.

A olhar pelas datas de fundação e emancipação das cidades, evidencio Rio Brillhante, pois das cidades aqui representadas é a mais velha. Em contrapartida, temos duas cidades com 53 anos: Fátima do Sul e Glória de Dourados. Nesse sentido, apreendo a partir deste panorama, que no bojo das relações interdependentes que formam essa figuração, cidades maiores e já consolidadas, em convivência com cidades menores e mais jovens, buscam traçar os destinos do estado, que um dia foi fundado com a concepção de “[...] ‘unidade modelo do Brasil’ [...]” (BITTAR, 2009a, p. 356, grifos no original).

Acerca das populações das cidades indicadas no Quadro 10, merece destacar que se trata de cidades com um número pequeno de habitantes, exceção para Dourados que tem uma população estimada para mais de 200 mil. E a partir das três cidades, das quais foi possível saber a população desde a década de 1980, vale realçar como só houve variação significativa do número de habitantes na cidade de Dourados, tendo praticamente dobrado a sua população.

Continuando, como eu havia indicado anteriormente, a história do estado de Mato Grosso do Sul e da Universidade Federal da Grande Dourados, em meu entendimento, se aproximam pelo quesito separar/emancipar. Portanto, tendo realizado essa breve passagem pela trajetória de formação do estado de MS, vou agora me ater ao itinerário trilhado pela UFGD.

Sobre a Universidade, na qual se localiza a Faculdade de Educação, em cuja figuração se desenvolve o curso de Pedagogia, contexto de estudo onde foram produzidos os memoriais de infância (auto)biográficos que formam o *corpus* documental deste estudo, posso mostrar, a partir de registros do Projeto Pedagógico de Curso (PPC) que “a Universidade Federal da Grande Dourados teve sua origem em um conjunto de medidas relativas ao ensino superior, editadas pelo Governo do Estado de Mato Grosso, entre 1969 - 1970, e pelo governo federal, em 1979, 2005 e 2006 (FAED, 2017, p. 5).

A seguir, a título de ilustrar um pouco essa história, apresento a imagem do dia da inauguração do Centro Pedagógico de Dourados - CPD, ocorrida no ano de 1970.

**Figura 14 - Centro Pedagógico de Dourados<sup>35</sup>**



Fonte: Takarada, 1970.

No/do Portal da UFGD (2015), encontrei o seguinte registro para somar mais à história.

A Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD nasceu do desmembramento do Centro Universitário de Dourados, antigo CEUD, campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. O CEUD, antes Centro Pedagógico de Dourados - CPD começou a funcionar no município em 1971 e passou a apresentar um elevado índice de crescimento, sobretudo nas décadas de 1980 e 1990. Na década de 70, o campus de Dourados abrigava os cursos de História, Letras, Agronomia e Pedagogia. Em 1980, foram implantados os cursos de Geografia, Ciências Contábeis e Matemática. Em 1991, o Centro abriga o curso de Ciências Biológicas e nessa década começa a funcionar também o curso de Análise de Sistemas e os primeiros cursos de pós-graduação, o Mestrado em Agronomia e em História. Já em 2000, foram implantados os cursos de Medicina, Direito, Administração, os mestrados em Entomologia e Conservação da Biodiversidade e em Geografia e o primeiro doutorado da região, em Agronomia.

No memorial de infância de uma das mulheres/acadêmicas li: “aos 17 anos tive que sair do mercado para a minha mais feliz conquista, passei em pedagogia UFGD” (Memorial de infância, 2016/2, p. 12). Nesse sentido, vale escrever que para uma

<sup>35</sup> Agradeço a Gabriel Pimentel, Assessor de Comunicação Social/UFGD, pela cessão da foto.

maioria das/os que adentram à nova Universidade, abre-se um leque de possibilidades e perspectivas positivas, em virtude da história que a UFGD tem escrito em seus 12 anos de funcionamento<sup>36</sup>.

Sobre isso, trago o seguinte trecho o qual também aparece registrado no Portal da UFGD (2015):

Nesses nove anos de existência, a Instituição já coleciona conquistas de indicadores positivos no Ministério da Educação, sendo avaliada anualmente como a melhor Instituição de Ensino Superior de Mato Grosso do Sul, dentre as públicas e as privadas, estando também entre as melhores do Centro-Oeste competindo ainda no ranking das melhores do país. Com um orçamento que ultrapassa os R\$ 150 milhões anuais, a Universidade vem alcançando a maioria das metas do seu Plano de Desenvolvimento Institucional. Foi a primeira do Brasil a apresentar o Plano de Expansão Acadêmica ao governo federal, com projeto de ampliação e metas ambiciosas em todas as áreas, em consonância com o Plano Nacional de Educação. A UFGD prossegue com a missão de gerar e socializar conhecimentos, saberes e valores por meio do ensino, pesquisa e extensão de excelência, tendo como norte a transparência, a ética e o compromisso e a responsabilidade social, promovendo o debate democrático e a igualdade de oportunidades para todos.

De acordo com Mary Ane Souza, em artigo nomeado “O acesso ao curso de pedagogia da UFGD: uma análise da relação entre educação básica e educação superior”, verifica-se que “[...] estudos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira” - INEP apontam que o curso de Pedagogia está entre os dez cursos mais procurados no Brasil” (SOUZA, 2013, p. 24-25).

Sendo assim, em relação ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação/UFGD, destaco:

O curso de Pedagogia foi criado em 1979, no período matutino, com 40 vagas anuais, vinculado ao Centro Universitário de Dourados (CEUD), que se constituía como um campus da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Com o processo de desmembramento o CEUD passa a ser UFGD, incorporando todos os seus cursos, inclusive o curso de Pedagogia. Atualmente, o curso de Pedagogia é oferecido na Unidade II da UFGD, localizada na cidade universitária de Dourados, no período noturno, com 50 vagas anuais (SOUZA, 2013, p. 28).

---

<sup>36</sup> “Lei Nº 11.153, de 29 de Julho de 2005. Dispõe sobre a instituição da Fundação Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD, por desmembramento da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul -UFMS, e dá outras providências” (PORTAL UFGD, 2015). A Universidade foi criada em 2005, mas iniciou suas atividades em janeiro de 2006, daí ter completado 12 anos de exercício em 2018.

Nesse sentido, evidencio, a partir do recorte do texto da autora, que o curso de Pedagogia é bem mais antigo que a UFGD, estando próximo de completar 40 anos. No Projeto Pedagógico de Curso (FAED, 2017, p. 10), verifiquei que:

A importância do Curso oferecido evidencia-se por sua inserção local e regional. Destaca-se a expressiva presença de egressos desse Curso exercendo a docência em unidades escolares das redes de ensino municipal, estadual e privada, bem como exercendo funções de gestão em órgãos do sistema municipal de ensino (Secretaria Municipal de Educação e Conselho Municipal de Educação), na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS e na própria UFGD.

Em sendo assim, fica posto para mim o interesse e a motivação de muitas mulheres, de diferentes idades e cidades do estado se esforçarem para cursar a Pedagogia na UFGD, em Dourados.

E, também a título de ilustração, trago a seguir a imagem da Faculdade de Educação (FAED), localizada na Unidade II da UFGD, que se encontra em funcionamento desde o ano de 2009. Lá se desenvolve o curso de Pedagogia.

**Figura 15** - Faculdade de Educação na Unidade II da UFGD



**Fonte:** Portal da UFGD, 2017<sup>37</sup>.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/ufgdoficial/photos/>. Acesso em: 2 dez. 2017.

Posto isto, evidencio o “dever de memória”<sup>38</sup>, pois solicitar às mulheres/acadêmicas a tarefa de escrever Memoriais de infância pode ter se constituído em importante movimento da professora, “produtora do arquivo”, pois possibilitou a elas contarem suas histórias, se expressarem, rememorarem, recriando uma fase das suas vidas que, acredito, deve ter sido bastante significativa para todas e que em outros momentos e contextos pode não ter sido viável fazê-lo. Como registrado na epígrafe que abriu esta subseção “[...] mas que são somente minhas, e que venho agora dividir com você leitor de minha história” (Memorial de infância, 2013/1, Capa).

Além disso, marcando uma posição nas discussões de gênero, preciso salientar que ela [a professora, “produtora do arquivo”] viabilizou um caminho para a escrita da história feminina. Ou seja, refletindo acerca das perguntas elencadas para o meu estudo, ao constituir um espaço para a “emergência das mulheres” (SOUZA et al, 1996), a professora no curso de Pedagogia abriu um caminho para contornar o silêncio de mulheres/acadêmicas, bem como construiu a possibilidade de se apreender acerca da educação feminina a partir da investigação da história de alunas do referido curso.

Por esse ângulo dos debates é imprescindível trazer Scott (1995, p. 5, grifos do original), quando a estudiosa das relações de gênero alerta para o fato de que:

Não foi suficiente para os(as) historiadores(as) das mulheres provar ou que as mulheres tiveram uma história ou que as mulheres participaram das mudanças políticas principais da civilização ocidental. No que diz respeito à história das mulheres, a reação da maioria dos(as) historiadores(as) não feministas foi o reconhecimento da história das mulheres para depois descartá-las ou colocá-las em um domínio separado (‘as mulheres têm uma história separada da dos homens, portanto deixemos as feministas fazer a história das mulheres, que não nos concerne necessariamente’ ou ‘a história das mulheres trata do sexo e da família e deveria ser feita separadamente da história política e econômica’).

E, obviamente, vale também assinalar, foi a partir dos documentos, os memoriais de infância (auto)biográficos, que eu construí este estudo, cuja publicação poderá contribuir para que essas histórias venham à tona, circulem e visibilizem cenas da vida

---

<sup>38</sup> Para escrever e evidenciar o “dever de memória” me inspirei na Apresentação que Maria Stephanou elaborou intitulada “Dever de memória, dever de registro: a Revista História da Educação em seu 19º ano”, quando a autora registrou que a revista História da Educação “[...] mantida pela Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação - Asphe -, neste recém-chegado 2016 trilhará seu 19º ano de publicação, a começar pelo número 48” (STEPHANOU, 2016, p. 5).

de mulheres/acadêmicas. Como escreveu Cunha (2008, p. 118, grifos do original) no texto “Essa coisa de guardar...homens de letras e acervos pessoais”:

Ao inventariar os documentos preservados [...] foi possível refletir sobre outros significados dos papéis escritos/guardados que passam do espaço privado para a visibilidade pública. Ao iluminar esses papéis ‘ordinários’ pode-se pensar na importância de uma *memória de papel* para o reconhecimento de diferentes práticas, costumes, rituais, ações e sociabilidades como ponto de partida para reinventar outros presentes.

Sendo assim, antes de encerrar esta subseção, tentando “iluminar mais esses papéis” e quiçá participar para “reinventar outros presentes”, apresento nos Quadros 15, 16, 17 e 18, como cada um dos 20 memoriais de infância estão constituídos, ou seja, sua materialidade, corpo, forma, dimensão. Convido a imaginá-los tomando como referência o meu memorial de infância, que pôde ser visto na *Apresentação* deste texto.

Posso demarcar que os documentos são singulares, cada um carregando o jeito próprio de cada autora, mas que, de certa forma, se materializam de uma maneira bem próxima daquele que eu escrevi, mesmo porque também produzi meu memorial de infância para atender a uma tarefa solicitada pela professora de uma disciplina.

Descrevendo o formato do documento entregue, o original, naquele ano de 2008 quando eu cursava o mestrado em Educação, explico que ele estava assim constituído:

<b>Memorial de infância, 2008/0 Pompéu, 1960</b>	Encadernado espiral (transparente frente e preto atrás); capa trabalho científico, contendo dados de folha de rosto; 5 páginas com textos
--	---

À vista disso, saliento, com esta apresentação registrada nos três Quadros a seguir que almejo aproximar você, leitor/a, dos memoriais de infância (auto)biográficos, esperando que com esta disposição possa se transportar para mais perto dos documentos.

**Quadro 11** - Memoriais de infância 2013

<b>Memorias de infância 2013/ Cidade/ Ano de nascimento</b>	<b>Características</b>
<b>Memorial de infância, 2013/1 Dourados, 1985</b>	Encadernado espiral (transparente frente e preto atrás) capa de trabalho científico; folha de rosto; 9 páginas com textos e algumas fotos coloridas; 3 páginas com fotos coloridas
<b>Memorial de infância, 2013/2 Dourados, 1989</b>	Capa de trabalho científico; folha de rosto; 4 páginas com textos; 1 página com três fotos coloridas
<b>Memorial de infância, 2013/3, Dourados, 1989</b>	Encadernado espiral (transparente frente e preto atrás); traz logo a seguir uma folha com um mosaico de fotos coloridas; depois capa de trabalho científico; 8 páginas com textos
<b>Memorial de infância, 2013/4 Amambai, 1993</b>	Capa de trabalho científico; folha de rosto; 5 páginas com textos
<b>Memorial de infância, 2013/5 Dourados, 1995</b>	Capa de trabalho científico, folha de rosto, 5 páginas com textos; 2 páginas com fotos em preto e branco; finaliza com uma expressão atribuída a um escritor inglês

**Fonte:** Elaboração Campos, 2017.

**Quadro 12** - Memoriais de infância 2014

<b>Memoriais de infância 2014/ Cidade/ Ano de nascimento</b>	<b>Características</b>
<b>Memorial de infância, 2014/1 Caarapó, 1980</b>	8 páginas com textos e finaliza a oitava página com poesia de escritora brasileira
<b>Memorial de infância, 2014/2 Dourados, 1981</b>	Capa simples; 7 páginas com textos e duas fotos em preto e branco
<b>Memorial de infância, 2014/3 Dourados, 1982</b>	Capa com duas ilustrações coloridas com representações de crianças brincando; 6 páginas de texto com três fotos coloridas. Finaliza a sexta página com estrofe de uma canção de compositor e cantor brasileiro
<b>Memorial de infância, 2014/4 Fátima do Sul, 1988</b>	Capa simples; 9 páginas de texto e 1 página com estrofes de uma poesia de escritora brasileira
<b>Memorial de infância, 2014/5 Dourados, 1994</b>	5 páginas de texto

**Fonte:** Elaboração Campos, 2017.

**Quadro 13** - Memoriais de infância 2016

<b>Memorias de infância 2016/ Cidade/ Ano de nascimento</b>	<b>Características</b>
<b>Memorial de infância, 2016/1 Dourados, 1990</b>	Capa trabalho científico; 5 páginas com textos; 9 páginas com fotos em preto e branco
<b>Memorial de infância, 2016/2 Dourados, 1994</b>	Capa trabalho científico, contendo uma foto colorida do que parece ser formatura de pré-escolar; folha de rosto; 13 páginas com textos e muitas fotos coloridas; 1 página só com fotos coloridas
<b>Memorial de infância, 2016/3 Dourados, 1995</b>	Capa trabalho científico, contendo dados de folha de rosto; 4 páginas com textos; 3 páginas só com fotos coloridas
<b>Memorial de infância, 2016/4 Fátima do Sul, 1996</b>	Capa trabalho científico; folha de rosto; 5 páginas com textos; todo o memorial tem uma figura de criança com balões de gás, em marca d'água
<b>Memorial de infância, 2016/5 Glória de Dourados, 1998</b>	Capa trabalho científico; folha de rosto; 5 páginas com textos e fotos coloridas

Fonte: Elaboração Campos, 2017.

**Quadro 14** - Memoriais de infância 2017

<b>Memórias de infância Cidade/ Ano de nascimento</b>	<b>2017/</b>	<b>Características</b>
<b>Memorial de infância, Dourados, 1989</b>	<b>2017/1</b>	3 páginas com textos
<b>Memorial de infância, Dourados, 1992</b>	<b>2017/2</b>	Capa trabalho científico, contendo uma foto colorida de bebê; 5 páginas com textos e fotos coloridas
<b>Memorial de infância, Rio Brilhante, 1994</b>	<b>2017/3</b>	Capa trabalho científico; 3 páginas com textos
<b>Memorial de infância, Fátima do Sul, 1996</b>	<b>2017/4</b>	5 páginas com textos
<b>Memorial de infância, Dourados, 1996</b>	<b>2017/5</b>	Capa trabalho científico; 3 páginas com textos e finaliza a terceira com uma foto em preto e branco; 3 páginas com fotos em preto e branco

**Fonte:** Elaboração Campos, 2017.

#### 4 TEMPOS DAS MULHERES/ACADÊMICAS: ESCREVER MEMORIAIS DE INFÂNCIA

*As memórias são as fotografias do coração,  
aquilo que jamais poderão nos tirar [...].*

Memorial de infância, 2016/1, p. 1.

Embalada pelas “fotografias do coração”, organizei esta seção buscando alcançar o objetivo proposto para meus estudos, quando estabeleci o objetivo de ‘inventariar um arquivo pessoal para **conhecer, descrever e apreender as marcas da educação feminina escritas em memoriais de infância (auto)biográficos, por mulheres/acadêmicas do curso de Pedagogia, problematizando questões de gênero**’.

Da mesma forma que explicitiei na seção *Tempos de guardar e descobrir*, reitero aqui: este trabalho vem se construindo a partir de uma sobreposição de suas partes. Porém agora, trago o foco para os 20 memoriais de infância das mulheres/acadêmica, pois como indiquei ao encerrar a subseção anterior, o propósito é trazer você, leitor/a, para o mais próximo possível dos documentos. Nesse momento, retomando Le Goff (1990, p. 426), realço que são memórias “[...] em transbordamento” e, por isso, espero que inundem você, assim como fizeram comigo.

Obviamente, em se tratando de memória, é importante aludir, como destaca Soares (1991, p. 37-39, grifos do original), “na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo *aqui e o agora*. [...] vejo o *meu* passado, vejo-me, não como foí, não como fui, mas como a que sou me mostra ter ele sido e ter eu sido”. Ou seja, são mulheres/acadêmicas revisitando uma infância que para algumas são tempos mais próximos, já para outras mais anos se passaram, haja vista os 19 anos entre as idades das mulheres que formam o *corpus* documental.

Sendo assim, quem escreveu as histórias não são as crianças que vivenciaram aqueles tempos e lugares, mas mulheres que se distanciaram e olharam para aquelas experiências. Como escrito por uma das acadêmicas “tenho algumas lembranças do começo da minha infância, na verdade não sei se são realmente lembranças ou a imaginação de alguns fatos que marcaram e meus familiares sempre falam e fiz a construção de tais” (Memorial de infância, 2013/4, p. 2).

Na perspectiva da abordagem (auto) biográfica, implica pensar “[...] como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados (PASSEGUI; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 371).

A partir dessa ideia dos autores, vale acrescentar o final da escrita de uma acadêmica, completando o excerto da epígrafe desta seção, quando ela registra que “[...] os momentos com a família e amigos tornam o ser humano mais solidário, pois assim me sinto quando penso em tudo que vivi com as pessoas que me rodeiam” (Memorial de infância, 2016/1, p. 1).

E, indo um pouco mais além, destaco o questionamento feito por Lopes (1991, p. 13, acréscimo meu), quando escreve “sem ingenuidade, é preciso lembrar que tudo isso, porque é História, são vidas recriadas e não revividas, e que as biografias [(auto)biografias] valem tanto pelo que contam quanto pelos seus silêncios e pelas suas lacunas”.

Por esse ângulo, atentando para os “silêncios e lacunas” eu volto a Huyssen (2000), pois ao trazer para o debate a “[...] cultura da memória [...]”, ele aponta para um possível paradoxo, muito instigante, o qual apresenta na forma de uma pergunta: “[...] se o aumento explosivo da memória for inevitavelmente acompanhado de um aumento explosivo de esquecimento?” (HUYSSSEN, 2000, p. 15-18).

Segundo o referido autor, “[...] Freud já nos ensinou que a memória e o esquecimento estão indissolúvel e mutuamente ligados; que a memória é apenas uma outra forma de esquecimento e que o esquecimento é uma forma de memória escondida” (HUYSSSEN, 2000, p. 18).

Posto isto, recorro a Eric Dunning, quando na obra *Conversas sobre Norbert Elias: depoimentos para uma história do pensamento sociológico*, assim respondeu à pergunta de Ademir Gebara sobre a melhor forma de ler Elias,

Não se pode ler Elias, tem que *estudar* Elias. Eu acho que existem três categorias de livros acadêmicos: existem livros que se pode ‘dar uma olhada’, há livros que são lidos do começo ao fim, e há livros que devem ser estudados. Estes livros que são estudados devem ser lidos, e relidos, e relidos. Eles são uma mina de ouro, um tesouro [...] (GEBARA, 2005, p. 61, grifos do original).

Eu, para conhecer e conseguir aqui recontar um pouco das histórias escritas pelas mulheres/acadêmicas, li, reli e reli os 20 memoriais de infância. Contudo, meu

*corpus* documental, “uma mina de ouro, um tesouro”, exigiu de mim mais que inúmeras leituras.

Registro que depois das leituras, paginei todos os memoriais, pois nenhum deles se encontrava com essa marcação – imprescindível para a utilização dos documentos nesta pesquisa. Importante eu registrar, a paginação foi feita a lápis e será apagada por mim ao término desta investigação, quando retornarei com os 20 memoriais de infância que formaram o meu *corpus* documental para as caixas nas quais se encontra inventariado e organizado o Arquivo pessoal, pois este será devolvido à professora, proprietária do acervo.

A partir daí, separei os documentos pelos anos em que foram produzidos – 2013, 2014, 2016 e 2017 – e os numerei de 1 a 5 na ordem crescente das datas de nascimento das mulheres/acadêmicas (como os apresentei nos Quadros 11, 12, 13 e 14). Feita essa organização, digitei todos os memoriais de infância, alguns deles na íntegra, para assim trabalhar com os textos e descrevê-los aqui.

Obviamente, como também pode ser observado na apresentação dos Quadros 11, 12, 13 e 14, ao escrever suas histórias as mulheres/acadêmicas se utilizaram de diferentes linguagens. Algumas somente se expressaram por meio do texto, mas outras usaram poemas, música, ilustrações, fotos em preto e branco e fotos coloridas. Em muitas dessas fotos, várias professoras se ocuparam em detalhar as idades, o que faziam e onde estavam naqueles momentos, e também quem aparece junto nas fotos, nomeando-os: pai, mãe, irmãos, irmãs, parentes, amigos, vizinhos etc. Ou seja, elas usaram diferentes formatos, bem como construíram maneiras diversas para comunicarem suas histórias.

Por esse enquadramento, trago mais uma vez Cunha (2008), quando ela conta dos escritos de um dos “homens de letras”, sobrelevando o fato de ele usar o substantivo *bordejar*, se referindo às suas experiências na Marinha, pois se trata de um “homem do mar”. A autora vale-se disso para explicitar sobre como as memórias vão se manifestando e se mostrando nos papéis.

*Bordejar* significa navegar mudando com frequência o rumo, segundo a direção do vento, assim, navega-se em *zigueague, cambaleante*. [...] Pode-se considerar que as memórias que ele pretende contar não obedecerão, necessariamente, uma direção fixa, elas poderão *vagar*; não há um compromisso em seguir uma direção cronológica precisa, o objetivo parece ser narrar o vivido (CUNHA, 2008, p. 120, grifos do original).

Assim, as lembranças das mulheres/acadêmicas aparecem registradas nos 20 memoriais de infância do *corpus* documental desta investigação. Elas não seguem um padrão, uma ordem, cada uma apresenta seu arranjo, conta sua história a partir daquilo que escolhe apresentar primeiro, não existe nenhuma “direção cronológica precisa”, são composições únicas, singulares, originais.

Algumas das manifestações que localizei nos memoriais de infância, no meu entendimento, contam sobre o que lembraram, como lembraram ou por que lembraram:

Posso dizer que minha infância foi maravilhosa [...] recordar esse momento me alegrou muito, não me lembrei de muitas coisas, mas ressuscitei memórias importantes (Memorial de infância, 2013/4, p. 6).

Minhas memórias de infância que eu tenho são a partir dos meus 5 anos, e as coisas que eu sei sobre mim antes dessa idade é o que meus pais e parentes me contam [...] (Memorial de infância, 2013/5, p. 3).

A primeira memória da minha infância que me lembro, sem serem as que minha mãe me conta, é quando tinha por volta de 3 anos (Memorial de infância, 2014/1, p. 1).

[...] muitas coisas que escrevi estão arquivadas no meu diário, que guardo desde o terceiro ano de escola, então tudo o que releio me recordo como se fosse hoje, então pude passar com maiores detalhes (Memorial de infância, 2014/4, p. 9).

[..] eu vou contar um pouco de minha infância, incluindo memórias da minha família, amigos, lembranças da minha trajetória educacional até os doze anos de idade (Memorial de infância, 2016/2, p. 1).

Não me lembro de muita coisa da minha infância dos 0 até uns 4 anos de idade (Memorial de infância, 2016/3, p. 1)

Lembro com saudades do meu tempo de criança, tinha cinco anos quando me dei por gente [...] (Memorial de infância, 2017/1, p. 1).

[...] minhas lembranças me trazem muitas alegrias, pois tive muitos momentos felizes, às vezes a memória falha e não recordo dos acontecimentos com clareza [...] (Memorial de infância, 2017/3, p. 3).

Essas são algumas das lembranças mais claras que tenho da minha vida hoje (Memorial de infância, 2017/5, p. 3).

A partir da leitura desses excertos, fica perceptível que as mulheres/acadêmicas se ocuparam em justificar as lembranças às quais registraram nos documentos. Muitas marcaram as idades a partir das quais já conseguem recordar e outras assinalaram que

muito do redigido são histórias contadas pelos pais e parentes. Ou seja, como escreve Le Goff (1990), já referido anteriormente neste texto, outras pessoas contribuem com as suas lembranças, contando fatos, estimulando as memórias, participando com dados e detalhes para fechar lacunas.

Uma delas se manifesta escrevendo, “[...] não me lembrei de muitas coisas, mas ressuscitei memórias importantes” (Memorial de infância, 2013/4, p. 6), isto é, faz questão de indicar que o lembrado está carregado de significados, apontando que produzir o seu memorial de infância pode ter mobilizado muitas vivências, experiências que a tocaram em diferentes tempos de sua vida. Outra delas conta da existência de um diário, o que teria concorrido com pormenores para a escrita do memorial de infância solicitado.

E, interessante, uma delas faz questão de evidenciar sobre o que tratará no seu documento, anunciando que serão “[...] memórias da minha família, amigos, lembranças da minha trajetória educacional até os doze anos de idade” (Memorial de infância, 2016/2, p. 1). No meu entendimento, quando ela faz isso, está se referindo à tarefa que será cumprida.

A partir disso, compreendo, dentre a profusão de formatos e arranjos dos memoriais de infância, ainda merece destaque o fato de alguns documentos apresentarem o modelo de trabalho científico. Precisamente 12 deles, no universo de 20.

Sendo assim, vale refletir que se trata de memoriais de infância que foram escritos para atender tarefa solicitada por uma professora, em diferentes disciplinas do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da UFGD – uma figuração, pondero, de uma autoridade imbuída de poder inerente à posição que ocupa, ou seja, professora na docência de mulheres, em sua maioria. Isto é, evidencia-se existência de uma diferença na “balança de poder” entre acadêmicas e professora, sobrelevando o gradiente de poder maior em favor da última.

Sob esse ângulo, são significativas as redações que localizei em dois memoriais de infância:

O objetivo desse trabalho é trazer um pouco desses momentos do passado para serem lembrados, vistos que a infância é um tema que abrange todos nós, e o que diferencia é que cada um viveu num espaço, com uma determinada criação ou cultura (Memorial de infância, 2013/5, p. 2).

Este trabalho tem como finalidade mostrar um pouco das nossas memórias referentes à nossa infância, que fazem parte da nossa história. É um trabalho totalmente pessoal, porque trata de fatos vividos por cada um de nós alunos da FAED, e que de alguma forma vai nos ajudar a compreender o sentido de se estudar e preservar a infância (Memorial de infância, 2016/4, p. 2).

Para mim, é perceptível o tom professoral que as acadêmicas dão a essa apresentação do trabalho. A utilização das palavras “objetivo”, “finalidade” demonstra que elas estão imbuídas em atender a solicitação da professora e, em certo sentido, o fazem já denotando aprendizados teóricos, obviamente apreendidos dos estudos acerca de infância ao longo das disciplinas.

Feitas essas provocações/problematizações, prossigo com Souza e Gallego (2010, p. 11), para quem “as (auto)biografias são marcadas pela pluralidade de tempos, espaços e gerações, aspectos que se evidenciam nas histórias de vida”. E, por esse enquadramento, destaco que a partir da obra *Norbert Elias por ele mesmo*<sup>39</sup>, vislumbrei/construí uma forma de apresentar, refletir e reverberar histórias da educação feminina escritas nos memoriais de infância (auto)biográficos deste estudo.

Sendo assim, peço atenção ao Quadro 19, a seguir, pois nele registro as figurações as quais elegi e organizei para trabalhar, bem como as redes e teias de interdependência, que compreendi, fizeram parte da vida das mulheres/acadêmicas e as marcaram de uma forma ou de outra, pois foram sobre elas que escolheram, ou lembraram ou, ainda, se esqueceram de contar em seus memoriais de infância.

No meu entendimento, foram vivências/experiências que elas reviveram no aqui e agora e registraram no papel construindo histórias, as quais, primeiramente, ficaram guardadas e preservadas nas *caixas da professora* e que nestes meus *Tempos de escritas* estou tendo a oportunidade de visitar, explorar e dar visibilidade.

---

<sup>39</sup> Agradeço ao Prof. Dr. Tony Honorato pela indicação acerca da sistematização da referida obra de Norbert Elias para realização do trabalho de organização e estudos dos/nos memoriais de infância (auto)biográficos, por ocasião do XVI SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSOS CIVILIZADORES - Diálogos interdisciplinares: Política, Contextos e Processos Sociais, quando na Sessão Workshop foi apresentado e discutido o meu artigo “Um olhar elisiano sobre docência e gênero em memoriais de infância de acadêmicas de pedagogia” (CAMPOS, 2016).

**Quadro 15** - Figurações

<b>Figurações</b>	<b>Norbert Elias por ele mesmo</b>	<b>As redes, seus costumes, comportamentos e poderes</b>
Família	Para Elias o local da segurança, ambiente em que se sentia protegido, cuidado. Tinha a ideia de que nada nunca iria lhe afetar ali.	Mãe; pai; parentes; casa; brincadeiras; festas; tristezas; vida rural; crianças; amigos; aprendizados; marcas.
Escola	Sentia-se bem incluído, mas narra evento de hostilidades dos colegas e professora acerca da sua condição de judeu.	Entrada na escola; professora; colegas; aprendizados; <i>bullyings</i> ; expectativas de futuro.
Infância feminina e infância masculina	O centro das atenções da mãe e do pai, cercado de babás e governantas que lhe proporcionavam conforto e sensação de segurança.	Ser querida; ser esperada; ser cuidada; ser esquecida; as tarefas domésticas; o trabalho infantil; os abusos; os sonhos.

Fonte: Campos, 2017.

**4.1 Infância na família**

*Meus pais sempre me trataram com muito respeito e com muito amor, por isso sou a pessoa que sou hoje, a família é o mais importante para o desenvolvimento de uma criança.*

Memorial de infância, 2014/4, p. 3.

*O que marcou minha infância foi a dor, o sofrimento, querer falar e não poder [...], dói ser criança e não ter uma mão estendida, queria apenas ouvir, porque? Quem sabe a pergunta que faltou, para poder dar a resposta e sentir que poderia confiar ao menos no meu pai ou na minha mãe.*

Memorial de infância, 2013/1, p. 10.

Pelos textos das epígrafes que abrem esta subseção é possível observar que as infâncias na família foram lembradas pelas mulheres/acadêmicas de maneiras bem

distintas. Muito respeito e amor nas memórias de uma e, em contrapartida, para a outra, o que reverberou foi dor e o sentimento de que faltaram pessoas em quem pudesse se apoiar e confiar.

Pensando com Elias (2001c) acerca das memórias relativas à sua infância na família, trago as assertivas do autor quando ele foi perguntado sobre se sentia-se protegido em casa. Interessante observar como, no seu relato, fica explícita a importância das experiências vividas na família e como elas repercutiram em sua vida *a posteriori*.

[...] minhas lembranças são enganosas, mas, aonde podem chegar, era um mundo onde as pessoas se sentiam seguras. Eu sabia que meu pai e também minha mãe fariam tudo por mim. [...] Talvez eu possa formular da seguinte maneira: assim como os astrônomos descobriram que todo o universo **repercute ruídos** consecutivos ao Big Bang inicial, assim os homens trazem em si, no que diz respeito às suas vidas, uma intuição cuja origem remonta aos primeiros momentos passados em sua família. Tenho uma intuição que me dá a segurança de que tudo irá bem, enfim, atribuo isso à enorme sensação de segurança que usufruí [...] (ELIAS, 2001, p. 21-22, grifos meus).

Voltando às histórias das mulheres/acadêmicas, vale salientar como ficaram visíveis as marcas dos ruídos em cada uma delas, pois atenção/negligência, cuidado/descuido, respeito/desrespeito, escuta/não escuta, repercutiram de diferentes formas, a partir das suas vivências.

Sob esse enquadramento, importante destacar os estudos que temos empreendido em diversos teóricos da infância (COHN, 2005; GOUVÊA, 2002; 2011; KUHLMANN JR, 2004; OLIVEIRA, 1999; SARAT, 2004; 2014; VEIGA, 2004; 2009), nas diferentes áreas – Antropologia, Filosofia, História, Psicologia, Sociologia –, ao fundamentar, no que é possível afirmar, que muitas são as infâncias, e que classe social, gênero, sexualidade, geração, etnia e raça são marcas sociais que precisam ser levadas em consideração, quando se quer efetivamente conhecer e compreender as crianças, suas vivências e experiências.

[...] a criança, antes mesmo de nascer, já está inserida em num complexo de sentidos que é dado pelas instituições que esperam [dentre elas a família]. Querendo ou não ela carrega em seu corpo uma espécie de narrativa que seus antepassados, ou mesmo os seus contemporâneos veiculam. E isso vale tanto para uma criança que habita um grande centro urbano quanto para aquela que vive em uma pequena aldeia e pertence a um povo indígena (CRUZ et al, 2010, p. 59, acréscimo meu).

Retomo Elias (1994), na obra *A sociedade dos indivíduos*, pois suas discussões corroboram com essa perspectiva ao tratar das teias de interdependência nas quais o indivíduo nasce e cresce:

Todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer. [...] É assim que efetivamente cresce o indivíduo, partindo de uma rede de pessoas que existiam antes dele para uma rede que ele ajuda a formar (ELIAS, 1994, p. 26-27-35).

Em vista disso, interessante ler as escritas retiradas dos memoriais de infância, as quais compõem as descrições apresentadas a seguir. Vale observar, nas histórias recriadas pelas mulheres/acadêmicas, quando surgem diferentes nuances, sentidos, singularidades, bem como vão emergindo os indivíduos que formam suas redes na família. Estes [indivíduos] se mostram imbrincados em diferentes constituições e relações, nas quais é possível perceber as diferenças no gradiente de poder que as permeiam tanto no que diz respeito à geração, quanto a gênero.

- **Memorial de infância 2013/1**

[...] eu nasci com muita saúde e perfeita como minha mãe sonhou e pediu para Deus, mas meu pai se decepcionou muito e minha mãe conta que foi muito difícil na época, pois meu pai não queria nem ouvir meu choro, nem me encontrar em cantos da casa, fiquei presa ao berço onde aprendi andar (Memorial de infância, 2013/1, p. 2).

Aos poucos fui crescendo e começando a entender as coisas, e o que me cercava, aos dois anos de idade ganhei duas grandes amigas, minhas irmãs nasceram: isso mesmo, gêmeas, duas lindas e perfeitas meninas [...]. Pra angústia do meu pai, ele quase enfartou, xingou minha mãe, como se ela fosse culpada de ter escolhido o sexo, minha mãe apanhou, sofreu agressões, pelo simples fato de ter colocado ao mundo três meninas perfeitas e com saúde, não era o que importava ao meu pai, ele simplesmente deseja o tão sonhado menino (Memorial de infância, 2013/1, p. 3).

Aos meus 4 anos de idade minha mãe engravidou [...] onde ela e nós passamos a gestação toda em Campo Grande-MS, pois meu pai não queria ver nascendo, pelo qual temia ser outra menina. Moramos no fundo da casa de minha tia, embaixo de um barraco de lona, apesar de tudo foi uma gestação tranquila, pois meu pai não estava por perto para ficar xingando e batendo nela. [...] certo dia, me lembro como se fosse hoje, o barraco de lona pegou fogo, que tristeza me deu [...]. Dias depois minha mãe estranhou que o bebê não estava mais

mexendo [...] o umbigo enrolou em seu pescocinho levando a óbito o tal sonhado menino do meu pai (Memorial de infância, 2013/1, p. 4).

- **Memorial de infância 2013/2**

[...] uma das histórias que me recordo escrevendo o meu nascimento é que meus pais sempre diziam e ainda dizem que eu fui encontrada atrás da porta e meu irmão debaixo da cama [...] (Memorial de infância, 2013/2, p. 2).

Das lembranças da infância aqui nessa cidade tenho poucas [...] uma casa de madeira com um pé de manga grande, muitos pés de mostarda, nesse pé de manga havia um balanço que **meu pai** fez e era ali debaixo dessa mangueira que brincávamos [...] (Memorial de infância, 2013/2, p. 2, grifos meus).

[...] mudamos para Campo Grande eu tinha uns quatro anos **meu pai** foi trabalhar como motorista de táxi [...] (Memorial de infância, 2013/2, p. 3, grifos meus).

Nossa compra do mês era feita no Mercado da dona [...], era o dia de passear, esse mercado [...] está lá e com os mesmos donos é interessante porque mesmo com tanto tempo que passou algumas coisas continuam lá e eu posso reviver (Memorial de infância, 2013/2, p. 2-3).

Desde que me entendo por gente **meu pai** trabalha como motorista seja de ônibus de estudante, táxi, caminhão de boi ou de carreta, quando chegava à época das férias viajávamos com ele, existia uma caixa de cozinha no caminhão então ali **minha mãe cozinhava** e nós nos apertávamos pra dormir na cabine [...] (Memorial de infância, 2013/2, p. 4, grifos meus).

O que me marcou dessas viagens por aí foi quando **viajei sozinha com meu pai** para Maceió - AL, **minha mãe** teve que ficar com meu irmão, pois ele havia ficado para recuperação [...], de lá de Maceió pegamos uma carga para São Paulo. Foi um tempo onde conheci um bom pedaço do Brasil talvez não tenha outra oportunidade (Memorial de infância, 2013/2, p. 4, grifos meus).

Com muito amor e saudades lembro-me da minha avó [materna], ela sempre fazia o que podia pra nos agradar, amava vir pra casa dela e chegar cansada de viagem e ter bolinhos de chuva ou marmota (bolinho de polvilho) pra comer, se não tinha algo ela inventava, sempre dava um jeitinho, me arrependo de não ter abraçado mais e a beijado mais, hoje penso que poderia ter sido diferente, o que pesa até hoje é a morte dela no ano de 2000, isso foi no final da minha infância, poderia ter algo menos dolorido pra eu lembrar essa minha fase (Memorial de infância, 2013/2, p. 5, acréscimo meu).

[...] lembrei-me das correções **da minha mãe**, eu e meu irmão apanhamos de chinelo, cinto, vara, mas não tenho nenhum rancor ou raiva, eu era desobediente e apanhava, era rebelde e apanhava, mas nada que hoje interfira na minha vida, cresci e me tornei uma pessoa

acredito eu, educada, responsável, talvez pudesse ter aprendido com diálogo, explicação do certo ou errado, mas minha mãe me ensinou da forma que ela achava certo, não sou revoltada por isso (Memorial de infância, 2013/2, p. 5).

- **Memorial de infância 2013/3**

Aí começa a história da minha vida, porque minha mãe tinha um filho menino que era “terrível” porque era muito chorão, não a deixava ir ao banheiro e fechar a porta, ele era muito grudado nela e não ia sequer ao colo de outros, inclusive parentes. Quando meu irmão tinha 4 anos minha mãe engravidou. Ao ela ir ao médico e fazer um ultrassom o médico disse que era um belo menino. [...] Porém, quando ela foi para a maternidade ganhar o bebê [...] o médico disse a ela quando eu nasci: ‘É uma menina [...]’! Isso sem dúvidas, disse minha mãe, foi uma alegria, pois ela sempre sonhou ter um casal de filhos, e todos na família ficaram muito felizes (mesmo eu tendo de usar roupinhas de menino!!) (Memorial de infância, 2013/3, p. 1, grifos do original).

Ela me contou alguns fatos de quando eu era um bebê, de uma vez que ela precisou sair e me deixou aos cuidados de meu pai [...] ele foi trocar minhas fraldas sujas e acabou me sujando toda, e colocou a fralda errada, bom isso quer dizer que ele não tinha muita habilidade em cuidar de bebê (Memorial de infância, 2013/3, p. 1).

Minhas memórias começam de fato quando eu tinha entre 4 e 5 anos e me lembro que minha família sempre visitava a casa dos meus avós maternos e minha avó paterna (Memorial de infância, 2013/3, p. 1).

Tenho duas tias que moravam com meus avós e que eu amava de paixão, e dizia que eram minhas tias preferidas [...] e até hoje são de fato [...]. As minhas tias sempre me presenteavam, e **como elas são pedagogas**, sempre que faziam algo na escola traziam para mim (Memorial de infância, 2013/3, p. 2, grifos meus).

Outro lugar que eu amava ir e esperava ansiosa pelo fim de semana, era de brincar com meu irmão e várias crianças no parquinho que existia na praça que hoje é o transbordo (Memorial de infância, 2013/3, p. 2).

Quando eu tinha 5 anos, veio a primeira memória triste e traumática da minha vida: ver meu avô doente em cima de uma cama e a sua morte (Memorial de infância, 2013/3, p. 3).

Lembro que fomos ao cemitério e eu vi enterrando, mas eu não conseguia chorar, mesmo vendo tanta gente chorando. Dias após, eu ainda me perguntava: o que é a morte? (Memorial de infância, 2013/3, p. 3).

Os meus pais são muito religiosos e sempre me ensinaram o que a bíblia diz [...]. Sempre fui educada a diferenciar o certo do errado, e quando eu fazia algo errado, meu pai e minha mãe sentavam comigo e me faziam refletir se minha atitude estava correta e como eu podia fazer o certo (Memorial de infância, 2013/3, p. 4).

Eu brinquei muito de boneca [...], minha mãe forrava um tapete embaixo do pé de jabuticaba na minha casa e minhas amigas que moravam na mesma rua vinham e ali passavam a tarde quase toda. Tinham muitas meninas na rua e todas minhas amigas [...] (Memorial de infância, 2013/3, p. 5).

Também eu brincava na rua de vez em quando, pulava corda, esconde-esconde, betes, amarelinha, daí juntava as meninas e os meninos (que eram muitos) que moravam na mesma rua, e era aquela alegria só todos brincando (Memorial de infância, 2013/3, p. 5).

Neste período [7 anos] eu já andava de bicicleta sem as rodinhas, pois meu pai me ajudou a andar segurando no banco até eu ter confiança e andar sozinha. Foi ele quem tirou as rodinhas e eu nem percebi quando eu já andava e não tinha mais as rodinhas. Meu pai sempre brincava comigo e meu irmão chegava do serviço, me colocava em seus ombros e corria no quintal da casa (Memorial de infância, 2013/3, p. 6, acréscimo meu).

Uma lembrança que tenho muito positiva em relação aos meus pais é que eu nunca os vi discutindo, brigando, acredito que isso foi muito bom para mim e meu irmão ter crescido em um lar calmo e sem dúvidas só tenho a agradecer aos meus pais por todo amor que eles sempre demonstraram por nós (Memorial de infância, 2013/3, p. 8).

- **Memorial de infância 2013/4**

Segunda filha, nascida [...] na fase da lua minguante, mas de acordo com relato de meus pais mais parecia uma lua cheia de tão gordinha [...]. Meus pais moravam na zona rural, minha mãe era professora e meu pai era administrador de fazenda, éramos vizinhos de meus avós paternos. Onde morávamos tínhamos recursos necessários para uma vida com conforto, sempre rodeada de amor, carinho e compreensão, nossa família sempre foi muito unida (Memorial de infância, 2013/4, p. 1).

Segundo relatos dos familiares sempre fui uma criança determinada, alegre, obediente, porém inquieta, não parava um minuto mesmo dormindo sempre conversava e me mexia (Memorial de infância, 2013/4, p. 1).

Todos falam que tenho traço de pessoa que vai longe que vai alcançar o que almeja minha mãe sempre me dizia que tinha que ser uma pessoa forte e guerreira e aprender a enfrentar as dificuldades da vida sem abaixar a cabeça, que não precisaria passar por cima de ninguém, sempre respeitando ao próximo, mas cuidando e defendendo meus objetivos, já meu pai me via como uma princesinha e sempre me chamou assim, gostava de me mimar e me elogiar muito [...] (Memorial de infância, 2013/4, p. 2).

Quando tinha dois meses minha mãe voltou a dar aulas, um fato curioso durante toda a gestação ela deu aulas, na fase final da gestação ela preparava as aulas e meu pai que as dava, pois como era na zona

rural não tinha professor substituto (Memorial de infância, 2013/4, p. 2).

Aos três anos nos mudamos para Dourados, morávamos em um bairro muito bom, a casa de minhas primas ficava perto de minha casa e na rua moravam várias crianças [...]. As tarde eram maravilhosas, juntávamos todas as crianças da rua e decidíamos o que íamos brincar, gostávamos de Barata no ar porque tinha muitas árvores que podíamos subir e fingia que era o pique [...] eu quase sempre era a única menina e isso me deixava brava por que nunca queriam brincar do que eu queria e quando estava só eu e meu irmão em casa eu descontava, se eu quisesse mudar de brincadeira e ele não virava as costas e saía deixando ele sozinho [...] (Memorial de infância, 2013/4, p. 3).

Eu e minha prima pudemos aproveitar muito essa fase, pois quando não era na minha casa era na casa dela que brincávamos [...]. Sentia um pouco de inveja de minha prima, pois ela foi muito cedo para a escola [...] e me contava coisas maravilhosas das professoras, brincadeiras de como era a escola e o uniforme dela era lindo um short-saia e a camiseta azul achava tão lindo e quando ela me contava ouvia um pouco imaginava e ficava com ciúmes e saía para não ouvir mais (Memorial de infância, 2013/4, p. 3).

Meu pai trabalhava no comércio e minha mãe ficava em casa comigo e com meu irmão, toda sexta-feira depois de meu pai chegar do trabalho arrumávamos nossas roupas para passar o fim de semana do sítio dos meus avós, nossa era o melhor lugar do mundo [...] (Memorial de infância, 2013/4, p. 3).

Posso dizer que minha infância foi maravilhosa, sempre tive minha família por perto e amigos, brinquei muito aproveitei muito essa fase maravilhosa, sendo uma fase de descobrimentos e experiências, me mudei de cidade pude descobrir outros lugares (Memorial de infância, 2013/4, p. 6).

- **Memorial de infância 2013/5**

A infância é a primeira fase da vida em que tudo que aprendemos é novidade, uma fase de descobrimentos, sensações e gostos que temos que passamos a descobrir (Memorial de infância, 2013/5, p. 2).

[...] meu pai jogava futebol [...] e minha mãe sempre me levava para assistir ele, eu ficava animada (Memorial de infância, 2013/5, p. 3).

Tive muitas amigas que eram vizinhas minhas, e eu gostava de boneca e bicicleta, e tinha um apreço enorme pela música (Memorial de infância, 2013/5, p. 3).

A banda sensação da minha infância era a *Rouge*, eu as imitava na frente do espelho [...]. Meu pai me presenteou com um CD da banda, fiquei tão feliz elas eram minhas musas (Memorial de infância, 2013/5, p. 3).

Desde pequena sempre tive apego com minhas tias, uma delas de nome [...]. Minha mãe trabalhava e ela me pegou para cuidar quando eu tinha apenas dez meses. E assim foi, me apeguei a ela dum tanto que às vezes queria que ela fosse minha mãe (Memorial de infância, 2013/5, p. 4).

[...] sempre conversava comigo [a tia] com tanto afeto que não sei explicar. É incrível quando a gente é criança como nos apegamos às pessoas e necessitamos de ser compreendidas (Memorial de infância, 2013/5, p. 4, acréscimo meu).

Quando aprendi a andar de bicicleta foi uma vitória [...]. Meu pai muitas vezes me empurrava e me segurava, mas ele não dava conta por que eu não cansava nunca (risos), mas isso é normal, depois que se aprende não esquece mais (Memorial de infância, 2013/5, p. 5).

O interessante de relembrar minha infância é que fico me perguntando às vezes por que não aproveitei mais? (Memorial de infância, 2013/5, p. 5).

- **Memorial de infância, 2014/1**

A primeira memória da minha infância que me lembro, sem serem as que minha mãe me conta, é quando tinha por volta de 3 anos, e sempre aos domingos meu pai me levava de bicicleta na feira [...] em um domingo desses estava sentada na garupa da bicicleta e minha perna entrou nos raios da bicicleta e quebrou, meu pai ficou muito bravo, por que eu chorava demais e me bateu e não me levou para o hospital, me trouxe para casa [...] meu pai era muito ruim [...] (Memorial de infância, 2014/1, p. 1).

Morava em uma rua de chão [...], em uma casa simples de madeira, que nem banheiro tinha [...] minha mãe nunca estudou, sabia ler e escrever e meu pai era pedreiro analfabeto, éramos muito pobres, me lembro de comprar roupas só no natal, e nunca íamos a um mercado para fazer compras, comprávamos em um mercadinho na nossa vila, e o dono anotava tudo em uma caderneta (Memorial de infância, 2014/1, p. 2).

Na minha casa tinha muitas árvores pé de limão, bananeira, pé de abacate. Tínhamos muitos vizinhos e muitas crianças, passávamos o dia todo brincando na terra, de casinha, de pular elástico, não tínhamos brinquedos, inventávamos brinquedos com o lixo (Memorial de infância, 2014/1, p. 2).

Lembro-me quando tinha uns cinco anos andei pela primeira vez de ônibus [...] fomos para Belo Horizonte com meus avós maternos visitar meus bisavós [...] ganhei roupas novas [...] comi muito bem, pela primeira vez um lanche com hambúrguer [...] e me lembro de achar estranho ver meus tios que eram casados viverem tão bem com a esposa e tratar tão bem seus filhos, de comprar balas para eles, pois eu achava que bala, doce, era muito caro, pois eu nunca podia comer (Memorial de infância, 2014/1, p. 2).

- **Memorial de infância 2014/2**

Tenho uma família grande, tenho nove irmãos, sendo três mulheres e seis homens [...] (Memorial de infância, 2014/2, p. 1).

Moramos de aluguel quase toda a minha infância, então moramos em vários lugares, quando estávamos nos acostumando em um lugar, já tínhamos que mudar para outro e começar tudo de novo, as amizades, conhecer o lugar e tudo mais (Memorial de infância, 2014/2, p. 1).

- **Memorial de infância 2014/3**

Nasci [...] fruto de um relacionamento instável onde uma das partes não assumiu a responsabilidade pelos seus atos, filha de mãe solteira, morei com minha mãe e meus avós maternos até os três anos de idade [...] (Memorial de infância, 2014/3, p. 1).

A casa dos meus avós era uma casa muito humilde, de madeira, lembro-me do fogão de lenha, onde minha avó cozinhava comidas típicas nordestina, meu prato preferido era frango caipira com cuscuz e arroz, uma delícia (Memorial de infância, 2014/3, p. 1).

No quintal tinha pé de manga, de caju, goiaba, limão, fruta do conde e até pé de café [...] (Memorial de infância, 2014/3, p. 2).

Durante a semana éramos só nós, meus avós, minha mãe, meu tio mais novo e eu, mas no domingo, era uma festa, a casa ficava cheia de parentes: tios, tias, primos e mais primos. Nós brincávamos e brigávamos o tempo todo, era pular corda, esconde-esconde, andar de bicicleta [...] (Memorial de infância, 2014/3, p. 2).

Quando eu tinha três anos minha mãe conheceu um homem, namoraram e resolveram se casar, foi tudo muito rápido [...]. Mudei-me para a casa nova, da minha mãe e meu novo pai, **não tive escolha, minha mãe decidiu por mim** [...]. Foi uma fase difícil de adaptação [...]. E o meu novo pai, realmente me aceitou como filha, passei a chama-lo de pai. E assim constituímos uma família (Memorial de infância, 2014/3, p. 2-3, grifos meus).

Um ano depois do casamento de minha mãe nasceu minha primeira irmã [...] fiquei muito enciumada com o bebê [...]. Não demorou muito, minha mãe logo engravidou de novo e no outro ano nasceu minha outra irmã [...] não me lembro com precisão do nascimento dela, nem dos detalhes, só lembro que minha família não parava de crescer e um ano depois minha mãe engravidou novamente, outra menina [...] finalmente minha mãe resolveu operar para não ter mais filhos, **desistiu de tentar ter um filho homem, que era o sonho do meu pai** (Memorial de infância, 2014/3, 3, grifos meus).

[...] acho eu fiz tudo que tinha direito na minha infância. Não mudaria nada, gosto dela assim, foi assim que fui feliz (Memorial de infância, 2014/3, p. 6).

- **Memorial de infância 2014/4**

Minha infância foi muito tranquila, regada de muito amor e carinho (Memorial de infância, 2014/4, p. 1).

[...] meu pai trabalhava o dia inteiro e quando chegava à noite eu já estava dormindo e no outro dia ele saía de madrugada, então eu quase não o via, somente na hora do almoço, e então eu queria brincar e ficar com ele, pois ele era meio moleque e brincava muito comigo (Memorial de infância, 2014/4, p. 1).

Minha mãe me falou que eu era muito possessiva e que aos poucos foi me explicando que tínhamos que dividir, de emprestar e que isso era fazer o bem, mas até os três anos ela sofreu com este meu jeito e passou muita vergonha. Mas com o nascimento do meu irmão eu fui melhorando, pois com ele tudo era para nós dois, dividimos até roupa (Memorial de infância, 2014/4, p. 1-2).

Eu tenho uma tia especial [deficiente] irmã da minha mãe, que desde muito pequena eu convivi com ela [...] desde que nasci ela sempre foi muito presente na minha vida, brincávamos juntas, ela me fazia dormir no seu colo, em certos momentos minha mãe dizia que eu a chamava de mãe (Memorial de infância, 2014/4, p. 2).

[...] eu iria fazer sete anos, meu pai tinha me prometido uma festa de aniversário, pois eu nunca tinha tido uma festa [...]. Então ganhei uma festa de sete anos, foi linda, me lembro de que na hora que cantaram parabéns eu chorei, fiquei muito emocionada, foi um choro de muita alegria por ter realizado o sonho de ter uma festa só minha (Memorial de infância, 2014/4, p. 4).

[...] a nossa infância é a fase na qual serve como base para nossa vida adulta, por isso a infância deve ser marcada de momentos especiais e marcada de coisas boas para que o desenvolvimento seja de experiências inesquecíveis, não como marcas traumáticas que nos fazem mal (Memorial de infância, 2014/4, p. 5).

Minha família foi muito importante para o meu crescimento, eles sempre me ajudaram a superar qualquer problema e sempre esteve presente na vida, sempre conversaram comigo me aconselhando [...] (Memorial de infância, 2014/4, p. 6).

As brincadeiras que mais gostava era brincar de casinha, preferia brincar sozinha, pois eu gostava de arrumar do meu jeito, de colocar roupas na boneca do meu gosto, não aceitava muitas opiniões. Mas quando se tratava de brincadeiras na rua, adorava brincar de Betti ou de esconde-esconde e preferia que fossem com muitas crianças, eu chamava o maior número possível, e em brincadeiras em grupo eu me relacionava muito bem [...] (Memorial de infância, 2014/4, p. 7).

- **Memorial de infância 2014/5**

Quando estava com quase dois aninhos nasceu minha irmã, foi muito bom, porém sentia muito ciúmes dela, porque a partir de então ela começou a ser o centro das atenções. Demorei muito tempo para me acostumar com a presença de mais uma criança na minha casa (Memorial de infância, 2014/5, p. 1).

No período da tarde ficava na casa da minha avó materna [...] sempre passeávamos nas casas de minhas tias, aonde brincava com meus primos, sempre íamos ao centro, adorava tomar sorvete, minha vó sempre gostava de me ensinar a cozinhar, desde os cinco aninhos ajudava ela fazer bolos e tortas (Memorial de infância, 2014/5, p. 2).

Lembro-me de muitos fatos que marcaram minha infância, como as casinhas embaixo das mesas, recheadas com comidinhas, bonecas de plástico enormes, assim como bonecas minúsculas com toucas de pompom, as panelinhas de fazer comida de faz de conta. Brincava muito, o tempo todo, só parava na hora de dormir (Memorial de infância, 2014/5, p. 2).

Sempre que a minha mãe podia antes de dormir, contava historinhas [...], me recordo de algumas vezes que meu pai também estava junto, gostava muito desses momentos, porque bem pouco via meu pai, porque ele trabalhava sempre fora da cidade, e demorava alguns dias para voltar (Memorial de infância, 2014/5, p. 3).

Adorava ir aos vizinhos, tinha muitos amigos, subíamos em árvores, brincávamos na areia e deslizávamos nos barrancos com pedaços de papelão (Memorial de infância, 2014/5, p. 3).

Sempre que podíamos íamos à casa da minha avó paterna, ela morava em um sítio [...] brincava com os animais, brincava embaixo das árvores, fazíamos bolinhos de terra com água, inventávamos muitas brincadeiras [...] sempre acompanhada por um adulto, tomava banho no açude (Memorial de infância, 2014/5, p. 3).

Nas férias sempre viajávamos [...] íamos visitar familiares em Campo Grande, Cuiabá e São Paulo (Memorial de infância, 2014/5, p. 3).

Vivi realmente a minha infância, pude usar a minha imaginação, descobrir o mundo de contos de fadas, ter o contato com a natureza, brincar, correr, gritar, chorar, compartilhar e aprender conhecimentos, ter amigos, ir à escola e principalmente receber o carinho e atenção dos meus pais (Memorial de infância, 2014/5, p. 4).

- **Memorial de infância 2016/1**

Filha caçula [...], pouca estrutura familiar em questões financeiras e uma história repleta de perseverança que me trouxe até aqui. Minha mãe com pouco estudo abandonou a escola para trabalhar aos 11 anos de idade, e meu pai também com pouco estudo [...] ambos com a

mesma ordem escolar me guiaram para que eu conseguisse algo mais que eles (Memorial de infância, 2016/1, p. 2).

Como em toda família a chegada de uma criança sempre traz mudanças e uma nova expectativa de vida, assim foi quando descobriram minha existência. Meus pais já tinham meu irmão com 5 anos de idade quando nasci [...] (Memorial de infância, 2016/1, p. 2).

[...] quando eu completaria 2 anos, um primo [do pai] abriu um frigorífico e chamou meus pais [...] o frigorífico ficava em zona rural e foi lá que mantive minhas melhores lembranças e fases da minha vida. Cresci no meio dos bois [...] (Memorial de infância, 2016/1, p. 3, acréscimo meu).

À noite fazíamos nossas tarefas da escola, e depois íamos para o curral, as vacas ficavam lá [...] nós dois fazíamos do curral um palco e as vacas eram nosso público, a gente cantava, cantava até cansar, e depois íamos para casa dormir porque no outro dia começava tudo de novo (Memorial de infância, 2016/1, p. 3-4).

Eu era muito espoleta, menina moleque, aprendi atirar com estilingue e os patinhos e quero-queros sofriam na minha mão, não tinha muitas opções de brinquedo, as bonecas não eram muito legais não me davam adrenalina, o que mais gostava de fazer quando não estava com estilingue era desenho tinha gosto e fazia muitos (Memorial de infância, 2016/1, p. 4).

Nas férias de julho sempre íamos a Bonito na casa da minha madrinha, a casa dela era grande e tinha pomar [...]. Nas férias de dezembro sempre íamos visitar meu avó paterno que mora em Cuiabá, lá eu via meus primos por parte de pai e me sentia um bicho do mato, pois eles eram bem muito mais avançados do que eu em questão de tecnologias, por isso não gostava muito de lá. Minha vida era mesmo aquela no meio do mato (Memorial de infância, 2016/1, p. 4).

Com o tempo meus pais fizeram amizade com os funcionários e passamos a conhecer as famílias deles. Um deles tinha uma filha da minha idade e aos sábados ela ia pra lá brincar comigo, ela foi a única amiga que tive naquela época, e a partir daí entrou nas nossas vidas, brincávamos bastante e explorávamos todo ambiente [...] (Memorial de infância, 2016/1, p. 4).

[...] sempre fui feliz com minha família, meus pais apesar de terem sofrido muito nos deram o melhor e continuam dando (Memorial de infância, 2016/1, p. 5).

- **Memorial de infância 2016/2**

Minha família é simplesmente extraordinária, pessoas humildes de coração e milionárias de alma, atenciosos, carinhosos e principalmente alegres (Memorial de infância, 2016/2, p. 2).

Meu pai [...] minha mãe [...] são o que mais amo na minha vida. Estas duas combinações me deram uma linda irmã [...] quatro anos mais nova do que eu [...] (Memorial de infância, 2016/2, p. 2).

[...] lembro-me muito da minha infância, das minhas brincadeiras favoritas, dos meus sonhos e amigos (as) (Memorial de infância, 2016/2, p. 3).

Posso dizer que minha infância foi ótima [...]. Eu era tremendamente sapeca, pois tinha toda a natureza e tempo livre para brincar, aprontar e chorar também. Meus pais sempre me deixaram livre para aproveitar minha infância: eu brincava com meus amigos, jogava bola, subia nas árvores, comia frutas, tomava banho de chuva e brigava muito também, principalmente com [irmã], pois eu tinha muito ciúmes dela, eu queria voltar a ser filha única e a ter toda a atenção só pra mim [...] (Memorial de infância, 2016/2, p. 5-6, acréscimo meu).

Mas o que eu mais adoro nas minhas lembranças são as brincadeiras com os meus cachorros coelhinhos e pássaros, pois até hoje sou uma eterna apaixonada pelos animais (Memorial de infância, 2016/2, p. 6). Atualmente vejo que das minhas lembranças muitas são tristes, mas quando eu olho para o meu presente vejo que estas e outras lembranças que vivem presentes em meu inconsciente me ajudaram a ser a pessoa que sou, a pensar da forma que penso a abominar certas práticas e acreditar que as coisas podem melhorar [...] (Memorial de infância, 2016/2, p. 13).

- **Memorial de infância 2016/3**

Infância é o tempo de nossas vidas que mais sentimos falta. Quando estamos na infância não nos damos conta de quão maravilhosa, fabulosa, encantadora ela é. Só nos damos conta disso quando a responsabilidade bate a nossa porta, aí entendemos o porquê de as pessoas dizerem que a infância é a melhor de todas as fases (Memorial de infância, 2016/3, p. 1).

Minha infância foi gostosa, filha única até os 12 anos, sempre tive tudo o que eu queria, brinquei muito e fui muito feliz. Têm várias coisas e diversos momentos que marcaram essa fase mágica da minha vida. [...] venho de uma família Mineira e Baiana onde tenho muito orgulho em dizer (Memorial de infância, 2016/3, p. 1).

[...] me recordo da minha mãe me levando para a creche de bicicleta e eu segurando com uma mão no pescoço e a outra comendo maçã, também me lembro que minha avó era quem me buscava na creche (Memorial de infância, 2016/3, p. 1).

[...] depois já com 5 anos de idade lembro que ganhei uma festona da branca de neve e os sete anões mas na verdade na minha casa tem uma tradição todos os aniversariantes minha mãe se esforça para fazer pelo menos um bolinho [...] (Memorial de infância, 2016/3, p. 1).

[...] me recordo que minha avó [materna] me ajudava nas tarefas [...] me paparicava muito com doces e presentes. Nos sábados de manhã sempre ia à igreja com a minha avó eu era a sua companheira [...] (Memorial de infância, 2016/3, p. 1, acréscimo meu).

Relembrar isso é maravilhoso, pois fui a única neta que aproveitou mais a minha vovó, mas ao mesmo tempo me dói porque perdi minha avó quando eu tinha 9 anos de idade e isso não foi fácil pois tive que sofrer calada porque minha mãe naquele momento precisava de mim, na verdade até hoje eu sofro calada [...] (Memorial de infância, 2016/3, p. 2).

- **Memorial de infância 2016/4**

[...] segunda filha de três irmãos, a segunda menina da família. Aos seis meses de vida seus pais tiveram que se mudar [...] para uma fazenda, um pouco afastada da cidade. Os pais contam que sempre foi uma criança calma, não era de fazer ‘arte’ e nem de muita conversa. Adorava ficar cantando pelos cantos da casa. Sempre foi muito educada e todos que a conheciam se apaixonavam, sua mãe sempre disse que o pai adorava tocar violão para vê-la cantar [...] (Memorial de infância, 2016/4, p. 2).

[...] fez muitas amizades, mesmo sendo nova ainda, as festas de aniversário eram sempre cheias de crianças e muita alegria. Sempre tinha correria, brincadeiras e risadas (Memorial de infância, 2016/4, p. 2).

[...] todas as férias iam visitar seus avós e os parentes. [...] sempre teve muitos primos, então as brincadeiras eram sempre variadas. As férias eram sempre no mês de julho e de dezembro. O Natal era passado numa avó e o ano novo na outra (Memorial de infância, 2016/4, p. 2).

Com quatro anos de idade já começo a ter mais clareza nas minhas memórias [...] ganhei uma festa de aniversário de quatro anos, dessa já me lembro bem, estavam todos presentes [...] a festa foi na fazenda [...]. Lembro que brincamos de pega-pega ao redor da casa. [...] nesta festa estava também presente a minha melhor amiguinha, que nasceu quando eu tinha onze meses e depois disso não nos desgradamos mais (Memorial de infância, 2016/4, p. 2).

Aos cinco anos de idade recebi uma notícia que me deixou muito feliz, eu ia ganhar um irmãozinho ou uma irmãzinha, fiquei tão feliz com a notícia, eu já tinha a minha irmã, mas ela era a mais velha [...]. Aí o tão esperado dia chegou, o nascimento do meu irmão [...] meu pai levou minha mãe para o hospital e dois dias depois ela chegou com um embrulhozinho nos braços, era tão pequenino, então minha mãe o colocou na cama, meu pai me sentou ao lado dele e minha irmã do outro lado, então ficamos os quatro admirando aquele molequinho (Memorial de infância, 2016/4, p. 3).

As únicas brincadeiras que me lembro, era que eu brincava muito de boneca, fazia minha mãe brincar comigo, ela era a minha comadre,

madrinha de minhas filhas, brincava muito de terra, andava de bicicleta com a minha irmã, subia em árvores e quando estávamos na cidade sempre brincava de pega-pega, esconde-esconde, rouba bandeira, sempre com algum coleguinha (Memorial de infância, 2016/4, p. 3).

Minhas brincadeiras não mudaram depois que meu irmão chegou, continuei brincando de boneca, de terra e de bicicleta (Memorial de infância, 2016/4, p. 3).

Com seis anos [...] quando meu pai tinha tempo, levava eu e minha irmã para tomar banho de rio, porque para baixo da fazenda tinha um riozinho bem gostoso para tomar banho. Ou se não íamos tomar banho íamos para pescar. Ele também nos levava para andar a cavalo (Memorial de infância, 2016/4, p. 3).

Meus pais sempre foram muito presentes nas nossas vidas e sempre nos acompanharam em tudo, nas brincadeiras, nos estudos, na formação de amizades [...] (Memorial de infância, 2016/4, p. 4).

- **Memorial de infância 2016/5**

**Sou o segundo filho dos meus pais**, o primeiro foi meu irmão [...] que tinha seis anos quando nasci e não quis me ver no hospital porque ficou com ciúmes, ficando na porta do quarto. Após chegar em casa meu irmão continuou enciumado com a minha presença e assim começou um drama [...] (Memorial de infância, 2016/5 p. 1, grifos meus).

[...] a primeira palavra que aprendi a falar foi papai para a felicidade dele (Memorial de infância, 2016/5 p. 1).

[...] posso dizer que tive uma infância normal tendo vários amigos por perto para brincar e na maioria das vezes eu e minhas amiguinhas brincávamos de Barbie, todas juntavam seus objetos rosa e montavam a casinha [...] (Memorial de infância, 2016/5 p. 2).

Eu não via a hora de crescer para ir ao mercadinho perto de casa sozinha, todos os dias perguntava se estava faltando algo para ver se ela me deixava sair, mas eu era muito nova para sair sozinha (Memorial de infância, 2016/5 p. 2-3).

Todos dizem que a menina quando é pequena é sempre mais apegada ao pai, no meu caso não foi diferente, pois todos os lugares que meu pai ia eu estava junto não desgrudava nenhum minuto, adorava sair de carro com ele e cabei aprendendo todas as músicas que ouvia e hoje quando tocam eu sei todas, coisa que eu não imaginava que sabia (Memorial de infância, 2016/5 p. 3).

Desde muito pequena eu adorava que minha mãe colocasse roupas rosa em mim para ir à escola, minha professora [...] muito preocupada por todos usarem uniforme menos eu chamou minha mãe para conversar dizendo que apenas eu não utilizava o uniforme escolar, então aos poucos fui me acostumando a usar mais vezes o uniforme,

mas sempre tinha que ter uma peça rosa, uma bermuda, uma saia ou calçado (Memorial de infância, 2016/5 p. 4).

Meus pais sempre trabalharam fora, mas mesmo assim sempre foram muito participativos na minha infância tirando tempo para me levar no parquinho, ensinar tarefas, levar para passear e ir em aniversários de amigos. Posso dizer que tive uma infância muito gratificante por ter meus pais sempre por perto me apoiando e me dando carinho, me deixando brincar e me divertir, mas não deixando esquecer a minha responsabilidade com os estudos, criando uma relação entre o aprender e o brincar. Para mim a minha família foi a base de tudo, pois foi junto dela que adquiri valores e me tornei uma pessoa segura e responsável em tudo o que faço (Memorial de infância, 2016/5 p. 4-5).

- **Memorial de infância 2017/1**

[...] morava em um sítio com minha família, meus pais e dois irmãos (Memorial de infância, 2017/1, p. 1).

O bom de morar no sítio era que tinha muita fartura, meu pai plantava horta no fundo de casa e possuíamos muitos animais e um pomar bem grande aonde existia uma enorme variedade de frutas. [...] Aos finais de semana recebíamos os familiares com muita fartura, todos adoravam nos visitar e os primos passavam as férias conosco (Memorial de infância, 2017/1, p. 1-2).

Sempre gostamos muito de animais, tínhamos muito cães, ovelhas, gatos, e até uma arara vermelha [...]. Eu sempre gostei muito de animais até das galinhas do sítio, mas minha mãe tinha o hábito de vender as galinhas a um homem que chamávamos ‘o homem das galinhas’, a gente sempre chorava e tínhamos até um plano de resgate para as galinhas, mas nunca deu certo (Memorial de infância, 2017/1, p. 2, grifos do original).

No sítio tínhamos o hábito de pescar em alguns finais de semana, meu pai sempre brigava para que a gente tivesse cuidado com as cobras, geralmente nosso pai ia com a gente para a pescaria, mas às vezes íamos sozinhos, porque era bem perto de casa (Memorial de infância, 2017/1, p. 2).

Um dia nosso pai nos deu uma vaca, [...] ela era bem dócil, porém um dia ao voltarmos da pescaria nosso pai estava carneando a vaca para vender, foi horrível, até hoje reclamamos que ele carneou a vaca, naquela época não entendíamos que provavelmente ele vendeu porque precisava de dinheiro (Memorial de infância, 2017/1, p. 2).

A minha infância foi assim, eu me lembro com saudade e muito carinho, foi uma época especial e mágica da minha vida, não pela riqueza porque éramos bem pobres, mas pela felicidade que não se pode comprar, e que aparece em coisas simples, meus pais eram bem rígidos, como todos os pais da época, mas me diverti muito, acredito que todos merecem uma infância como a minha (Memorial de infância, 2017/1, p. 3).

- **Memorial de infância 2017/2**

[...] sou a caçula de dois irmãos [uma menina e um menino] e um primo [menino] que os pais criaram como filho. Minha mãe [...] trabalhava para cuidar de nós, meu pai [...] era construtor, minha infância foi muito boa teve momentos alegres e momentos tristes, mas todos especiais (Memorial de infância, 2017/2, p. 1, acréscimos meus).

Recordo-me da primeira casa que morei, no fundo dela tinha uma varanda onde costumávamos brincar, também havia um pé de manga que fazia a sombra, a primeira lembrança que tenho era estar correndo atrás de meus irmãos brava por que eles não queriam deixar eu participar de uma brincadeira por que era muito pequena (Memorial de infância, 2017/2, p. 1).

Sempre brincávamos com os filhos da vizinha que tinham a mesma idade dos meus irmãos. Era legal, minha mãe cuidava da gente e fazia lanches diferentes (Memorial de infância, 2017/2, p. 1).

Quando estava com 6 anos nos mudamos para outra casa, lá fiz muitas amigas era um bairro calmo onde passei o resto da minha infância, era incrível, pois era um bairro novo e não tinha muitas pessoas então conhecíamos quase todo mundo, era um monte de crianças e brincávamos de terra, entre minhas amigas tinha uma que era muito especial [...] éramos unha e carne criamos um clubinho do lado da casa dela para cuidar de bichinhos abandonados nosso clubinho era em uma casinha de madeira que o pai dela havia feito passávamos horas brincando lá (Memorial de infância, 2017/2, p. 1).

Meus pais são meus espelhos incríveis a quem amo muito, mas além deles tive pessoas que não poderia deixar de citar nesse memorial. Meu avô, pai do meu pai foi morar conosco quando eu tinha 7 anos ele sempre estava comigo [...] ele dizia que eu parecia com minha vó ele me levava e buscava da escola brincava comigo e adorava dançar [...]. Minha Vó [...] mãe de minha mãe adoeceu e minha mãe precisou cuidar dela não éramos tão próximas minha vó era séria e brava, mas no fundo tinha um imenso coração com isso acabamos nos aproximando e minha avó era incrível conheci um lado dela que eu amo [...] (Memorial de infância, 2017/2, p. 3).

[...] minha tia [...] ela era como minha segunda mãe, toda vez que ela chegava era festa sempre me buscava para passar o fim de semana com ela era muito bom, tinha minhas primas e nós brincávamos de casinha, tomávamos banho de piscina [...] (Memorial de infância, 2017/2, p. 3)

Sempre que podíamos nas férias meus pais nos levavam para viajarmos me recordo da viagem a Bonito eu era muito apegada com meu pai adorava ficar no pé dele me recordo que brincávamos no rio minha mãe tirando foto, de descermos o rio todos juntos, da minha mãe brincando comigo no parquinho e mostrando os bichos (Memorial de infância, 2017/2, p. 4).

Minha infância foi muito boa e tive pessoas especiais, pude brincar, ir a escola e meus pais sempre estiveram comigo só tenho lembranças incríveis de uma menina travessa um pouco chorona e muito amada (Memorial de infância, 2017/2, p. 4).

- **Memorial de infância 2017/3**

Novembro de 1994, numa tarde do dia primeiro eu nascia, meus pais moravam numa escola em Rio Brilhante – MS, onde meu pai trabalhava de zelador. Fui criada em um lar nuclear, onde sempre prevaleceu a disciplina e o bem estar de todos, ao todo somos cinco filhos, no entanto quando nasci minha mãe tinha quatro filhos de outros casamentos, os quais apenas dois moravam com ela, e os outros dois moravam com a família paterna, sendo apenas eu fruto do casamento atual e filha única do meu pai, ele criou a todos sem nunca fazer qualquer distinção de amor ou cuidado (Memorial de infância, 2017/3, p. 1).

Meus pais não proviam de muito dinheiro, o lugar onde morávamos era cedido pelos serviços prestados à escola, minha mãe trabalhava de doméstica, enquanto minha irmã mais velha tomava conta de nós os menores na ausência dos mesmos [...] (Memorial de infância, 2017/3, p. 1).

Minha mãe conta que um pouco antes de completar um ano mudamos para o sítio, pois meu pai ia prestar serviços por lá e nós ficávamos na cidade, ele retornava apenas nos finais de semana, e como eu era muito apegada a ele comecei a adoecer com a ausência, então ela decidiu o acompanhar [...] (Memorial de infância, 2017/3, p. 1).

Como minha mãe achava difícil ficar com crianças pequenas morando tão longe da cidade, pois quando adoecíamos era difícil a locomoção para conseguir uma consulta, meu pai desistiu do emprego e retornamos para a cidade, como ele voltou sem um serviço arranjado, começou a fazer bicos [...] desde pedreiro como vendedor de picolés e verduras nas ruas, enfim fez de tudo para trazer o sustento de forma honesta para casa, afim de nunca nos faltar ao menos o básico de sobrevivência (Memorial de infância, 2017/ 3, p. 1).

Embora meus pais trabalhassem muito, sempre se mantiveram presentes nos momentos de nossas infâncias, meu pai era o responsável por acompanhar a nossa vida escolar, e em relação aos estudos sempre fomos muito cobrados (Memorial de infância, 2017/3, p. 1).

Quando eu tinha aproximadamente três anos meus pais ganharam uma casa em um sorteio da prefeitura para pessoas de baixa renda, em torno de dois anos depois meu pai passou em um concurso para trabalhar de coveiro no cemitério local o que na maioria das vezes dava mais tempo dele ficar em casa [...] o local ficava a uma quadra de casa então toda hora dava uma passadinha pra ver como tudo estava, e nós às vezes íamos lá brincar, como mente de criança é, passávamos horas correndo por lá e criando histórias a respeito das fotos que víamos nas lápides (Memorial de infância, 2017/3, p. 1).

No fundo da minha casa tinha um enorme pé de jaca, embaixo meu irmão me ajudou a construir uma casinha e com um sofá velho que minha mãe colocou para podermos brincar, juntávamos nós e outras crianças da vizinhança e nos sentávamos para contarmos histórias de terror [...] eu sempre ficava apavorada depois, mas mesmo assim eu sempre fui a primeira a estar lá quando se reuniam novamente (Memorial de infância, 2017/3, p. 2).

Muita gente tinha medo do meu pai em relação ao trabalho que ele tinha, nunca entendi o porquê, como aquela realidade era bem normal para mim, pois enquanto meus irmãos estudavam em atividade escolar, lá que eu ficava para não ficar sozinha em casa, ficava me metendo e querendo ajudar em tudo, a única coisa que meu pai permitia era ficar limpando o túmulo do meu avô, pra ter o que fazer e não perturbar (Memorial de infância, 2017/3, p. 2).

Depois que mudamos para aquele bairro, ainda demorou muitos anos para ser asfaltado, as ruas eram cobertas por aquela terra vermelha, para tristeza da minha mãe, pois brincávamos correndo por lá e voltávamos da cor do chão (Memorial de infância, 2017/3, p. 2).

Nesse bairro eu tinha duas amigas que chegaram lá na mesma época que nossa família se mudou, quando ainda nem energia elétrica tinha o bairro, uma era da mesma idade minha, a outra já era dois anos mais velha, sempre brincávamos [...] tenho o privilégio de ter essas duas amigas na minha vida, fazendo parte da continuidade dessa história (Memorial de infância, 2017/3, p. 2).

[...] minhas lembranças me trazem muitas alegrias, pois tive muitos momentos felizes, às vezes a memória falha e não recordo dos acontecimentos com clareza, mas de uma coisa tenho certeza minha infância foi a melhor fase da minha vida, não entendo o porquê pensamos tanto em crescer enquanto somos pequenos, cada fase de nossas vidas tem uma história e uma importância em ser vivida e aproveitada ao máximo, tudo o que sou e meus referenciais são a verdadeira essência da minha vida (Memorial de infância, 2017/3, p. 3).

- **Memorial de infância 2017/4**

Nasci em Fátima do Sul e lá morava com minha avó e minha tia [...] No final da tarde, minha mãe e eu íamos encontrar meu pai no serviço (Memorial de infância, 2017/4, p. 1).

Na infância eu tinha os olhos azuis, os cabelos negros e encaracolados. Desde bebê sou viciada em tereré, e para desespero dos meus pais, não dormia a noite, e nem deixava ninguém dormir. Minha mãe ficava me contando histórias até eu pegar no sono. Ela inventava contos fantásticos, e assim, passei a amar narrativas (Memorial de infância, 2017/4, p. 1).

Minha família sempre mudou muito de cidade, e por isso, já morei e estudei em muitos lugares. Nos mudamos primeiro para Maracaju [...]. Nessa época eu não sabia o que era carrinho de picolé, quando

descobri ... Sempre queria! Meu pai soletrava que ia comprar pizza para a janta, para eu não adivinhar. Eu, é claro, sempre soube o que era (Memorial de infância, 2017/4, p. 1).

Eu adorava brincar com minha mãe. [...] Eu brincava de elástico, de boneca, vivia correndo - e por isso, vivia ralada. Andava de bicicleta na rua e subia nas árvores, não parava quieta (Memorial de infância, 2017/4, p. 1).

[...] minha mãe fazia pedagogia [...]. Eu ia para a faculdade com ela, e nos debates em círculo, eu deitava no meio da sala de aula e fazia relógio. Eu tinha três anos na época (Memorial de infância, 2017/4, p. 2).

Às vezes, fazia meus pais passarem um pouco de vergonha. Eu ia para o campo com meu pai, ele gostava de jogar bola, e eu ficava no banco. Quando ele menos esperava, eu gritava para ele me levar no banheiro. Coitadinho... Certo dia, minha mãe foi comprar leite. A padaria não era longe, não dava meia quadra de casa. Eu me recusei a ir, disse que queria ficar assistindo desenho. Quando minha mãe voltou, eu já estava no meio da rua, chorando. Os vizinhos estavam todos em volta (Memorial de infância, 2017/4, p. 2).

Nesse período, minha mãe engravidou da [...] minha irmã. Nos ultrassons, eu subia na maca e ficava falando que eram dois nenéns. [...] Minha mãe não se formou, pois eu era muito pequena, e como a minha irmã nasceu, ficou complicado para ela estudar, e minha mãe desistiu (Memorial de infância, 2017/4, p. 2).

Quando minha irmã cresceu, brincávamos muito. Meu pai fez uma casinha de boneca para nós, e colocou em nosso quarto (Memorial de infância, 2017/4, p. 2).

- **Memorial de infância 2017/5**

Sou filha de pais separados que, para minha sorte, se dão muito bem (Memorial de infância, 2017/5, p. 1).

Meus pais dizem que eu não era tão quieta na infância (Memorial de infância, 2017/5, p. 2).

Se parar para pensar, foi mais ou menos nessa época que comecei a sofrer *bullying* na escola e na família. Na família porque com a prima que me coube ter eu nunca irei precisar de inimigos na vida. Se hoje estou tratando uma depressão é porque tudo começou ali (Memorial de infância, 2017/5, p. 1).

Hoje eu dou risada da situação, mas naquele momento eu me senti completamente humilhada, uma vez que minha autoestima já estava abalada (Memorial de infância, 2017/5, p. 2).

Devido a essas situações fiquei muito contente quando, com 6 anos de idade, no ano de 2002, me mudei para Florianópolis [...]. Foi ali que conheci o meu lugar no mundo (Memorial de infância, 2017/5, p. 2).

Essas são algumas das lembranças mais claras que tenho da minha vida hoje. Tive momentos bons, mas também tive momentos ruins. Sou grata por tudo, porque ao me analisar hoje, percebo que aprendi com o passar do tempo e com toda a certeza do mundo hoje eu sou uma pessoa muito melhor, feliz e realizada (Memorial de infância, 2017/5, p. 3).

A partir dessa profusão de memórias, infâncias recriadas nas histórias escritas pelas mulheres/acadêmicas, eu entrevejo uma multiplicidade de realidades, uma riqueza de experiências, as quais, mesmo se tratando de mulheres nascidas em um intervalo de duas décadas (1980-1990), em várias situações e fatos elas se aproximam. Obviamente, em outras elas se distanciam, porém, percebo que são costumes, comportamentos, formas de viver, de se relacionar, de ser cuidada, de ser educada que remetem a uma educação feminina.

As mulheres têm histórias (SCOTT, 1995), é inegável. São histórias de vida que trazem à tona tempos e espaços. Elas retrataram marcas individuais que adquiriram a partir das relações de dependência e interdependência, ou seja, de um “[...] contexto mais amplo, da história de toda a rede humana [...]” (ELIAS, 1994, p. 31), na qual viveram e cresceram.

Ressaltando, especificamente neste estudo, quando foi possibilitado às mulheres/acadêmicas do curso de Pedagogia da UFGD, que nasceram no estado de Mato Grosso do Sul, escrever os memoriais de infância (auto)biográficos, elas me inundaram com muitas histórias.

Em sendo assim, escrever os memoriais de infância constituiu-se de caminho para contornar o silêncio das mulheres acadêmicas. Além disso, ‘foi possível apreender acerca da educação feminina a partir da investigação da história de alunas da Pedagogia’. E, ainda, ‘foi permitido, por novos olhares e novos dizeres, que as mulheres fossem observadas e “estabelecidas” como protagonistas na/da História e, especialmente, da História da Educação’.

## 4.2 Infância na escola

*O dia em que descobri que eu ia estudar foi mágico para mim, minha mãe chegou fazendo mistério falando que tinha uma surpresa as primeiras opções foram chocolates, doces, mas quando a resposta surgiu e ela me informou que havia acabado de fazer minha matrícula no pré-escolar, acredito que até os vizinhos escutaram os gritos de felicidade.*

Memorial de infância, 2016/2, p. 5.

O gosto, a alegria, a felicidade e a magia demonstrados no excerto trazido na epígrafe desta subseção, em muito retrata a maioria das histórias recriadas pelas mulheres/acadêmicas acerca das suas experiências e vivências com/na escola.

Cabe ressaltar, inclusive, que uma grande parte dos textos dos memoriais de infância (auto)biográficos é dedicada a relatar a vida escolar delas. Quase todas se dedicaram a escrever sobre cada uma das séries e/ou anos<sup>40</sup> que cursaram, assinalando histórias das aulas, das professoras, de colegas, e também contando de mudanças de escolas e as repercussões e transformações em suas vidas, a partir do momento em que passaram a vivenciar essa experiência social fora da família.

Como a maioria desses registros são dedicados às escritas sobre o Ensino Fundamental<sup>41</sup>, eu não digitei estas histórias e nem as descreverei aqui. Obviamente que elas contemplam as memórias de infância, haja vista que esta [a infância] está definida em nosso país entre as idades de 0 a 12 anos (BRASIL, 1990). Porém, como ressaltei anteriormente, este trabalho tem como foco as experiências e vivências na educação infantil.

Retornando à exultação, contentamento e satisfação demonstrados pela acadêmica quando a mãe conta da surpresa de tê-la matriculado na escola, torna-se imprescindível aludir à caminhada das mulheres para conquistarem o direito de estudar e, a partir daí, construírem uma trajetória profissional, pois esta é uma história que muito interessa e precisa compor este texto, enriquecendo-o com seus matizes.

---

<sup>40</sup> Em relação às diferentes nomenclaturas vale a observação sobre as mudanças empreendidas na educação a partir de diferentes leis, as quais determinam a estrutura da educação em nosso país.

<sup>41</sup> No Brasil, atualmente, esta etapa da Educação Básica vai do 1º ao 9º ano, sendo os primeiros 5 anos correspondentes às idades da infância - 6 aos 12 anos (BRASIL, 2006).

A respeito da entrada das brasileiras à educação escolar, no capítulo intitulado *Mulheres educadas e a educação de mulheres*, a professora Fúlvia Rosemberg escreve sobre o seu “longo e acidentado percurso”. Assim ela relata a história:

Longo foi o processo para a permissão legal do acesso geral e irrestrito das brasileiras à educação escolar. Autorizada em 1827 pela Lei Geral do Ensino de 5 de outubro, mas restrita apenas às escolas femininas de primeiras letras, a educação das mulheres só conseguiu romper as últimas barreiras legais em 1971 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que atribuiu equivalência entre os cursos secundários. A partir de então, o curso normal secundário, ramo intensamente frequentado pelas mulheres desde o final do século XIX, não mais foi discriminado por ser ‘apenas’ um curso profissionalizante, mas passou a possibilitar, também, o acesso ao ensino superior. A partir de então, as inúmeras normalistas poderiam ingressar na academia. E foi o que fizeram (ROSEMBERG, 2012, p. 334).

Pelos escritos da autora percebe-se o longo período percorrido até as mulheres conseguirem, enfim, romper barreiras e poderem adentrar às salas de aula. Nesse contexto, observo, assim que foi legalizado o acesso pela LDB/1971, elas se valeram da possibilidade e oportunidade e buscaram os seus direitos. Mesmo porque, como sinaliza Louro (2011b, p. 443-444), esse momento se traduziu como o espaço inicial para muitas conquistas, visto que “o discurso sobre a importância da educação na modernização do país era recorrente. As críticas ao abandono educacional em que se encontrava a maioria das províncias estavam presentes nos debates do Parlamento, dos jornais e até mesmo dos saraus”.

E, retomando com Rosemberg (2012), importante acrescentar como a perspectiva de estudos para as mulheres se encontrava recheada de diferentes, e perversas, justificativas que careciam ser revistas e (re)construídas.

Várias amarras à educação formal e pública das mulheres foram sendo rompidas no transcorrer desse acidentado percurso: a segregação sexual das escolas, interditando a educação mista; o ideário de que a educação de meninas e moças deveria ser mais restrita que a dos meninos e rapazes em decorrência de sua saúde frágil, sua inteligência limitada e voltada para a sua ‘missão’ de mãe; o impedimento à continuidade dos estudos secundário e superior para as jovens brasileiras (ROSEMBERG, 2012, p. 334, grifos da autora).

Por esse ângulo, caminhando um pouco mais, é significativo observar como a história das mulheres no magistério se deu junto aos processos sociais, no final do século XIX em nosso país, com a industrialização, quando os homens foram em busca de novas oportunidades para trabalhar. Em muitos casos, esse movimento aconteceu visando ganhos maiores e, obviamente, como pondera Louro (2011b, p. 443), “é bem verdade que os homens e grupos sociais continuavam garantindo suas posições estratégicas nos jogos de poder da sociedade”.

Dessa forma, torna-se imprescindível refletir, pode ser que as mulheres tenham visto aí uma possibilidade de sair do espaço privado e começar e ampliar a sua trajetória no espaço público. Haja vista, muitos diziam ser a sala de aula o lugar propício às mulheres, pois exercer o magistério era considerado próprio para elas, já que sabiam como cuidar dos filhos. Logo se vislumbrou, poderia não haver diferença em cuidar e educar as crianças na sala de aula, afinal, as mulheres frágeis, meigas e doces, reuniam características fundamentais para o trato com as com crianças pequenas.

Novamente em Louro (2011b), interessante adentrar às nuances dessa história, pois começou a surgir uma série de explicações, fundamentações e porquês objetivando defender a entrada das mulheres para o magistério. A autora assim discorre sobre tais argumentos:

[...] as mulheres tinham ‘por natureza’, uma inclinação para o trato com crianças, que se elas eram as primeiras e ‘naturais educadoras’, portanto nada mais adequado do que lhes confiar a educação escolar dos pequenos. Se o destino primordial da mulher era a maternidade, bastaria pensar que o magistério representava, de certa forma, ‘a extensão da maternidade’, cada aluno ou aluna vistos como um filho ou uma filha ‘espírita’. O argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorreriam aquelas que tivessem ‘vocaçãõ’ (LOURO, 2011b, p. 450, grifos da autora).

Mas nem todos aceitavam esses argumentos e, muito menos se convenciam e apoiavam a iniciativa. Muitos iam contra e a entrada da mulher no magistério, alegando os perigos que se apresentavam em decisão de tal envergadura. Sendo assim, para complementar, trago novamente Louro (2011b, p. 449-450, grifos da autora), para quem,

A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão *natural*, era alvo de discussões, disputas e polêmicas. Para alguns parecia uma completa insensatez entregar às mulheres usualmente despreparadas, portadoras de cérebros ‘pouco desenvolvidos’ pelo seu ‘desuso’ a educação das crianças. Um dos defensores dessa ideia, Tito Livio de Castro, afirmava que havia uma aproximação notável entre a psicologia feminina e a infantil e, embora essa semelhança pudesse sugerir uma ‘natural’ indicação da mulher para o ensino das crianças, na verdade representava ‘um mal, um perigo, uma irreflexão desastrosa’. Na sua argumentação, mulheres e clero viviam voltados para o passado e, portanto, não poderiam ‘preparar organismos que se devem mover no presente e futuro’.

São evidentes, e desconcertantes, as alegações para a não aceitação da mulher como docente, um ser visto como inferior, com a inteligência limitada, alguém que não teria aptidão e muito menos visão para preparar alguém para o futuro.

Todavia, importante se atentar para os motivos aí cravados, pois à vista de uma profissional que poderia se estabelecer, torna-se conveniente ao *establishment* garantir a distribuição de poder (ELIAS, 1995). Daí entender os arazoados visando “[...] o que viria futuramente para lhes dificultar a discussão de questões ligadas a salário, carreira, condições de trabalho etc.” (LOURO, 2011b, p. 450).

Por esse enquadramento da história, importa destacar, mais uma vez, as justificativas para a educação da mulher, quando ainda nesse início do terceiro milênio se ouve que vale investir na formação delas porque “[...] mulheres educadas são melhores mães” (ROSEMBERG, 2012, p. 338).

Feitas estas considerações, passo a descrever as histórias escritas sobre as relações estabelecidas nessa figuração, colocando em evidência os registros sobre a entrada na escola, a professora, os colegas, os aprendizados, *bullyings* e expectativas de futuro, conforme apresentado no Quadro 19, quando decidi me dedicar a pensar as redes de interdependência que se formam na escola, os costumes, os comportamentos e os poderes que permeiam as relações ali constituídas.

- **Memorial 2013/2**

[...] comecei a estudar cedo, tinha meus seis anos, não sabia ler e escrever, e pra completar ainda entrei no meio do ano letivo, nunca vou esquecer do meu primeiro dia de aula [...] (Memorial de infância, 2013/2, p. 3).

[...] não era muito fã de brincar de boneca, era mais de brincar de “escolinha”, secretária, de empresária (vendia roupas), tanto é que meu pai sempre quis montar uma “barraquinha” em frente de casa para eu vender “bugiganga” [...] (Memorial de infância, 2017/5, p. 4).

- **Memorial de infância 2013/3**

Com 6 anos de idade fui para a escola. O meu primeiro dia na escola [...] foi para mim grande motivo de ansiedade, pois já tinha meu material, minha mochila e lancheira e não via a hora de chegar na escola. Porém, quando cheguei para entrar na sala, tinha uma garotinha chorando aos prantos, segurando firmemente na porta e implorando pra sua mãe não a deixar ali. Daí eu cheguei nela e disse: ‘Vamos entrar e brincar?’ (Memorial de infância, 2013/3, p. 3).

Foi nesse ano que **minha mãe voltou a trabalhar, ela também é professora**, e ela ia junto comigo para a escola (Memorial de infância, 2013/3, p. 4, grifos meus).

- **Memorial de infância 2013/4**

[...] aos 5 anos fui para o Pré-Escolar [...] eu e meu irmão estudávamos na mesma escola [...] os primeiros meses foram muito difíceis pois não gostava de ir, sempre que me deixavam lá ficava com medo e me sentia sozinha e quando meus pais se despediam na porta da sala ficava chorando e com distração da professora saia correndo atrás deles pra não me deixarem lá. Na hora do recreio eu e meu irmão ficávamos juntos para dividir o lanche, todos ficavam achando lindo isso que fazíamos ele cuidava muito de mim [...] (Memorial de infância, 2013/4, p. 5).

Na primeira série mudei de escola [...] e não me lembro de muito dessa época. Mudei de cidade fui morar no sítio dos meus avós, pois meu avó estava doente [...]. Fui estudar na escola da vila [...] pegava transporte escolar e ia para a escola cedinho, foram os melhores anos da minha vida, pois estudava e podia voltar para o sítio e brincar muito, foi à fase mais gostosa [...] (Memorial de infância, 2013/4, p. 6).

- **Memorial de infância 2014/1**

Quando tinha por volta de 4 anos de idade, minha mãe conseguiu um emprego em uma escola, creche não me lembro bem, ela iria trabalhar como cozinheira [...] como minha mãe não tinha com quem me deixar ela me levava junto com ela, e eu ficava junto com as outras crianças, era uma espécie de barracão de madeira, onde as crianças de várias idades ficavam juntas, lembro que todas as minhas amigas e vizinhas do bairro iam para aquele local, me lembro só de brincar [...] (Memorial de infância, 2014/1, p. 1).

Quando completei sete anos fui pela primeira vez para a escola (Memorial de infância, 2014/1, p. 3).

Sempre fui muito boa aluna, minha mãe nunca precisou me mandar fazer tarefa, **ela não se importava muito com a escola**, e meu pai dizia que ele não tinha estudo, para que ele dar estudo para ‘praga de filho’, eu me virava sozinha [...] (Memorial de infância, 2014/1, p. 3-4, grifos meus).

- **Memorial de infância 2014/2**

Eu também ia de vez em quando passar os fins de semana na casa de uma tia, **minhas primas brincavam muito de escolinha comigo** [...]. Eram muito bons esses finais de semana, eu esperava ansiosa pra que eles chegassem logo e ficava triste quando minha mãe não me deixava ir (Memorial de infância, 2014/2, p. 1).

Eu não fiz pré-escola, mas minha irmã mais velha comprou um caderno e me ensinava [...]. Então como fui direto pro 1º ano não tive muita dificuldade quando fui pra escola (Memorial de infância, 2014/2, p. 1).

- **Memorial de infância 2014/3**

[...] não cursei o pré-escolar, entrei direto na primeira série, não tive nenhuma dificuldade, pelo contrário, com três meses eu já sabia ler e escrever adorava estudar, tirava boas notas, era uma aluna aplicada, sempre tive bom relacionamento escolar, tanto com professores, quanto com os coleguinhas [...] anos inesquecíveis [...]. Saudades (Memorial de infância, 2014/3, p. 4).

Na hora do recreio era a maior correria, brincávamos de amarelinha, eu já tinha até minha pedra da sorte que levava na mochila, com ela eu nunca perdia (Memorial de infância, 2014/3, p. 5).

- **Memorial de infância 2014/4**

Com cinco anos fui para a escola fazer o Pré. Na minha educação infantil tive momentos bons e momentos ruins, **tive professoras sem um mínimo de competência e de respeito** [...]. Esta escolinha que fiz o Pré era uma escola bem humilde, estudava somente filhos dos moradores daquele bairro (Memorial de infância, 2014/4, p. 3, grifos meus).

- **Memorial de infância 2014/5**

Meu primeiro contato com a escola foi com três anos, quando fui para o CEIM, aonde minha mãe trabalhava, adorava chegar junto com ela,

mas na hora da despedida sempre chorava, principalmente quando a via nos corredores (Memorial de infância, 2014/5, p. 1).

Já com meus quatro anos, fui para outra sala, **não gostava muito não, a professora [...] gritava na sala**, e colocava sem motivos certos as crianças para pensar, não realizava muitas atividades, sempre as mesmas coisas, e os mesmos brinquedos e, não costumava sair para fora da sala, aonde poderíamos brincar no pátio, ou na grama e até mesmo no parque aonde eu mais gostava de ir (Memorial de infância, 2014/5, p. 1, grifos meus).

Na escola o momento mais triste foi quando na **quinta série**, comecei a sofrer **bullying**, um dos alunos da minha sala começou a me chamar de Ronaldinho Gaúcho, porque tinha o cabelo enrolado, tinha o dente para frente e era negra, isso me incomodava porque não gostava de ser chamada assim, mesmo porque não era menino e sim menina (Memorial de infância, 2014/5, p. 5, grifos meus).

- **Memorial de infância 2016/1**

[...] com 5 anos fui para a escola lá no sítio mesmo, entrei na primeira série, acho que nem dormi um dia antes da aula pois era tudo que eu queria, mas nos primeiros dias me assustei **o diretor da escola esperava os alunos com uma borracha na mão** (era uma câmara de pneu de bicicleta) e **batia nas crianças** que não se acertavam na fila para cantar o hino nacional e orar o Pai Nosso, mas mesmo assim me sentia feliz por estar na escola (Memorial de infância, 2016/1, p. 3, grifos meus).

Por causa do irmão [...] fomos para uma escola da cidade, tínhamos que acordar às 5 horas da manhã para esperar o ônibus [...]. Chegávamos em casa por volta de 13 horas da tarde pois o ônibus demorava muito era extremamente cansativo, na parte da tarde tínhamos que fazer os serviços de casa e de tardezinha tratar dos bichos [...] (Memorial de infância, 2016/1, p. 3).

- **Memorial de infância 2016/2**

A minha irmã tinha dois anos e eu tinha seis, minha mãe a levou no meu primeiro dia de aula, tiramos fotos juntas [...] (Memorial de infância, 2016/2, p. 5).

Por mais que tivesse amigos, eu lembro com uma perspectiva triste o **ensino fundamental**, principalmente pela quantidade de **bullying** que sofri na escola, por meus amigos e colegas os mesmos me chamavam de cachopa de abelha (por causa dos cachos), baleia, monstra, criavam musiquinhas preconceituosas, rabiscavam os meus cadernos. Eu percebo que em razão disso não tenho muitas lembranças em grupo na escola, desde então busquei fazer as coisas sozinha, não fazia trabalhos em grupos e se fazia o único contato era por meio da escola, pois meus colegas não me chamavam para ir em suas casas [...] (Memorial de infância, 2016/2, p. 7, grifos meus).

**O dia a dia da escola não era tão mágico** assim eu sofria muito com os comentários dos meus coleguinhas, com o tempo não queria mais ir à escola, comecei a ter dificuldades em falar em grupo, e a interagir por um longo tempo com a turma (Memorial de infância, 2016/2, p. 7, grifos meus).

- **Memorial de infância 2016/3**

Depois só me lembro da escola, pois foi onde passei a maior parte do tempo me recordo quando começavam as aulas aqueles materiais novinhos mochila nova como eu gostava de arrumar meus materiais e ficar vendo e cheirando não via a hora de começar as aulas [...] (Memorial de infância, 2016/3, p. 1-2).

Eu estudava à tarde e de manhã ficava com minha avó (Memorial de infância, 2016/3, p 2)

Depois da escola trocava de roupa e ia brincar lá fora com os coleguinhas e primos que moravam ali perto, que tempo bom, pena que não volta mais, as brincadeiras eram de esconde-esconde, pega-pega, barata no ar, casinha, bonecas, tomava banho de piscina, mamãe eu posso e **o principal sempre brincava de escolinha e eu era sempre a professora** [...] (Memorial de infância, 2016/3, p 2, grifos meus).

- **Memorial de infância 2016/4**

Com sete anos enfim, entrei na escola, direto para a primeira série, não fiz a pré-escola, me lembro do meu primeiro dia de aula, meu pai me levou na escola, ficou comigo até a apresentação dos alunos [...] (Memorial de infância, 2016/4, p. 4).

[...] lembro como se fosse hoje, nós sempre fazíamos fila para ir para o salão, uma de meninos e outra de meninas, na das meninas era sempre a mesma menina que ia na frente, um dia eu pedi para a professora [...] para ir na frente e ela deixou, nossa aquilo foi terrível **na época, todas as meninas ficaram bravas comigo**, só porque eu pedi pra ir na frente, no dia eu **fiquei triste**, mas depois passou. Em casa meus pais cuidaram de mim para que eu recuperasse logo (Memorial de infância, 2016/4, p. 4, grifos meus).

- **Memorial de infância 2016/5**

**Desde muito pequena sempre gostei de brincar com cadernos e dizer que iria para a escolinha, fazendo a minha mãe de minha aluna.** Por ter muita vontade de frequentar uma escola fui matriculada [...] no meio do ano no Pré I com três anos e meio, lembro que minha sala era muito colorida e divertida [...] (Memorial de infância, 2016/5, p. 2, grifos meus).

Sempre fui uma aluna muito elogiada pelos professores e diziam que eu era uma ótima aluna, um único problema que acontecia era que eu tinha preguiça de ler e minha mãe dizia que era importante ler porque eu sempre era elogiada pela organização e capricho na escola, então passei a compreender que era importante a leitura (Memorial de infância, 2016/5, p. 2).

- **Memorial de infância 2017/1**

Eu estudava em uma escola bem rígida, governada por freiras, acordávamos muito cedo com o sol raiando pra pegar o ônibus, íamos todos amontoados, mas o importante era ir à escola, era lá que tudo acontecia, encontrávamos os amigos, que de tão longe só nos víamos na escola [...] (Memorial de infância, 2017/1, p. 1).

[...] no intervalo havia brincadeiras de roda, pique-esconde, amarelinha e pular elástico, nossa como nos divertíamos, e não precisávamos de celulares ou computadores [...] (Memorial de infância, 2017/1, p. 1).

No final da manhã retornávamos cansados, mas a tempo para assistir ao programa do ‘Chaves’ e comer aquele almoço [...] (Memorial de infância, 2017/1, p. 1).

- **Memorial de infância 2017/2**

Sempre gostei de ir para escola a primeira que eu estudei foi [...] onde fiz o pré tinha um grupinho e sentávamos juntas e não só na sala, mas no recreio fazíamos piqueniques e brincávamos de casinha [...] (Memorial de infância, 2017/2, p. 2).

Foi nessa época que conheci uma das pessoas que tenho como admiração **minha professora** ela era muito engraçada e cada aula era uma emoção [...] ela nos levou para fazer passeios e também às vezes nos dava aulas fora da sala no gramado da escola ela foi minha professora da 1ª a 5ª série [...] **foi ela que me inspirou a fazer pedagogia espero ser uma professora como ela e marcar a infância de uma criança com lembranças como a minha foi na escola** (Memorial de infância, 2017/2, p. 2, grifos meus).

- **Memorial de infância 2017/3**

Comecei a frequentar a escola [...] com apenas três anos [...] na época o ensino era em tempo integral entrava cedo e só saía de tarde, permaneci no mesmo colégio até o fundamental, acho que para todos a escola faz **o papel de uma segunda casa, pois é onde mais permanecemos depois do nosso lar** (Memorial de infância, 2017/3, p. 2, grifos meus).

[...] na minha sala tinha um **menino indígena** e coisas que eu já havia aprendido ele ainda tinha dificuldades, **ela [a professora] me**

**colocava junto a ele para auxiliá-lo**, desde então eu sempre me voluntariei a ir à escola em outros períodos ajudar aqueles que tinham dificuldades com reforço, **acho que vem daí a escolha pelo curso de Pedagogia, pois desde pequena quis ser professora** (Memorial de infância, 2017/3, p. 2).

Meu pai sempre valorizou muito os nossos estudos [...] sempre tivemos um bom desempenho na escola, acredito que por termos apoio e incentivo [...] quem me ajudava nas tarefas da escola eram meus irmãos mais velhos, pois por mais incentivo que meus pais nos davam para o estudo, os mesmos não tiveram oportunidade de estudar e tinham pouco conhecimento [...] podem ser enquadrados apenas como alfabetizados (Memorial de infância, 2017/3, p. 3).

- **Memorial de infância 2017/4**

Fui ficando maior e com muita vontade de estudar. Depois de tanto insistir comecei a estudar na escolinha [...]. Depois do primeiro dia, eu disse para a minha mãe que queria ir logo para a faculdade, pois não queria fazer as atividades tão fáceis. Pensando nisso, minha mãe resolveu me dar uma coleção de clássicos adaptados para crianças. Toda noite, ela lia uma história para mim, e eu ficava encantada com aqueles contos maravilhosos. Comecei a me apaixonar cada vez mais por livros (Memorial de infância, 2017/4, p. 2-3).

- **Memorial de infância 2017/5**

Lembro-me vagamente de uma pré-escola que frequentei e lembro-me também que era apaixonada por ela. [...] Mas sempre que penso nela ou me imagino, eu sinto uma sensação de conforto, quase paz (Memorial de infância, 2017/5, p. 1).

Lembro-me também da **primeira professora** que admirei na vida [...]. Eu sentia uma paixão inexplicável por ela! Eu sempre queria fazer de tudo para agradá-la, desde desenhos até presentes. **Digo para todos que se hoje estou aqui, cursando Pedagogia, é porque ela foi o meu primeiro exemplo** (Memorial de infância, 2017/5, p. 1, grifos meus).

Não me lembro da segunda série, mas lembro de uma amiga que fiz lá [...]. Ela era mestiça e quietinha, e creio que por isso nos dávamos tão bem (Memorial de infância, 2017/5, p. 1).

Se parar para pensar, foi mais ou menos nessa época que comecei a sofrer *bullying* na escola e na família (Memorial de infância, 2017/5, p. 1).

Hoje eu dou risada da situação, mas naquele momento eu me senti completamente humilhada, uma vez que minha autoestima já estava abalada (Memorial de infância, 2017/5, p. 2).

Obviamente, da mesma forma como realcei ao final da subseção *Infância na família*, as mulheres/acadêmicas ao escreverem seus memoriais de infância também contaram diversas histórias das suas relações com/na escola, quando nos inundaram com pormenores, riquezas e singularidades.

Optei por grifar os excertos, objetivando chamar atenção para alguns aspectos registrados nas histórias, pois é muito interessante observar como as escritoras vão circunstanciando suas vidas, suas vontades, desejos e sonhos. E como, a partir dessas construções, elas vão apresentando as pessoas com as quais estiveram ligadas, ou seja, trazem as redes de interdependência as quais constituíram e foram constituídas.

E, obviamente, nesse turbilhão de memórias vão aparecendo as decepções, as tristezas e as dores vivenciadas naquela figuração. Nesse sentido, vale repetir o registro de uma delas, para quem a escola tem “[...] o papel de uma segunda casa, pois é onde mais permanecemos depois do nosso lar” (Memorial de infância, 2017/3, p. 2).

Cabe realçar, ainda, como muitas delas se reportam às professoras como modelo, exemplo a serem seguidos, ou não. Algumas vão além, inclusive indicando possíveis relações dessas experiências com suas escolhas pelo curso de Pedagogia.

Daí importante reportar novamente às minhas indagações para esta pesquisa, quando me perguntei ‘até que ponto, saber das figurações constituídas na infância poderiam me ajudar a entender os meandros da escolha pela profissão de pedagoga?’.

Acredito que possibilitar escrever os memoriais de infância em um contexto de estudos, no qual elas estavam cursando disciplinas relativas à infância e Educação Infantil, pode ter mobilizado reflexões importantes para pensar quais vivências e experiências estiveram envolvidas no caminho para a escolha do curso. E, mais significativo do que precisar e determinar uma escolha, é pensar nas repercussões que este rememorar poderá ter nas suas vidas e repercutir em suas atuações profissionais no futuro.

### 4.3 Infância feminina e infância masculina

*Minha infância começou logo após o meu nascimento, minha mãe tinha o sonho de ter uma filha com muita saúde e perfeita, enquanto meu pai se preocupava apenas com o sexo, seu sonho era ter um filho homem [...].*

Memorial de infância, 2013/1, p. 2.

Ao escrever acerca de uma infância feminina e uma infância masculina é preciso assinalar, primeiramente, minha compreensão de que existem diferenças históricas, sociais e culturais em relação às crianças, sendo elas meninas ou meninos. As memórias de infância recriadas pela acadêmica, cujo excerto pode ser lido na epígrafe desta subseção, em certo sentido, retrata essa realidade.

No sonho do pai em ter um filho homem podem estar incrustadas uma série de construções, que em uma perspectiva de longa duração do/no processo civilizador eu assinalo como um “[...] desigual equilíbrio de poder entre los sexos representado por un código social [...]”<sup>42</sup> (ELIAS, 1998a, p. 202), que vem se constituindo por entre as teias que formam as diferentes figurações sociais.

Daí ser importante retomar os estudos de gênero e registrar o termo conceituado por Guacira Lopes Louro no artigo intitulado “Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade”, quando a estudiosa da temática assim escreve:

[...] o conceito de gênero surgiu pela necessidade de acentuar o caráter eminentemente social das diferenças percebidas entre os sexos. Apontava para a impossibilidade de se ancorar no sexo (tomado de modo estreito como características físicas ou biológicas dos corpos) as diferenças e desigualdades que as mulheres experimentavam em relação aos homens. O conceito levava a afirmar que tornar-se feminina supõe uma construção, uma fabricação ou um aprendizado que acontece no âmbito da cultura, com especificidade de cada cultura. Portanto, as marcas da feminilidade são sempre diferentes de uma cultura para outra; essas marcas se transformam, são provisórias. Inscrevê-las num corpo supõe, também, lidar com as marcas distintivas do seu outro, a masculinidade. Percebe-se, então, que ao falar de gênero estamos nos referindo a feminilidades e a masculinidades (sempre no plural) (LOURO, 2011a, p. 63-64).

---

<sup>42</sup> “[...] desigual equilíbrio de poder entre os sexos representado por um código social [...]”.

Por esse enquadramento, apreendo que o conceito de gênero surge para possibilitar e ampliar o espectro das análises de relações interindivíduos e intraindivíduos, constituídas por diferenças que foram se permutando e transformando-se em desigualdades.

Como vem sendo evidenciado e problematizado nestes *Tempos de escritas*, a ideia que se construiu e que ainda é comumente repassada de geração em geração, é de que a mulher é um ser inferior, menor, submisso, o sexo frágil, menos inteligente e, por isso, dependente. Em suas relações constituídas na família, ela é tida como subordinada aos mandos do pai e/ou irmãos, a quem deve obediência.

Quando vai para a escola, naquela figuração muitas vezes é tratada como menos capacitada e, em muitas áreas de estudo, como incapaz de aprender e se desenvolver. Acerca disso, vale trazer citações da entrevista de Marcia Cristina Bernardes Barbosa, que tem graduação, mestrado e doutorado em física, é professora pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e recebeu o Prêmio Anísio Teixeira da Capes, por seu trabalho junto à pós-graduação.

A primeira vez que me percebi mulher foi no primeiro dia de aula. Éramos quatro meninas em uma sala com quarenta alunos. Eu fui a única a me formar. [...] eu sempre me questionava se aquilo era para mim. Era o ‘complexo de impostora’ em ação. Sobrevivi. [...] Desde a primeira infância, devemos oportunizar às meninas e meninos brinquedos iguais. As meninas precisam ser expostas à aventura de construir equipamentos, do espaço, do desenvolvimento tecnológico. Isso cabe a nós, família e professores (BARBOSA, 2016, p. 4-5, grifos do original).

Prosseguindo, importante tratar daquele que é por muitos considerado o destino natural já traçado para todas as mulheres, isto é, se casar, aceitar a condição de submissão ao marido, ter filhos e, assim, assumir a sua essência de mãe, que trabalha no lar, cuidando do esposo e das/os filhas/os.

Nessa perspectiva, retornando em Elias (1998a), registro que desde os primórdios o homem aparece como ser superior, é o homem quem vai para a guerra, faz uso da força, ele quem comanda, dá as ordens, e a mulher fica nos bastidores, em segundo plano, como se não fosse parte da história e nem tivesse uma história.

No entanto, diferentemente disso, a história tem evidenciado que elas [as mulheres] foram transformando as relações e impondo seu peso no equilíbrio do pêndulo na “balança de poder”. Sendo assim, vale somar à discussão as considerações

de Sarat e Campos (2017), que no texto *Memórias da infância e da educação: abordagens eliasianas sobre as mulheres*, apoiadas em Elias (1993) escrevem que:

[...] no curso dos processos civilizadores a presença feminina, que se mostra de maneira concreta nas relações de procriação e de continuidade geracional (mulheres davam à luz literalmente em uma sociedade de guerreiros medievais), indica o lugar das mulheres como as responsáveis por transformações sociais que começam nos espaços privados e direcionam para outras esferas das relações entre os sexos (SARAT; CAMPOS, 2017, p. 1265).

Por esse ângulo, importante acrescentar, há indícios de mudanças nas sociedades e, obviamente, como assinala Honorato (2011, p. 18), “[...] os comportamentos dos indivíduos também podem ser alterados em interdependência com as transformações da sociedade”. Ou seja, como já pontuado outras vezes, sociedade e indivíduos vivem um processo social e são, concomitantemente, produtores desse processo (ELIAS, 1994).

Em vista disso passo a descrever as histórias relatadas nos memoriais de infância, pelas mulheres/acadêmicas, privilegiando nesse momento os recortes que eu entendi como indicados para contribuir com as discussões propostas para esta subseção quer seja, *Infância feminina e infância masculina*.

- **Memorial de infância 2013/1**

Minha mãe chorava muito e pedia pra Deus pôr no coração de meu pai amor e paciência, afinal ninguém tinha culpa de ter nascido uma menina (Memorial de infância, 2013/1, p. 2).

Minha mãe e minha tia trabalhavam, e todos nós estudávamos na parte da manhã, a tarde era aquela festa, ficávamos sozinhos eu tinha como responsabilidade cuidar dos outros cinco, mas era impossível, também era uma criança com apenas dez ou onze anos, queria brincar, só não deixava me matarem nem se matarem. Eu servia o almoço para todos, arrumava a casa, lavava a louça suja, e cuidava do quintal, tinha o dever de ensinar minhas irmãs os deveres da escola, minha mãe e meu pai sempre me dizia: Você é o espelho das mais pequenas, se cuide e não terá problema algum (Memorial de infância, 2013/1, p. 7).

Não podíamos ter coleguinhas e de forma alguma levá-los para casa, meu pai não admitia, sempre falava que amizade era e existia apenas entre nós três [as irmãs] o nosso caminho era traçado de casa para a escola, e da escola para casa. Meninos então em hipótese alguma, não podíamos nem olhar para um (Memorial de infância, 2013/1, p. 7, acréscimo meu).

Meus avós saiam para trabalhar no período da tarde, o qual ficávamos sozinhos, “COM TIOS ACIMA DE 14 ANOS” que tinham a responsabilidade de cuidar de uma menina de 6 anos. [...] Eles

começaram abusar da minha infância [...] me ameaçavam, caso contasse algo eu podia apanhar deles, tinha muito medo, era muito pequena, fui sendo torturada fisicamente e psicologicamente, até que aquele maldito ano acabou, e com ele as torturas também, mas ficaram e estão hoje em minha memória, nunca adormeceram, estão ativas para que eu possa prestar atenção em todos que rodeia minha pequena filha (Memorial de infância, 2013/1, p.6, grifos do original).

- **Memorial de infância 2013/3**

[...] como sempre fui muito tímida, não era de sair de casa, brincar era raro pra mim [...]. Existe em toda essa história de infância, um lado obscuro na minha infância, são problemas familiares e esses eu prefiro não contar (Memorial de infância, 2013/2, p. 5).

Lembro que ela [a mãe] sempre fazia bolo, pão, pé-de-moleque, e eu sempre estava na cozinha ajudando ela, e eu gostava quando ela fazia pão pequeno e me pedia para pôr na forma de assar e eu comia a massa crua (Memorial de infância, 2013/3, p. 5, acréscimo meu).

Em nossa casa minha mãe sempre nos deu tarefas para a organização da casa e eu sempre lavava a louça, varria o chão, e meu irmão ficava de lavar a louça da janta, mas ele sempre bancava o espertinho e ia dormir, não fazia o serviço dele (Memorial de infância, 2013/3, p. 6). Já com essa idade [11 anos] eu praticamente tomava conta de casa, lavava, limpava a casa para minha mãe, visto que ela sempre trabalhou fora, e ela fazia a comida e nós duas juntas pegávamos firme na faxina do sábado (Memorial de infância, 2013/3, p. 8, acréscimo meu).

- **Memorial de infância 2013/5**

Tive muitos momentos ruins na minha infância, tive solidão, tive muitas tristezas, na família. Vivi momentos de desavença em casa, e momentos de repreensão. Não fui muito apegada a minha mãe, era mais ao meu pai. Mas com o tempo talvez pelo ciúme me sentisse sufocada com excesso de cuidados e vigilância da minha vida, fui perdendo esse apego com ele. Talvez por ser filha mulher, mas eu acabei ficando sem meu espaço, ou privacidade, e isso me fez se afastar dos meus pais na infância e até hoje, tudo que eu precisava contar era com minha tia e amigas de escola (Memorial de infância, 2013/5, p. 6).

- **Memorial de infância 2014/1**

[...] comecei a entender melhor o sofrimento da minha mãe, trabalhava muito e ganhava pouco, mal dava para comermos [...] mas o que valeu a pena é saber que minha mãe nunca me abandonou [...] a infância prefiro mesmo esquecer, e entendo por que atualmente se luta tanto para se defender o direito da criança de viver a infância (Memorial de infância, 2014/1, p. 7).

- **Memorial de infância 2014/2**

Meu pai abandonou a minha mãe grávida de oito meses do meu irmão caçula, eu devia ter mais ou menos uns dois anos e nove meses, ela lutou muito para nos criar, mas conseguiu vencer e dar uma boa educação a todos nós (Memorial de infância, 2014/2, p. 1).

[...] sempre passamos dificuldade financeira, mas minha mãe nunca deixou que nos faltasse comida e o principal, amor e atenção. Nunca tivemos brinquedos ou bonecas da moda, mas éramos felizes com o que tínhamos que era principalmente um ao outro e a imaginação para inventar algo pra fazer (Memorial de infância, 2014/2, p. 5).

- **Memorial de infância 2014/3**

[...] finalmente minha mãe resolver operar para não ter mais filhos, desistiu de tentar ter um filho homem, que era o sonho do meu pai. Até quem fim, pois eu não gostava de ter muitas irmãs, era acostumada a ser sozinha, gostava de ficar sozinha, era egoísta, não estava acostumada a dividir minhas coisas, meu quarto, foi difícil me acostumar com aquele tumulto de criança, ainda mais que a partir de agora eu precisava me virar sozinha, e o pior, ajudar minha mãe a cuidar da casa e das outras irmãs (Memorial de infância, 2014/3, p. 3).

Do nascimento da [...] irmã mais nova me lembro muito bem [...] na época eu tinha oito anos e uma responsabilidade muito grande nas costas, minha mãe operada, minhas irmãs todas pequenininhas e meu pai como era motorista, viajava muito [...], e como eu era a mais velha, precisava ajudar minha mãe com os serviços da casa e a cuidar das minhas irmãs, era uma vida difícil, não tínhamos conforto, era uma casa de madeira, com piso de vermelhão, água do poço, tínhamos que puxar de manivela, no balde, não tinha chuveiro, tomando banho na bacia (Memorial de infância, 2014/3, p. 4).

- **Memorial de infância 2014/4**

[...] minha mãe não tinha muito tempo para mim, pois com duas crianças pequenas ficava difícil, então ela me criou meio independente [...]. Aprendi a fazer os trabalhos domésticos com seis anos (Memorial de infância, 2014/4, p. 2).

A partir dos meus quatro anos já consigo ter algumas recordações, como meu sonho de ter uma bicicleta, de ir à escola, foi um período muito bom de viver, ser criança é uma delícia, vivi intensamente minha fase de infância. Mas tive uma infância diferente das que vejo hoje, eu tinha responsabilidades [...] (Memorial de infância, 2014/4, p. 2-3).

Para finalizar minha história de infância deixei para o final algo que para mim é muito triste e que me deixa magoada ao lembrar. Eu nunca falo a respeito disso para ninguém, somente falei para meus pais na época em que tudo ocorreu. Quando tinha oito anos, meu tio

irmão do meu pai veio me acariciar. [...] quando minha mãe chegou, contei para ela o que tinha acontecido, e ela teve uma conversa séria com ele, e nunca mais me deixou próxima dele. [...] meus pais sempre acreditaram em mim e nunca me abandonaram [...] (Memorial de infância, 2014/4, p. 8).

- **Memorial de infância 2016/1**

E foi assim até meus 9 anos, quando nos mudamos para a cidade pois minha mãe já não aguentava mais trabalhar (ela acumulava várias funções), contra a vontade do meu pai que continuou, eles ficaram separados por uns três meses, nós na cidade ele no sítio. Mudamos para uma casa bem perto da escola que estudávamos e também perto da casa da minha avó materna, foi difícil acostumar a viver com outras pessoas, eu não estava acostumada com muita gente, mais ainda com o silêncio da noite naquele lugar que vivia e com as tarefas que tínhamos no dia a dia, as maiores lembranças que tenho de infância era daquele lugar, enquanto criança não imaginava o sofrimento da minha mãe que trabalhava dia e noite, hoje entendo, mas a saudade é grande [...] (Memorial de infância, 2016/1, p. 4-5).

- **Memorial de infância 2016/2**

Segundo a visão dos meus pais eu era um bebê calmo [...]. Eu não frequentei creche, minha mãe não trabalhava meu pai não achava necessário. Conforme relato da minha mãe, meu pai não permitia que ela trabalhasse para ele o trabalho e as despesas era responsabilidade do Pai (Homem), além da creche ou babá ser extremamente ‘desnecessário e perigoso’ (Memorial de infância, 2016/2, p. 4, grifos do original).

Diante disso minha mãe como uma ‘boa dona de casa e boa mãe’, dedicou-se exclusivamente ao cuidado do lar: marido, casa, filha (s). Desistindo de dar continuidade aos estudos e se dedicando ao meu desenvolvimento integral [...]. Lembro-me de relance que minha mãe sentava comigo na mesa da cozinha para desenharmos, lembro-me dela contando histórias para mim [...] (Memorial de infância, 2016/2, p. 4-5).

Minha mãe me mostrou os livros de receitas dela todos com meus primeiros registros educacionais, grafismos, primeiras letras, círculos, pinturas [...] (Memorial de infância, 2016/2, p. 5).

Na minha casa [...] meus pais estavam brigando muito, pois minha mãe havia passado em um concurso público para merendeira da escola [...], meu pai não queria que ela trabalhasse, mas teve que aceitar, pois estávamos enfrentando problemas financeiros que só se agravariam (Memorial de infância, 2016/2, p. 9).

Meu pai teve que lidar com o orgulho que ele tanto tinha em querer ser o ‘provedor do sustento familiar’, pois não tínhamos mais nem a nossa própria casa (Memorial de infância, 2016/2, p. 11).

Aos 12 anos [...] todos os eventos da cidade eu ia trabalhar com o meu pai levava um saco grande e recolhia todas as latinhas que encontrava, minha irmã mais nova ia comigo, ficávamos lá até terminar o evento. Por várias vezes quando estávamos nestes ambientes os juizados de menores seguiam a gente e repreendiam meu pai. Lembro-me de uma mulher que eu parei e perguntei se ela tinha latinha (a princípio achei que fosse a senhora, pois a senhora (Magda), diz sempre em aula que se encontrasse alguma criança do horário e/ou em lugar irregular ameaçava denunciar e falava para os pais), ela me disse ser do juizado e me disse que se me encontrasse ia me levar para um lugar aonde eu não ia ver meus pais [...]. Depois deste episódio eu não lembro mais de ter ido (Memorial de infância, 2016/2, p. 11-12, grifos do original).

- **Memorial de infância 2016/3**

Depois, quando minha avó morreu eu já estava mais velha ajudava minha mãe na faxina de casa no sábado e depois sempre fazíamos as unhas e ela limpava meus ouvidos e dava banho de creme no cabelo (Memorial de infância, 2016/3, p. 1).

Com uns 7 anos de idade eu ganhei uma bicicleta nova ela era Rosa com branco a coisa mais linda [...] quem me ensinou a andar sem rodinhas foi a minha mãe, com a bicicleta eu ia comprar pão, frutas, carnes e brincava na rua com os meus primos (Memorial de infância, 2016/3, p. 1).

[...] melhor dizendo eu morava com minha avó e junto com minha mãe, pois minha mãe me teve muito nova, com 19 anos de idade e o meu pai não teve responsabilidade e não quis me criar, mesmo assim minha mãe junto com minha avó me criou sem nenhum problema, minha mãe sempre diz que eu fui um bebê e uma criança muito boazinha e sempre feliz (Memorial de infância, 2016/3, p. 2).

[...] de manhã eu ficava em casa assistia muito desenho e depois ia fazer minha higiene, logo em seguida as tarefas da escola e também minhas obrigações de casa como arrumar minha cama e varrer a casa (Memorial de infância, 2016/3, p. 2).

- **Memorial de infância 2016/5**

Sempre gostei de ajudar a minha mãe no serviço de casa, não era uma boa ajudante, mas eu tinha uma boa intenção. [...] não parava de tentar ajudar enquanto não acabava de limpar tudo, quando acabava eu olhava para ela e dizia 'hoje eu estou trabalhadeira' (Memorial de infância, 2016/5, p. 2).

- **Memorial de infância 2017/1**

[...] à tarde após os afazeres podíamos brincar [...] (Memorial de infância, 2017/1, p. 1).

No sítio a vida não era só diversão, com uns nove anos de idade já trabalhava ajudando minha mãe com os afazeres domésticos, e na época de lavoura íamos todos pra roça ajudar meu pai (Memorial de infância, 2017/1, p. 1).

- **Memorial de infância 2017/2**

[...] minha tia além de brincar sempre fazia coisas gotosas para comermos eu adorava ajudá-la na cozinha e conversar com ela quando chegava a noite ela fazia uma imensa cama com colchões na sala e brincávamos ela deitava conosco e contava histórias [...] (Memorial de infância, 2017/2, p. 3).

Ficaram perceptíveis nos escritos das mulheres /acadêmicas as lutas diárias delas e das mães, ou seja, as mulheres nessa teia de lugares do feminino e do masculino foram relatadas em meio a tormentos, abandonos, agressões, violências, negligências.

Desde a indiferença no nascimento, passando pelo dia a dia de trabalhos em casa, as pressões para uma criança cuidar de outra criança e não deixar nada de ruim acontecer, o trabalho infantil visando ajudar no sustento da família, muitas estiveram envoltas em realidades bastante sofridas e desesperantes.

Em meio a isso tudo, algumas registraram assistir e conviver com as opressões da mãe para agradar aos maridos, quando engravidavam ano a ano na busca pelo nascimento de um filho. Ou, ainda, com as mães sendo subjugadas, tendo que se submeterem às vontades dos esposos, morando em lugares sem conforto algum e trabalhando até não mais resistir.

Algumas contaram da infância sem a presença do pai, pois este abandonou a mãe ainda grávida, ou no caso em que o pai foi embora de casa, deixando a mãe grávida e com outros nove filhos para sustentar e educar sozinha. E, nesse sentido, muitas enalteceram a luta das mães, mulheres que sofreram, mas não desistiram e cuidaram das/os filhas/os

Assim, depois de ler histórias marcantes, impactantes, desconcertantes, perturbadoras, opto por finalizar trazendo o seguinte fragmento: “[...] pois a infância prefiro mesmo esquecer, e entendo por que atualmente se luta tanto para se defender o direito da criança de viver a infância” (Memorial de infância, 2014/1, p. 7).

Sendo assim, minha percepção me leva a inferir que escrever memoriais de infância pode provocar as mulheres/acadêmicas e levá-las a pensarem a docência na Pedagogia como um espaço no qual poderão ressignificar o lugar da mulher na vida e na

profissão e, quiçá, possam contribuir para a mudança de gerações futuras, cuidando e educando meninas e meninos de maneira igualitária.

## 5 CONSIDERAÇÕES: TEMPO PARA CONTINUAR

*Escondo o medo e avanço. Devagar.  
Ainda não é o fim. É bom andar,  
mesmo de pernas bambas.*

Thiago de Mello<sup>43</sup>

Nestes *Tempos de escritas*, compreendi com Elias (2008) que equilíbrio de poder não é igualdade de poder. E que o pêndulo da “balança de poder” ora pende para um lado ora para o outro. Mesmo porque, o poder não é algo que se tem, ou ainda, que uns possuem e outros não. O poder constitui as relações entre indivíduos e entre estes e a sociedade, sendo elas compreendidas como relações interdependentes.

Sob esse prisma, defendi a tese de que a consciência que o indivíduo tem de si está em interdependência com a dinâmica relacional de funcionamento das figurações sociais, que são permeadas pelo poder em uma perspectiva de longa duração do/no processo civilizador.

Circunstanciando os *Tempos* da pesquisa, registro, ela teve como objetivo inventariar um arquivo pessoal para conhecer, descrever e apreender as marcas da educação feminina escritas em memoriais de infância (auto)biográficos, por mulheres/acadêmicas do curso de Pedagogia, problematizando questões de gênero.

A “produtora do arquivo” é uma professora/pesquisadora, cuja trajetória na docência da educação superior sempre foi dedicada à formação de professoras/es para o trabalho com a infância, em especial, com as crianças da educação infantil.

Dessa forma, os documentos disponibilizados para a realização da investigação, um total de 556, foram produzidos a partir da solicitação da professora em suas aulas na graduação em Pedagogia e na pós-graduação em Educação, em duas universidades nos estados do Paraná e Mato Grosso do Sul.

Depois de feito todo o inventário no arquivo pessoal, quando cuidei de conhecer, relacionar, classificar e organizar os documentos, defini o *corpus* documental da pesquisa, ficando ele constituído por histórias de 20 mulheres/acadêmicas nascidas nas décadas de 1980 e 1990, nas cidades de Amambai, Caarapó, Dourados, Fátima do Sul, Glória de Dourados e Rio Brillhante do estado de Mato Grosso do Sul, estudantes do curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande

---

<sup>43</sup> MELLO, Thiago. Ainda não é o fim. In: **Faz escuro mas eu canto**. Disponível em: [http://www.avozdapoesia.com.br/obras\\_ler.php?obra\\_id=12371](http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=12371). Acesso em: fev. 2018.

Dourados, tendo elas cursado disciplinas relativas à infância e Educação Infantil nos anos de 2013, 2014, 2016 e 2017.

Elegi para as análises, trabalhar com os conceitos de figuração, interdependência e poder desenvolvidos por Norbert Elias, sociólogo alemão (1897 - 1990), e com abordagem (auto)biográfica em suas interfaces com o campo educativo. O estudo somou-se ao grande número de trabalhos que vêm sendo desenvolvidos com essa abordagem, no entanto ele construiu um diferencial, pois foram utilizados memoriais de infância escritos por mulheres ainda em processo de formação inicial.

Na perspectiva de uma problematização de gênero, foi possível perceber a juventude das mulheres/acadêmicas que escreveram os memoriais de infância, indicando que muito cedo elas estão buscando formação, provavelmente, tentando garantir um lugar para trabalhar, no futuro. Sendo assim, ficou perceptível a procura pela autonomia e a participação na escrita de uma história, na qual elas poderão ser protagonistas.

Em contrapartida, foi possível observar, também, a busca pelo curso de Pedagogia por mulheres mais velhas, evidenciando uma provável mudança na conjuntura de vida dessas mulheres, antes invisibilizadas ou que somente apareciam nos bastidores, para uma postura de sair da situação e buscar oportunidades de/para vivenciar experiências fora do ambiente doméstico.

Nesse sentido, é relevante ressaltar o “dever de memória”, pois solicitar às mulheres/acadêmicas a tarefa de escrever memoriais de infância pode ter se constituído em importante movimento da professora, “produtora do arquivo”, quando ela constituiu um espaço para elas contarem suas histórias, se expressarem, rememorarem, recriando uma fase das suas vidas que deve ter sido bastante significativa para todas e que em outros momentos e contextos pode não ter sido realizado.

Sendo assim, é importante ser destacado que a professora viabilizou um caminho para a escrita da história feminina. Ou seja, ao constituir um espaço para a “emergência das mulheres” a professora no curso de Pedagogia abriu caminho para contornar o silêncio de mulheres/acadêmicas, bem como construiu a possibilidade de se apreender acerca da educação feminina a partir da investigação da história de alunas do curso de Pedagogia.

Importante escrever também, que os memoriais de infância (auto)biográficos das mulheres/acadêmicas revelaram tensões e, conseqüentemente, a busca de um equilíbrio de forças nas diferentes figurações das/nas quais elas viveram, constituíram e foram

constituídas, nas teias e/ou redes de interdependência. Em suas histórias, as marcas das infâncias ora foram lembradas, ora esquecidas, quando a memória cuidou de abrir e/ou fechar as lacunas, repercutindo um movimento que pode ser entendido como busca para sobreviver e continuar.

Uma profusão de memórias gerou histórias que apresentaram uma multiplicidade de realidades e uma riqueza de experiências. Ficaram descritas e registradas, ou seja, as mulheres têm histórias! E têm sonhos, vontades, desejos, alegrias, assim como tristezas, decepções, mágoas.

Quando decidi apresentar os textos dos memoriais quase em sua integralidade, o fiz por acreditar que se fazia necessário, por novos olhares e novos dizeres, que as mulheres fossem observadas e “estabelecidas” como protagonistas na/da História e, especialmente, da História da Educação.

Cabe realçar, ainda, quando muitas delas se reportaram às suas professoras como modelos e exemplos a serem seguidos, ou não. Algumas foram além, inclusive indicando possíveis relações dessas experiências com suas escolhas pelo curso de Pedagogia. Daí ser importante reportar à outra das minhas indagações para esta pesquisa, quando me perguntei até que ponto, saber das figurações constituídas na infância poderiam me ajudar a entender os meandros da escolha pela profissão de pedagoga.

Portanto, vale registrar a reflexão de que possibilitar escrever os memoriais de infância em um contexto de estudos, no qual elas estavam cursando disciplinas relativas à infância e à educação infantil, pode ter mobilizado reflexões importantes para pensar quais vivências e experiências estiveram envolvidas no caminho para a escolha do curso. E, nesse sentido, compreendo que, mais significativo do que precisar e determinar uma escolha, é pensar nas repercussões que este rememorar poderá ter nas suas vidas e repercutir em suas atuações profissionais no futuro.

Especificamente acerca de uma memória feminina, imprescindível assinalar, mais uma vez, como os escritos das mulheres /acadêmicas se apresentaram envoltos a um turbilhão de sentimentos. Elas contaram de suas lutas diárias, bem como da luta de suas mães, ou seja, as mulheres nessa teia de lugares do feminino e do masculino contaram histórias de tormentos, abandonos, agressões, violências, negligências.

Elas recriaram histórias desde a indiferença no nascimento, passando pelo dia a dia de trabalhos em casa, o peso das responsabilidades, o trabalho infantil. Em meio a isso tudo algumas deixaram transparecer a dificuldade em presenciar e conviver com as

opressões da mãe para agradar os maridos, quando engravidavam ano a ano na busca pelo nascimento de um filho, um homem.

Algumas contaram da ausência do pai na infância, pois a mãe foi abandonada grávida, e também relato de abandono do pai que foi embora deixando a mãe grávida e com outros nove filhos para sustentar e educar sozinha. E, nesse sentido, muitas enalteceram a luta das mães, mulheres que sofreram, mas não desistiram e cuidaram das/os filhas/os

À vista disso tudo, minha percepção faz inferir que escrever memoriais de infância pode provocar as mulheres/acadêmicas e levá-las a pensarem a docência na Pedagogia como um espaço no qual poderão ressignificar o lugar da mulher na vida e na profissão e, quiçá possam contribuir para a mudança de gerações futuras, cuidando e educando meninas e meninos de maneira igualitária.

Obviamente, é fundamental assinalar, foi a partir dos documentos, os memoriais de infância (auto)biográficos, que eu construí este estudo, cuja publicação poderá contribuir para que essas histórias venham à tona, circulem e visibilizem cenas da vida de mulheres/acadêmicas. E assim eu fecho estes *Tempos de escritas*. Não mais aquela que se mostrou na *Apresentação*, pois como canta Milton Nascimento<sup>44</sup>...

*Por tanto amor, por tanta emoção  
A vida me fez assim  
Doce ou atroz, manso ou feroz  
Eu, caçador de mim*

*Nada a temer  
Senão o correr da luta  
Nada a fazer  
Senão esquecer o medo  
Abrir o peito à força  
Numa procura  
Fugir às armadilhas da mata escura*

*Longe se vai sonhando demais  
Mas onde se chega assim  
Vou descobrir o que me faz sentir  
Eu, caçador de mim*

---

<sup>44</sup> Nascimento, Milton (Compositores: Sergio Magrão e Luiz Carlos Sá). Caçador de mim. In: Álbum Caçador de mim. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/cacador-de-mim.html>. Acesso em: 1 mar. 2018.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio/ago. 2011.
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond. Infância. In: **Antologia Poética**. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/460647/>>. Acesso em: 7 fev. 2018.
- ARAÚJO, Maria de Fátima Araújo. **Contar no caminho**: escrita de si, percursos de formação e inserção institucional de professores da infância. 2014. 265 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2014.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. Tradução de Dora Rocha. Fundação Getúlio Vargas (CPDOC). **Estudos Históricos**, n. 21, p. 9-34, 1998.
- BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. **Professores de Educação Infantil**: ludicidade, história de vida e formação inicial. 2012. 209 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia/UFBA, Salvador, 2012.
- BARBOSA, Marcia Cristina Bernardes. Entrevista: Gênero e Ciência. **Revista Diversidade e Educação**, v. 4, n. 8 jul./dez, p. 4-5, 2016.
- BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2015.
- BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul, a construção de um estado**. v. 1: Regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009a.
- BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul, a construção de um estado**. v. 2: Poder político e elites dirigentes sul-mato-grossenses. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009b.
- BOLLMANN, Stefan. **Mulheres que escrevem vivem perigosamente**. Impresso e encadernado para Quertzal Editores por Egedsa: Espanha, 2007.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BRANDÃO, Carlos da Fonseca. O controle dos impulsos e das paixões no processo civilizatório de Norbert Elias. In: GEBARA, Ademir; WOUTERS, Cas (Orgs.). **O controle das emoções**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009, p. 61-89.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 20 abr. 2017.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília, 1990. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)>. Acesso em: 20 abr. 2017.

BRASIL. **Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991**. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Brasília, 1991. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8159.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8159.htm)>. Acesso em: 26 out. 2017.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 20 abr. 2017.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Brasília, 2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm)>. Acesso em: 15 fev. 2018.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.28, n .1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Dossiê Arquivos pessoais são arquivos. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. 2009. Disponível em: <[http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm\\_pdf/2009-2-A02.pdf](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A02.pdf)>. Acesso em: 9 jun. 2016.

CAMPOS, Míria Izabel. **Memórias de infância de professoras da educação infantil: gênero e sexualidade**. 2010. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, Dourados, 2010.

CAMPOS, Míria Izabel. Um olhar elisiano sobre docência e gênero em memoriais de infância de acadêmicas de pedagogia. In: XVI SIMPÓSIO INTERNACIONAL PROCESSOS CIVILIZADORES, **Anais...** – GP Diálogos interdisciplinares: política, contextos e processos sociais. Vitória: UFES, 2016.

CAMPELLO, Lorena de Oliveira Souza. Abordagem funcional de arquivos pessoais: reflexões a partir do Arquivo Epifânio Dória. Resgate - **Rev. Interdiscip. Cult.**, Campinas, v. 24, n. 2 [32], p. 65-90, jul./dez. 2016.

CAMPELLO, Lorena de Oliveira Souza. **O legado documental de Epifânio Dória**: por uma abordagem funcional dos arquivos pessoais. 2015. 164 f. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo/USP. São Paulo, 2015.

CARVALHO, Marília Pinto. **No coração da sala de aula**: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã, 1999.

CATANI, Denice Barbara. Ficções teóricas e ficções (auto)biográficas: elementos para uma reflexão sobre ciência e formação no campo educacional. In: ABRAHÃO, Maria Helena Barreto; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ARAÚJO, Mairce da Silva (Orgs.). **Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões**. Curitiba: CRV, 2014.

CERIZARA, Ana Beatriz. **Professoras de Educação Infantil: entre o feminino e o profissional**. São Paulo: Cortez, 2002.

COENGA, Rosemar Eurico. **Infância e leitura nas memórias de escritores**. Brasília, 2011. 172 f. Tese (Teoria Literária e Literatura). Universidade de Brasília/UNB. Brasília, 2011.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Coleção Passo-a-Passo, 57.

COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. **Dicionário crítico de gênero**. Ed. UFGD, Dourados: 2015

COSTA, Célio Juvenal; MENEZES, Sezinando Luiz. Construção da sociedade de corte em Portugal no Reinado de D. João III (1521-1557). In: GEBARA, Ademir; COSTA, Célio Juvenal; SARAT, Magda (Orgs.). **Leituras de Norbert Elias: processo civilizador, educação e fronteiras**. Maringá: EdUEM, 2014. p. 233-244.

COSTA, Deane Monteiro Vieira. **A campanha de educação de adolescentes e adultos no Brasil e no estado do Espírito Santo (1947-1963): um projeto civilizador**. 2012. 247f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo/UFES. Vitória, 2012.

CRUZ, et al. Corpo: sexualidade, gênero, raça e etnia. In: ABRAMOWICZ, Anete. **O plural da infância: aportes da sociologia**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. p. 58-96.

CRUZ, Gislaine Azevedo. **De criança a aluna: memórias da infância e da escolarização de professoras (1930-1970) – 2014**. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, Dourados, 2014.

CUNHA, Maria Tereza Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 3, n. 1, p. 45-62, 2007.

CUNHA, Maria Tereza Santos. Essa coisa de guardar...homens de letras e acervos pessoais. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPEL, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 109-130, maio/ago. 2008. Disponível em: <<http://fae.ufpel.edu.br/asphe>>. Acesso em: 31 maio 2017.

CUNHA, Maria Tereza Santos. O arquivo pessoal do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): do traçado manual ao registro digital. **Hist. Educ.** (Online), Porto Alegre v. 21 n. 51 jan./abr., 2017. p. 187-206.

**Currículo Lattes**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/curriculum-lattes/>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

DALL'ALBA, L. **Sexualidade: narrativas autobiográficas de educadores/as**. Porto Alegre, 2008. 199f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, 2008.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, Fundação Carlos Chagas/Cortez, n. 86, p. 5-14, ago. 1993.

DUCROT, Ariane. A classificação dos arquivos pessoais e familiares. FGV. **Estudos Históricos**, n. 21, p. 151-168, 1998.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 2: formação do estado e civilização**. Tradução Ruy Jungmann. Revisão, Apresentação e notas Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos indivíduos**. Organizado por Michael Schröter. Tradução Vera Ribeiro. Revisão técnica e notas Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. **Mozart, a sociologia de um gênio**. Organizado por Michael Schröter. Tradução Sérgio Góes de Paula. Revisão técnica Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

ELIAS, Norbert. **Envolvimento e distanciamento: Estudos sobre a sociologia do conhecimento**. Tradução Maria Luísa Cabaços Meliço. Lisboa: Dom Quixote, 1997a.

ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Editado por Michael Schröter; Tradução Álvaro Cabral; Tevisão técnica Andrea Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1997b.

ELIAS, Norbert. El cambiante equilibrio de poder entre los sexos. Estudio sociológico de un proceso: el caso del antiguo Estado Romano”. In: ELIAS, Norbert. **La civilización de los padres y otros ensayos**. Editorial Norma, Bogotá, 1998a. p. 199-248.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Editado por Michael Schröter. Tradução Vera Ribeiro. Revisão técnica Andrea Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b.

ELIAS, Norbert. **Norbert Elias por ele mesmo**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ELIAS, Norbert. **Escritos & Ensaios 1: Estado, Processo, opinião pública**. Organização e apresentação Frederico Neiburg e Leopoldo Waizbort. Tradução textos em inglês Sérgio Benevides; textos em alemão Antonio Carlos dos Santos; textos em holandês João Carlos Pijnappel. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Reimp. - (Biblioteca 70; 16). Biblioteca Nacional de Portugal - Catalogação na Publicação, 2008.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 1: uma história dos costumes**. 2. ed. Tradução Ruy Jungmann. Revisão e apresentação Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIAS, Norbert. A civilização dos pais. **Revista Sociedade e Estado**, v. 27, n. 3, p. 469-493, set./dez. 2012.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade. Tradução Vera Ribeiro. Tradução do posfácio Pedro Sússekind. Apresentação e revisão técnica Frederico Neiburg. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FAED - Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. **Plano de Ensino**: Disciplina História da Infância e Educação Infantil, 2008.

FAED - Faculdade de Educação. Curso de Pedagogia. **Plano de Ensino**: Disciplina Currículo da Educação Infantil, 2009a.

FAED - Faculdade de Educação. Curso de Pedagogia. **Plano de Ensino**: Disciplina Fundamentos da Educação Infantil, 2009b.

FAED - Faculdade de Educação. Curso de Pedagogia. **Plano de Ensino**: Disciplina História da Infância, 2013a.

FAED - Faculdade de Educação. Curso de Pedagogia. **Plano de Ensino**: Disciplina Temas Emergentes em Educação, 2013b.

FAED - Faculdade de Educação. **Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia-Licenciatura**. Dourados/MS, 2017.

FERREIRA, Maria Beatriz Rocha. Figurações, poder e visibilidade dos povos indígenas. In: GEBARA, Ademir; COSTA, Célio Juvenal; SARAT, Magda. (Orgs.). **Leituras de Norbert Elias**: processo civilizador, educação e fronteiras. Maringá: Eduem, 2014. p. 109-122.

FERREIRA, Luiz Carlos Pinheiro. **Mo(vi)mentos autobiográficos**: historiando fragmentos narrativos de experiências de vida docente e discente em artes visuais. 2015. 329 f. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Goiás/UFG. Goiânia, 2015.

FERREIRA, Márcia Ondina V. Docência e Gênero. In: COOLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (Orgs.). **Dicionário crítico de gênero**. Dourados: Ed. UFGD, 2015.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. As caixas de papéis de Nilce Lea: memórias e escritas de uma simples professora? **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 17, p. 69-80, abr. 2005.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2005.

FREITAS, Guilherme. **Usos e abusos da memória**: entrevista com Andreas Huyssen. 2014. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/usos-abusos-da-memoria-entrevista-com-andreas-huyssen-536931.html>. Acesso em: 16 jan. 2018.

FURTADO, Alessandra Cristina. **Por uma história das práticas de formação docente**: um estudo comparado entre duas escolas normais de Ribeirão Preto - SP (1944-1964). 2007. 218 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo/USP. São Paulo, 2007.

GABRIEL, Gilvete de Lima. **Narrativa autobiográfica como prática de formação e de atualização de si**: os grupos-referência e o grupo reflexivo na mediação da constituição indenitária docente. 2008. 223 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Natal, 2008.

GALINKIN, Ana Lúcia; BERTONI, Luci Mara. Gênero e educação: um caminho para a igualdade. **Em Aberto**, Brasília, v. 27, n. 92, p. 21-42, jul./dez. 2014.

GEBARA, Ademir. **Conversas sobre Norbert Elias**: depoimentos para uma história do pensamento sociológico. Tradução Raquel Gebara de Lima e Ademir Gebara. Piracicaba/SP: Biscalchin, 2005.

GEBARA, Ademir. **Leituras de fronteiras**: contribuições transdisciplinares. Jundiá: Paco Editorial, 2016.

GEBARA, Ademir; LUCENA, Ricardo. Norbert Elias, poder e cotidiano. **Revista ALESDE**. Curitiba, v. 1, n. 1, p. 56-66, set. 2011.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. Trad. Federico Carotti. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONZAGUINHA. Caminhos do coração. In: **Álbum Caminhos do coração**. Disponível em: <<https://www.letras.com.br/gonzaguinha/caminhos-do-coracao>>. Acesso em: 8 fev. 2018.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Infância, sociedade e cultura. In: CARVALHO, Alyson; SALLES, Fatima; GUIMARÃES, Marília (Orgs.). **Desenvolvimento e Aprendizagem**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Infância: entre a anterioridade e a alteridade. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 547-567, maio/ago. 2011. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade)>. Acesso em: 18 jun. 2017.

HARGREAVES, Jennifer. Norbert Elias: o sexo, o gênero e o corpo no processo civilizador. In: CHABAUD-RYCHTER, Danielle; DESCOUTURES, Virginie; DEVREU, Anne-Marie; VARIKAS, Eleni (Orgs.). **O gênero nas ciências sociais**: releituras críticas de Max Weber a Bruno Latour. São Paulo: Ed. Unesp; Brasília: Ed. UNB, 2014. p. 443-461.

HONORATO, Tony. **Escola Complementar e Normal de Piracicaba**: formação, poder e civilidade (1897-1921). 2011. 254f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) –

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2011.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

**IBGE**-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades @. 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=500270>>. Acesso em: 9 maio 2017.

**IBGE**-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estados @. 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=500270>>. Acesso em: 9 maio 2017.

**INVENTÁRIO DO ARQUIVO PEDRO NAVA**. Ministério da Cultura. Fundação Casa de Rui Barbosa. Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2001.

IWAMOTO, Vivian. **Educação e civilidade nas memórias de infância de imigrantes japoneses**. 2016. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, Dourados, 2016.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1999.

JOSSO, Marie Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, maio/ago. 2006.

KIRSCHNER, Tereza Cristina. Lembrando Norbert Elias. **Textos de História**, v. 7, n. 1/2, 1999.

KOCHI, Joice Camila dos Santos. **Escola Modelo de Língua Japonesa de Dourados-MS**: movimentos, histórias e memórias de mulheres. 2017. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD. Dourados, 2017.

KUHLMANN JR, Moisés. **Infância e educação infantil**: uma abordagem histórica. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**. jan./fev./mar./abr. n. 19, p. 20-28, 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga Neto. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1990.

LEÃO, Andrea Borges. **Norbert Elias & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LIMA, Sandra Cristina Fagundes. **Memória de si, história dos outros**: Jerônimo Arantes, educação, história e política em Uberlândia nos anos de 1919 a 1961. 2004. 399f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas/Unicamp. Campinas, 2004.

LOPES, Eliane Marta Teixeira Lopes. Introdução. In: SOARES, Magda. **Metamemória-Memórias**: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Educação Contemporânea. Série Memória da Educação).

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. **Form. Doc.** Belo Horizonte, v. 3, n. 4, p. 62-70, jan/jul. 2011a.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011b. p. 443-481.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MELLO, Thiago. Ainda não é o fim. In: **Faz escuro mas eu canto**. Disponível em: <[http://www.avozdapoesia.com.br/obras\\_ler.php?obra\\_id=12371](http://www.avozdapoesia.com.br/obras_ler.php?obra_id=12371)>. Acesso em: 3 fev. 2018.

NAVA, Pedro. **Bau de ossos**. Apresentação André Botelho; nota Carlos Drummond de Andrade; posfácio Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NASCIMENTO, Milton (Compositores: Sergio Magrão e Luiz Carlos Sá). **Caçador de mim**. In: Album Caçador de mim. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/cacador-de-mim.html>>. Acesso em: 1 mar. 2018.

NASCIMENTO, Nivia Margaret Rosa. **O desenvolvimento profissional de professores**: a arte de inventar-se e fazer história, mediante narrativas autobiográficas. 2011. 177 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/ PUCRS, Porto Alegre, 2011.

OLIVEIRA, Lucia Maria Velloso. **Modelagem e status científico da descrição arquivística no campo dos arquivos pessoais**. 2010. 188 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo/USP. São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Magda Sarat. **Lembranças de infância**: que história é esta? 1999. 213 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 1999.

OLIVEIRA, Magda Carmelita Sarat; CAMPOS, Míria Izabel Campos. Infância e gênero: memorial de pesquisas. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 9, n. 16, p. 91-110, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em: 10 out. 2017.

PALHANO, Adaiane Enequio; CAMPOS, Míria Izabel. Memoriais de infância do homem pedagogo: trajetórias em uma profissão feminina. **Plano de Trabalho de Iniciação Científica –2017-2018**. 2017.

PALERMO, Laura Peretto. **Querida ensina**: preceitos de comportamentos femininos em páginas da revista Querida (1958-1968). 2009. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Santa Catarina/UEDESC. Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://tede.udesc.br/handle/handle/1045>>. Acesso em: 19 maio 2017.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista** | Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, abr. 2011.

PEREIRA, Ivanete Fernandes; CAMPOS, Míria Izabel Campos. Surgimento das instituições de atendimento à criança e a mulher trabalhadora: uma relação histórica. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados, v. 3, n. 5, p. 117-129, jan./jun. 2015.

PEREIRA, Levi Marques. **Os Terena de Buriti**: formas organizacionais, territorialização e representação da identidade étnica. Dourados: Ed. UFGD, 2009.

PERROT, Michelle. **As mulheres e os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

**PORTAL BRASIL**. Mulheres são maioria em universidades e cursos de qualificação – Pesquisa, 2016. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/03/mulheres-sao-maioria-em-universidades-e-cursos-de-qualificacao>>. Acesso em: 4 jul. 2017.

**PORTAL DA UFGD**. Histórico da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2015 (data estimada). Disponível em: <<https://portal.ufgd.edu.br/aufgd/historico>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

**PORTAL DA UFGD**. Foto Faculdade de Educação-FAED. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/ufgdoficial/photos/>>. Acesso em: 2 dez. 2017.

RIBEIRO, Luci Silva. **Processo e figuração**: um estudo sobre a sociologia de Norbert Elias. 2010. 281 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 2010.

RIBEIRO, Renato Janine. Apresentação: uma ética do sentido. In: ELIAS, Norbert. **O processo civilizador, volume 2**: formação do Estado e civilização. Tradução Ruy Jungmann. Revisão, Apresentação e notas Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si ou... **Estudos Históricos**. FGV. v. 11, n. 21, p. 35-42, 1998.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 515-540, dez. 2001.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 333-359.

SARAT, Magda. **Histórias de estrangeiros no Brasil: infância, memória e educação**. 2004. 306 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2004.

SARAT, Magda. **Projeto de Pesquisa “Histórias e Memórias de Infância: identidade de gênero na formação de profissionais da Educação Infantil”**. UFGD/PROPP. Dourados, 2008.

SARAT, Magda. **Projeto de Pesquisa “Educação, Infância e Processo Civilizador: Contribuições da Perspectiva Sociológica de Norbert Elias”**. UFGD/PROPP. Dourados, 2012.

SARAT, Magda. Contribuições de Norbert Elias aos estudos da infância e processos civilizadores. In: GEBARA, Ademir; COSTA, Célio Juvenal; SARAT, Magda (Orgs.). **Leituras de Norbert Elias: processo civilizador, educação e fronteiras**. Maringá: Eduem, 2014. p. 157-173.

SARAT, Magda. História da formação de professoras para a infância: experiências no Brasil e na Argentina. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v. 18, n.1, p. 23-36, jan./abr. 2015.

SARAT, Magda; AUGUSTO, Lorena Halina Cardoso. **Memórias de infância na escola: a civilidade e a educação das crianças – Artigo Iniciação Científica/FAED/UFGD**, Dourados, 2014.

SARAT, Magda; CAMPOS, Míria Izabel. Gênero, sexualidade e infância: (Con)formando meninas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**. v. 7, n. 12, jan./abr. 2014. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/2951>>. Acesso em: 1 mar. 2015.

SARAT, Magda; CAMPOS, Míria Izabel. Itinerários docentes na educação infantil: olhares sobre gênero nas memórias de professoras. XI CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO (XI COLUBHE). Porto/Portugal. GT Investigar, Intervir e Preservar – Caminhos da História da Educação Luso Brasileira. **Anais...**, 2016. p. 164-175.

SARAT, Magda; CAMPOS, Míria Izabel. Memórias da Infância e da Educação: abordagens eliasianas sobre as mulheres. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1257-1277. out./dez. 2017.

SARAT, Magda; FRUTUOSO, Lúcia Diniz. **Recordar e escrever: a infância e a educação das crianças registrada em memoriais de professoras. – Artigo Iniciação Científica/FAED/UFGD**. Dourados/MS, 2015.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

SAYÃO, Débora Thomé. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. . **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, nº 3(42)-setembro/dezembro. 2003.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 2 n. 16, p. 5-22, julho/dezembro. 1995.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Marcel Mauss e Norbert Elias: notas para uma aproximação epistemológica. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 34, n. 122, p. 195-210, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

SOARES, Magda. **Metamemória-Memórias**: Travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Educação Contemporânea. Série Memória da Educação).

SILVA, Maria Celina Mello. Configuração e recuperação da informação em documentos de ciência e tecnologia: estudo tipológico em arquivo pessoal no arquivo pessoal do físico Bernhard Gross **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.18, n.3, p.160-174, jul./set. 2013.

SOUSA et al. Memória e autobiografia: Formação de mulheres e formação de professoras. **Revista Brasileira de Educação**, n. 2, p. 61-76, maio/jun./jul./ago. 1996.

SOUZA, Elizeu Clementino. **O conhecimento de si**: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004. 344 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia/UFBA, Terra/BA, 2004.

SOUZA, Elizeu Clementino. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan/abr, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Orgs.). **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007.

SOUZA, Elizeu Clementino. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão – narrar a vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 213-220, maio/ago. 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.

SOUZA et al. Fios e teias de uma rede em expansão cooperação acadêmica no campo da pesquisa (auto)biográfica. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 11, n. 21, p. 1-17, jan./abr. 2010.

SOUZA, Elizeu Clementino; GALLEGO, Rita de Cássia (Orgs.). **Espaços, tempos e gerações: perspectivas (auto)biográficas**. Apresentação. São Paulo: Cultura Autêntica, 2010. Série Artes de viver, conhecer e formar.

SOUZA, Mary Ane. O acesso ao curso de Pedagogia da UFGD: uma análise da relação entre educação básica e educação superior. **Realização**, Dourados, v. 1, n. 1, p. 23-36, out/2012 a out/2013.

STEPHANOU, Maria. Dever de memória, dever de registro: a revista História da Educação em seu 19º ano. **Hist. Educ. [Online]** Porto Alegre, v. 20, n. 48, p. 5-10, jan./abr., 2016.

TAMBARA, Eleonor. Profissionalização, escola normal, e feminilização: magistério sul-rio-grandense de instrução pública no século XIX. **História da Educação**. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (3): 35-57, abr. 1998.

TANNO, Janete Leiko. Os acervos pessoais: memória e identidade na produção e guarda dos registros de si. **Patrimônio e Memória**. UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 3, n.1, p. 101-111, 2007.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**. n. 14, p. 61-88, maio/jun./jul./ago. 2000.

TEIXEIRA, Marcia Prenda. **A mulher como leitora: memórias de professoras / Dourados - MS (1963-1973)**. 2011. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD, Dourados, 2011.

VEIGA, Cynthia Greive. Infância e modernidade: ações, saberes e sujeitos. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). **A infância e sua educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 35-82.

VEIGA, Cynthia Greive. O processo escolarizador da infância em Minas Gerais (1835-1906): geração, gênero, classe social e etnia. In: OLIVEIRA, Lindamir C. V.; SARAT, Magda (Orgs.). **Educação infantil: história e gestão educacional**. Dourados: Ed. UFGD, 2009, p. 15-41.

VEIGA, Cynthia Greive. Pensando com Elias as relações entre Sociologia e a História da Educação. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes (Org.). 3. ed. **Pensadores sociais e História da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011, p.139-166.

VEIGA, Cynthia Greive. Emoções e poder no processo de institucionalização da profissão docente: a civilização dos professores. In: GEBARA, Ademir; COSTA, Célio Juvenal; SARAT, Magda (Orgs.). **Leituras de Norbert Elias: processo civilizador, educação e fronteiras**. Maringá: Eduem, 2014. p. 137-156.

VELOSO, Caetano. **Música Oração ao Tempo**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44760/>>. Acesso em: 2 jul. 2009.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu** (17/18) 2001, p. 81-103.

VINCENTINI, Paula Perin; ABRAHÃO, Maria Helena (Orgs.). **Sentidos, potencialidades e usos da (auto)biografia**. Apresentação. São Paulo: Cultura Autêntica, 2010. Série Artes de viver, conhecer e formar, 2010.

TENO, Neide Araujo Castilho. **Rememorando trajetórias: docência e identidade do professor em formação**. 2013. 237 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS, Campo Grande, 2013.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2015.

WOUTERS, Cas. Critérios universalmente aplicáveis ao fazer sociologia dos processos: sete equilíbrios e uma tríade. In: GEBARA, Ademir; COSTA, Célio Juvenal; SARAT, Magda (Orgs.). **Leituras de Norbert Elias: processo civilizador, educação e fronteiras**. Maringá: Eduem, 2014. p. 35-54.

WOUTERS, Cas. Sexualização e Erotização: emancipação e integração do amor e do sexo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1217-1237. out./dez. 2017.

XAVIER, Cláudia Pereira. **Percepções sobre a formação docente no diálogo com as culturas que atravessam o curso de pedagogia/UEMS/Maracaju**. 2014. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco/UCDB, Campo Grande, 2014.

XAVIER FILHA, Constantina. **Educação sexual na escola: o dito e o não-dito na relação cotidiana**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Ed. UFMS, 2000.

XAVIER FILHA, Constantina. **Discursos da intimidade: imprensa feminina e narrativa de mulheres-professoras brasileiras e portuguesas na segunda metade do século XX**. 2005. 354 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo/ FEUSP/USP. São Paulo, 2005.

XAVIER FILHA, Constantina. As dores e as delícias de trabalhar com as temáticas de gênero, sexualidades e diversidades na formação docente. In: SOUZA, Leonardo Lemos de; ROCHA, Simone Albuquerque da (Orgs.). **Formação de educadores, gênero e diversidade**. Cuiabá: EdUFMT, 2012. p.13-30. Coleção Gênero e Diversidade.

YANNOULAS, Silvia. Feminização ou Feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. **Temporalis**, Brasília (DF), ano 11, n. 22, p.271-292, jul./dez. 2011.

**FONTES**

**Memorial de infância**, 2013/1 Dourados, 1985.

**Memorial de infância**, 2013/2 Dourados, 1989.

**Memorial de infância**, 2013/3, Dourados, 1989.

**Memorial de infância**, 2013/4 Amambai, 1993.

**Memorial de infância**, 2013/5 Dourados, 1995.

**Memorial de infância**, 2014/1 Caarapó, 1980.

**Memorial de infância**, 2014/2 Dourados, 1981.

**Memorial de infância**, 2014/3 Dourados, 1982.

**Memorial de infância**, 2014/4 Fátima do Sul, 1988.

**Memorial de infância**, 2014/5 Dourados, 1994.

**Memorial de infância**, 2016/1 Dourados, 1990.

**Memorial de infância**, 2016/2 Dourados, 1994.

**Memorial de infância**, 2016/3 Dourados, 1995.

**Memorial de infância**, 2016/4 Fátima do Sul, 1996.

**Memorial de infância**, 2016/5 Glória de Dourados, 1998.

**Memorial de infância**, 2017/1 Dourados, 1989.

**Memorial de infância**, 2017/2 Dourados, 1992.

**Memorial de infância**, 2017/3 Rio Brilhante, 1994.

**Memorial de infância**, 2017/4 Fátima do Sul, 1996.

**Memorial de infância**, 2017/5 Dourados, 1996.

## ANEXO A

## VOCÊ CONSTRÓI A HISTÓRIA ATRAVÉS DA SUA VIDA

REGISTRE AQUI ACONTECIMENTOS IMPORTANTES EM DIFERENTES PERÍODOS DA SUA VIDA E DOS QUAIS VOCÊ LEMBRA:

EU NASCI NO ANO DE 1943 EM Curitiba RS

DOS 5 AOS 10 ANOS EU LEMBRO DE FATOS COMO:

- Entre os 8 ou 9 anos eu ia pra mesma escola de meu irmão que era muito frequentado com recreio e sem dinheiro em colégio de freiras e eu ia espionar pela fechadura e o via lá de dentro chorando.

DOS 10 ANOS AOS 15 ANOS EU LEMBRO DE FATOS COMO:

- Nesta idade não consegui aprender a digitar e no colégio as freiras me mandavam copiar 100 vezes as tabuadas e em casa eu ia na vizinhança cuidar das cças e de fazer as contínuas pra mim.

DOS 15 ANOS AOS 20 ANOS EU LEMBRO DE FATOS COMO:

- Foi minha primeira de quissis, usei meu primeiro sapato com salto não sabia andar e com 18 anos meu casamento. Foi marcante, mas com o passar do tempo ele que eu era muito nova.

DOS 20 ANOS AOS 25 ANOS EU LEMBRO DE FATOS COMO:

- Neste período já estava fazendo tratamento foi engravidar e continuando meus estudos mas não consegui. Gostava muito de cças e já lecionava desde os 17 anos.

DOS 25 ANOS AOS 30 ANOS EU LEMBRO DE FATOS COMO:

- Neste período terminei meu magistério e fui trabalhar com classe de Pré-escola que trabalhei 10 anos.

DEPOIS DOS 30 ANOS EU LEMBRO DE FATOS COMO:

- Neste período eu trabalhava com pré e resolvi adotar uma cça, um menino que se chama Fernando já tem 11 anos e é muito especial pra nós. Já estou me dando em uma idade que tem pouco recurso para ele. Mas é nossa vida.

**ANEXO B**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_

RG \_\_\_\_\_ Data Nascimento \_\_\_\_\_

AUTORIZO a professora MAGDA C. SARAT OLIVEIRA e sua equipe de pesquisa, a utilizar o meu trabalho escrito sobre 'Memórias de Infância' como material de pesquisa para uso acadêmico. Declaro, ainda, que tenho conhecimento de que a participação em pesquisas será a partir das informações escritas no meu Memorial que contém memórias e histórias de infância. Estou ciente de que todas as informações fornecidas serão utilizadas de maneira sigilosa, sem referência a minha identificação pessoal e serão utilizados somente para fins educacionais e pedagógicos no mais absoluto anonimato como as regras da pesquisa e a ética exigem.

Dourados-MS, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**Assinatura:** \_\_\_\_\_

## APÊNDICE A

## (Auto)biografia, Gênero, Norbert Elias e Arquivo Pessoal

Teses e Dissertações Autoria/Orientação/ Coorientação	Título	Universidade/Programa de Pós-Graduação/Ano da Defesa
<b>(Auto)biografia</b>	<b>(Auto)biografia</b>	<b>(Auto)biografia</b>
<b>1- Lucena Dall’Alba Profa. Dra. Rosa Maria Hessel Silveira</b>	Sexualidade: narrativas autobiográficas de educa- dores/as	Universidade Federal do Rio Grande do Sul Programa de Pós- Graduação em Educação – 2008
<b>2- Gilvete de Lima Gabriel Profa. Doutora Maria da Conceição Ferrer Botelho Sgadari Passeggi</b>	Narrativa autobiográfica como prática de formação e de atualização de si: os grupos-referência e o grupo reflexivo na mediação da constituição indenitária docente	Universidade Federal do Rio Grande do Norte Programa de Pós- Graduação em Educação – 2008
<b>3- Cláudia Xavier Profa. Doutora Adir Casaro Nascimento</b>	Percepções sobre a forma- ção docente no diálogo com as culturas que atravessam o curso de pedagogia /UEMS/ Maracaju	Universidade Católica Dom Bosco Programa de Pós- Graduação em Educação – 2014
<b>4- Luiz Carlos Pinheiro Ferreira Prof. Dr. Raimundo Martins Profa. Dra. Irene Yourinho</b>	Mo(vi)mentos autobiográ- ficos: historiando frag- mentos narrativos de expe- riências de vida docente e discente em artes visuais	Universidade Federal de Goiás Programa de Pós-Gradu- ação em Arte e Cultura Visual – 2015
<b>Gênero</b>	<b>Gênero</b>	<b>Gênero</b>
<b>5- Alessandra Cristina Furtado Profa. Dra. Cynthia Pereira de Sousa</b>	Por uma história das práti- cas de formação docente: um estudo comparado entre duas escolas normais de Ribeirão Preto – SP (1944- 1964)	Universidade de São Paulo Programa de Pós- Graduação em Educação – 2007

<b>6- Laura Peretto Palermo Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha</b>	Querida ensina: preceitos de comportamentos femininos em páginas da revista Querida (1958-1968)	Universidade Estadual de Santa Catarina Programa de Pós-Graduação em Educação – 2009
<b>7- Marcia Prenda Teixeira Profa. Dra. Magda C. Sarat Oliveira.</b>	A mulher como leitora: memórias de professoras / Dourados - MS (1963-1973)	Universidade Federal da Grande Dourados Programa de Pós-Graduação em Educação – 2011
<b>8- Gislaíne Azevedo da Cruz Profa. Dra.. Magda C. Sarat Oliveira.</b>	De criança a aluna: memórias da infância e da escolarização de professoras (1930-1970)	Universidade Federal da Grande Dourados Programa de Pós-Graduação em Educação – 2014
<b>9- Joice Camila dos Santos Kochi Profa. Dra. Magda Sarat Profa. Me. Míria Izabel Campos</b>	“Escola Modelo de Língua Japonesa de Dourados-MS”: movimentos, histórias e memórias de mulheres	Universidade Federal da Grande Dourados Programa de Pós-Graduação em Educação – 2017
<b>Norbert Elias</b>	<b>Norbert Elias</b>	<b>Norbert Elias</b>
<b>10- Tony Honorato Prof. Dr. Carlos Monarcha</b>	Escola Complementar e Normal de Piracicaba: formação, poder e civilidade (1897-1921)	Universidade Estadual Paulista – Campus Araraquara Programa de Pós-Graduação em Educação – 2011
<b>11- Deane Monteiro Vieira Costa Profa. Dra. Gilda Cardoso De Araújo</b>	A campanha de educação de adolescentes e adultos no Brasil e no estado do Espírito Santo (1947-1963): um projeto civilizador	Universidade Federal do Espírito Santo Programa de Pós-Graduação em Educação – 2012
<b>12- Vivian Iwamoto Profa. Dra. Magda Sarat</b>	Educação e civilidade nas memórias de infância de imigrantes japoneses	Universidade Federal da Grande Dourados Programa de Pós-Graduação em Educação – 2016

Arquivo pessoal	Arquivo pessoal	Arquivo pessoal
<b>13- Sandra Cristina Fagundes de Lima</b> <b>Profa. Dra. Vera Hercília Faria Pacheco Borges</b>	Memória de si, história dos outros: Jerônimo Arantes, educação, história e política em Uberlândia nos anos de 1919 a 1961	Universidade Estadual de Campinas Programa de Pós-Graduação em História – 2004
<b>14- Lorena de Oliveira Souza Campello</b> <b>Profa. Dra. Ana Maria de Almeida Camargo</b>	O legado documental de Epifânio Dória: por uma abordagem funcional dos arquivos pessoais	Universidade de São Paulo Programa de Pós-Graduação em História Social – 2015

Fonte: Campos, 2017.

## APÊNDICE B

### Etiquetas das caixas do arquivo pessoal

<b>ARQUIVO PESSOAL PROFESSORA MAGDA SARAT</b>
<b>DOCUMENTOS:</b> LISTA DE DOCUMENTOS, BEM COMO TODOS AQUELES ARROLADOS NA PESQUISA DE DOUTORAMENTO DE MÍRIA IZABEL CAMPOS (ANOS 2014/2017)
<b>QUANTIDADE DE DOCUMENTOS:</b> 28
<b>ENTIDADES:</b> UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO/GUARAPUAVA/PR E UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - DOURADOS/MS
<b>PERÍODO:</b> 2000 – 2017
<b>CAIXA Nº 001</b>
<b>ARQUIVO PESSOAL PROFESSORA MAGDA SARAT</b>
<b>DOCUMENTOS:</b> “HISTÓRIA ATRAVÉS DA SUA VIDA”
<b>QUANTIDADE DE DOCUMENTOS:</b> 154
<b>ENTIDADE:</b> UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO/GUARAPUAVA/PR
<b>PERÍODO:</b> 2000-2005
<b>CAIXA Nº 002</b>
<b>ARQUIVO PESSOAL PROFESSORA MAGDA SARAT</b>
<b>DOCUMENTOS:</b> MEMORIAIS DE INFÂNCIA E MEMORIAIS DE FORMAÇÃO
<b>QUANTIDADE DE DOCUMENTOS:</b> 15 E 43 (RESPECTIVAMENTE)
<b>ENTIDADE:</b> UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - DOURADOS/MS
<b>PERÍODO:</b> 2008-2014
<b>CAIXA Nº 003</b>

<b>ARQUIVO PESSOAL PROFESSORA MAGDA SARAT</b>
<b>DOCUMENTOS:</b> MEMORIAIS DE INFÂNCIA
<b>QUANTIDADE DE DOCUMENTOS:</b> 50
<b>ENTIDADE:</b> UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - DOURADOS/MS
<b>PERÍODO:</b> 2009
<b>CAIXA N° 004</b>
<b>ARQUIVO PESSOAL PROFESSORA MAGDA SARAT</b>
<b>DOCUMENTOS:</b> MEMORIAIS DE INFÂNCIA
<b>QUANTIDADE DE DOCUMENTOS:</b> 34
<b>ENTIDADE:</b> UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - DOURADOS/MS
<b>PERÍODO:</b> 2010
<b>CAIXA N° 005</b>
<b>ARQUIVO PESSOAL PROFESSORA MAGDA SARAT</b>
<b>DOCUMENTOS:</b> MEMORIAIS DE INFÂNCIA
<b>QUANTIDADE DE DOCUMENTOS:</b> 40
<b>ENTIDADE:</b> UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - DOURADOS/MS
<b>PERÍODO:</b> 2011
<b>CAIXA N° 006</b>
<b>ARQUIVO PESSOAL PROFESSORA MAGDA SARAT</b>
<b>DOCUMENTOS:</b> MEMORIAIS DE INFÂNCIA
<b>QUANTIDADE DE DOCUMENTOS:</b> 78
<b>ENTIDADE:</b> UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - DOURADOS/MS
<b>PERÍODO:</b> 2013
<b>CAIXA N° 007</b>

<b>ARQUIVO PESSOAL PROFESSORA MAGDA SARAT</b>	
<b>DOCUMENTOS:</b> MEMORIAIS DE INFÂNCIA	
<b>QUANTIDADE DE DOCUMENTOS:</b> 28	
<b>ENTIDADE:</b> UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - DOURADOS/MS	
<b>PERÍODO:</b> 2014	
<b>CAIXA Nº 008</b>	
<b>ARQUIVO PESSOAL PROFESSORA MAGDA SARAT</b>	
<b>DOCUMENTOS:</b> MEMORIAIS DE INFÂNCIA	
<b>QUANTIDADE DE DOCUMENTOS:</b> 72	
<b>ENTIDADE:</b> UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - DOURADOS/MS	
<b>PERÍODO:</b> 2016	
<b>CAIXA Nº 009</b>	
<b>ARQUIVO PESSOAL PROFESSORA MAGDA SARAT</b>	
<b>DOCUMENTOS:</b> MEMORIAIS DE INFÂNCIA	
<b>QUANTIDADE DE DOCUMENTOS:</b> 42	
<b>ENTIDADE:</b> UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS - DOURADOS/MS	
<b>PERÍODO:</b> 2017	
<b>CAIXA Nº 010</b>	

Fonte: Campos, 2017.

## APÊNDICE C

### Documentos arrolados no/do Arquivo Pessoal

Número de Documentos	Caracterização dos Documentos	Anos
01 cópia	Curso de Formação do Profissional de Educação Infantil: BRINCANDO DE APRENDER, sem registro do ano. Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO - Convênio MTb\SEFOR\CODEFA\SERT - Paraná/Brasil.	s/d
01 cópia	Documento escrito pelas professoras do curso Brincando de Aprender às alunas participantes. Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO - Convênio MTb\SEFOR\CODEFA\SERT - Paraná/Brasil.	s/d
01 cópia	Documento escrito pela professora do curso Brincando de Aprender às alunas participantes. Universidade Estadual do Centro Oeste - UNICENTRO - Convênio MTb\SEFOR\CODEFA\SERT - Paraná/Brasil.	2002
01 cópia	Plano de Ensino da disciplina História da Infância e Educação Infantil, Mestrado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, na FAED/UFGD.	2008
01 cópia	Lista das/os acadêmicas/os matriculados na disciplina História da Infância e Educação Infantil com respectivos contatos de telefone e e-mail	2008
01 cópia	Plano de Ensino da disciplina História da Infância e Educação Infantil, Mestrado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, na FAED/UFGD.	2011
01 cópia	Lista das/os acadêmicas/os matriculados na disciplina História da Infância e Educação Infantil com respectivos contatos de telefone e e-mail	2011
01 cópia	Plano de Ensino da disciplina História da Infância e Educação Infantil, Mestrado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, na FAED/UFGD.	2014
01 cópia	Lista das/os acadêmicas/os matriculados na disciplina História da Infância e Educação Infantil com respectivos contatos de telefone e e-mail	2014
07 originais	Termos e Consentimento Livre e Esclarecido, Mestrado em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, na FAED/UFGD.	2011

<b>02 originais</b>	Termos e Consentimento Livre e Esclarecido, Pós-Graduação em Educação, na FAED/UFGD.	2014
<b>01 cópia</b>	Plano de Ensino disciplina Currículo da Educação Infantil, graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD.	2009
<b>01 cópia</b>	Lista das/os acadêmicas/os disciplina Currículo da Educação Infantil, graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD, com respectivos telefones e e-mails.	2009
<b>01 cópia</b>	Plano de Ensino disciplina Fundamentos da Educação Infantil, graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD.	2010
<b>01 cópia</b>	Lista das/os acadêmicas/os disciplina Fundamentos da Educação Infantil, graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD, com respectivos telefones e e-mails.	2010
<b>01 cópia</b>	Plano de Ensino disciplina Fundamentos da Educação Infantil graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD.	2011
<b>01 cópia</b>	Lista das/os acadêmicas/os disciplina Fundamentos da Educação Infantil, graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD, com respectivos telefones e e-mails.	2011
<b>01 cópia</b>	Plano de Ensino disciplina Temas Emergentes em Educação, graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD.	2013
<b>01 cópia</b>	Lista das/os acadêmicas/os disciplina Temas Emergentes em Educação, graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD, com respectivos telefones e e-mails.	2013
<b>01 cópia</b>	Plano de Ensino disciplina História da Infância, graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD.	2013
<b>01 cópia</b>	Lista das/os acadêmicas/os disciplina História da Infância, graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD, com respectivos telefones e e-mails.	2013
<b>01 cópia</b>	Plano de Ensino disciplina Fundamentos da Educação Infantil, graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD.	2014
<b>01 cópia</b>	Lista das/os acadêmicas/os disciplina Fundamentos da Educação Infantil, graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD, com respectivos telefones e e-mails.	2014
<b>01 cópia</b>	Plano de Ensino disciplina Fundamentos da Educação Infantil, graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD.	2016

<b>01 cópia</b>	Lista das/os acadêmicas/os disciplina Fundamentos da Educação Infantil, Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD, com respectivos telefones e e-mails.	2016
<b>01 cópia</b>	Plano de Ensino disciplina Fundamentos da Educação Infantil, graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD.	2017
<b>30 originais</b>	Termos e Consentimento Livre e Esclarecido, disciplina Temas Emergentes em Educação, graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD.	2013
<b>07 originais</b>	Termos e Consentimento Livre e Esclarecido, disciplina História da Infância, graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD.	2013
<b>26 originais</b>	Termos e Consentimento Livre e Esclarecido, Fundamentos da Educação Infantil graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD.	2014
<b>36 originais</b>	Termos e Consentimento Livre e Esclarecido, Fundamentos da Educação Infantil graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD.	2016
<b>42 originais</b>	Termos e Consentimento Livre e Esclarecido, Fundamentos da Educação Infantil graduação Licenciatura em Pedagogia, FAED/ UFGD.	2017

Fonte: Campos, 2017.

## APÊNDICE D

### “História através da sua vida”: Universidade Estadual do Centro-Oeste/ Guarapuava/Paraná

<b>DOCUMENTO/ DÉCADA</b>	<b>ANO DE NASCIMENTO</b>	<b>CIDADE/ESTADO DE ORIGEM</b>
1 - 1940	1944	União da Vitória/PR
2 - 1940	1948	Clevelândia/PR
3 - 1940	1949	Erexim/RS
4 - 1950	1950	Tesoura/RS
5 - 1950	1950	União da Vitória/PR
6 - 1950	1950	Inácio Martins/PR
7 - 1950	1950	Caçador/SC
8 - 1950	1951	Sem cidade/Sem estado
9 - 1950	1952	Marcelino Ramos/RS
10 - 1950	1953	Joaçaba/SC
11 - 1950	1953	Sem cidade/RS
12 - 1950	1954	Sem cidade/RS
13 - 1950	1954	Rebouças/PR
14 - 1950	1954	Iratí/PR
15 - 1950	1954	Sem cidade/Sem estado
16 - 1950	1954	Bom Jesus/RS
17 - 1950	1955	Palmas/PR
18 - 1950	1955	São Mateus do Sul/PR
19 - 1950	1955	São Mateus do Sul/PR
20 - 1950	1955	São Mateus do Sul/PR
21 - 1950	1955	Sem cidade/Sem estado
22 - 1950	1956	Sem cidade/SC
23 - 1950	1956	Goioxim/PR
24 - 1950	1956	União da Vitória/PR
25 - 1950	1956	Magueirinha/PR
26 - 1950	1956	Tubarão/SC
27 - 1950	1956	Imbituva/PR
28 - 1950	1956	Pato Branco/PR
29 - 1950	1957	Prudentópolis/PR
30 - 1950	1957	Bituruna/PR
31 - 1950	1957	Ponta Grossa/PR
32 - 1950	1958	Cruz Machado/PR
33 - 1950	1958	Porto Vitória/PR
34 - 1950	1958	União da Vitória/PR
35 - 1950	1958	Passo Fundo/RS
36 - 1950	1958	Marcelino Ramos/RS
37 - 1950	1959	Cruz Machado/PR
38 - 1950	1959	Rio Azul/PR

<b>39 - 1950</b>	1959	Vitorino/PR
<b>40 - 1950</b>	1959	São Mateus do Sul/PR
<b>41 - 1950</b>	1959	Rebouças/PR
<b>42 - 1960</b>	1960	São Mateus do Sul/PR
<b>43 - 1960</b>	1960	Sem cidade/Sem estado
<b>44 - 1960</b>	1960	Pato Branco
<b>45 - 1960</b>	1960	Sem cidade/Sem estado
<b>46 - 1960</b>	1960	Chapecó/SC
<b>47 - 1960</b>	1960	Lagoa Vermelha/RS
<b>48 - 1960</b>	1960	Guarapuava/PR
<b>49 - 1960</b>	1960	Sem cidade/Sem estado
<b>50 - 1960</b>	1960	Cruz Machado/PR
<b>51 - 1960</b>	1961	Sem cidade/Sem estado
<b>52 - 1960</b>	1961	Sem a cidade/Sem estado
<b>53 - 1960</b>	1961	Pato Branco/PR
<b>54 - 1960</b>	1962	Campo Largo/PR
<b>55 - 1960</b>	1963	Guarapuava/PR
<b>56 - 1960</b>	1963	Guarapuava/PR
<b>57 - 1960</b>	1964	Biturana/PR
<b>58 - 1960</b>	1964	São João de Meriti/RJ
<b>59 - 1960</b>	1964	União da Vitória/PR
<b>60 - 1960</b>	1964	Itapejara D'Oeste/PR
<b>61 - 1960</b>	1964	Mallet/PR
<b>62 - 1960</b>	1965	Chopinzinho/PR
<b>63 - 1960</b>	1965	São Mateus do Sul/PR
<b>64 - 1960</b>	1965	Guarapuava/PR
<b>65 - 1960</b>	1965	Biturana/PR
<b>66 - 1960</b>	1965	Guarapuava/PR
<b>67 - 1960</b>	1965	Rebouças/PR
<b>68 - 1960</b>	1965	Chopinzinho/PR
<b>69 - 1960</b>	1965	São Mateus do Sul/PR
<b>70 - 1960</b>	1965	Fernandes Pinheiro/PR
<b>71 - 1960</b>	1965	Inácio Martins/PR
<b>72 - 1960</b>	1966	Santa Maria/RS
<b>73 - 1960</b>	1966	Iratí/PR
<b>74 - 1960</b>	1966	Goioxim/PR
<b>75 - 1960</b>	1966	Iratí/PR
<b>76 - 1960</b>	1966	Belmonte/SC
<b>77 - 1960</b>	1967	Galvão/SC
<b>78 - 1960</b>	1967	Cruz Machado/PR
<b>79 - 1960</b>	1967	Goioxim/PR
<b>80 - 1960</b>	1967	Inácio Martins/PR
<b>81 - 1960</b>	1968	Clevelândia/PR
<b>82 - 1960</b>	1968	Rebouças/PR
<b>83 - 1960</b>	1968	Biturana/PR
<b>84 - 1960</b>	1968	Turvo/PR

<b>85 - 1960</b>	1968	Coronel Vivida/PR
<b>86 - 1960</b>	1968	Sem cidade/Sem estado
<b>87 - 1960</b>	1968	Porto União/SC
<b>88 - 1960</b>	1968	Sem cidade/Sem estado
<b>89 - 1960</b>	1968	Irati/PR
<b>90 - 1960</b>	1968	Irati/PR
<b>91 - 1960</b>	1968	Pato Branco/PR
<b>92 - 1960</b>	1969	Palmas/PR
<b>93 - 1960</b>	1969	União da Vitória/PR
<b>94 - 1960</b>	1969	Curitiba/PR
<b>95 - 1960</b>	1969	São Mateus do Sul/PR
<b>96 - 1970</b>	1970	São Mateus do Sul/PR
<b>97 - 1970</b>	1970	Irati/PR
<b>98 - 1970</b>	1970	Rebouças/PR
<b>99 - 1970</b>	1970	Guaraniaçu/PR
<b>100 - 1970</b>	1970	Ponte Alta do Norte/SC
<b>101 - 1970</b>	1971	Guarapuava/PR
<b>102 - 1970</b>	1971	Sem cidade/Sem estado
<b>103 - 1970</b>	1971	Guarapuava/PR
<b>104 - 1970</b>	1972	Calmon/SC
<b>105 - 1970</b>	1972	Guarapuava/PR
<b>106 - 1970</b>	1972	Irati/PR
<b>107 - 1970</b>	1972	Lapa/PR
<b>108 - 1970</b>	1972	Curitiba/PR
<b>109 - 1970</b>	1972	Cascavel/PR
<b>110 - 1970</b>	1972	Sem cidade/Sem estado
<b>111 - 1970</b>	1973	Rebouças/PR
<b>112 - 1970</b>	1973	Pinhão/PR
<b>113 - 1970</b>	1973	São Mateus do Sul/PR
<b>114 - 1970</b>	1973	Pato Branco/PR
<b>115 - 1970</b>	1974	Rebouças/PR
<b>116 - 1970</b>	1974	Irati/PR
<b>117 - 1970</b>	1974	Guarapuava/PR
<b>118 - 1970</b>	1974	Guarapuava/PR
<b>119 - 1970</b>	1974	Guarapuava/PR
<b>120 - 1970</b>	1975	Morada Nova/PR
<b>121 - 1970</b>	1975	Vitorino/PR
<b>122 - 1970</b>	1975	Rebouças/PR
<b>123 - 1970</b>	1975	São Mateus do Sul/PR
<b>124 - 1970</b>	1975	Pitanga/PR
<b>125 - 1970</b>	1975	Guarapuava/PR
<b>126 - 1970</b>	1975	Pinhão/PR
<b>127 - 1970</b>	1975	Três de Maio/RS
<b>128 - 1970</b>	1975	Mallet/PR
<b>129 - 1970</b>	1976	Curitiba/PR
<b>130 - 1970</b>	1976	Guarapuava/PR

<b>131 - 1970</b>	1976	União da Vitória/PR
<b>132 - 1970</b>	1976	Bituruna/PR
<b>133 - 1970</b>	1976	Laranjeiras do Sul/PR
<b>134 - 1970</b>	1976	Guarapuava/PR
<b>135 - 1970</b>	1977	Guarapuava/PR
<b>136 - 1970</b>	1977	Altamira/PR
<b>137 - 1970</b>	1977	Pato Branco/PR
<b>138 - 1970</b>	1977	Bituruna/PR
<b>139 - 1970</b>	1977	Rebouças/PR
<b>140 - 1970</b>	1978	Araguari/MG
<b>141 - 1970</b>	1978	Pinhão/PR
<b>142 - 1970</b>	1978	Guarapuava/PR
<b>143 - 1970</b>	1978	Guarapuava/PR
<b>144 - 1970</b>	1979	Guarapuava/PR
<b>145 - 1970</b>	1979	Porto União/SC
<b>146 - 1970</b>	1979	São João Batista/SC
<b>147 - 1970</b>	1979	Guarapuava/PR
<b>148 - 1980</b>	1980	Laranjeiras do Sul/PR
<b>149 - 1980</b>	1980	Irati/PR
<b>150 - 1980</b>	1981	Bituruna/PR
<b>151 - 1980</b>	1981	Sem cidade/Sem estado
<b>152 - 1980</b>	1981	Bituruna/PR
<b>153 - 1980</b>	1982	União da Vitória/PR
<b>154 - 1980</b>	1982	Guarapuava/PR
<b>154 DOCUMENTOS</b>	<b>5 DÉCADAS</b>	<b>5 ESTADOS DO BRASIL</b>

Fonte: Campos, 2015.